

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
CURSO DE JORNALISMO
Marcela Abreu de Souza

Vermelhos como a Aurora:

O impacto de A Rainha Vermelha na vida de jovens leitores

São Paulo

2024

MARCELA ABREU DE SOUZA

Vermelhos como a Aurora:

O impacto de A Rainha Vermelha na vida de jovens leitores

Trabalho de Conclusão de Curso, gênero monografia, apresentado à banca para obtenção do título de bacharel em Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero.

Orientador: Prof. Danilo Bernardes Teixeira

São Paulo

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Prof. José Geraldo Vieira

Souza, Marcela Abreu de

Vermelhos como a Aurora : o impacto de a rainha vermelha na vida de jovens leitores / Marcela Abreu de Souza. -- São Paulo, 2024.

105 f. : il. ; 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade Cásper Líbero, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Bernardes Teixeira.

1. A Rainha Vermelha. 2. BookTok. 3. Consumo. 4. Cultura de fãs. 5. Comunidades virtuais. I. Teixeira, Danilo Bernardes. II. Título.

CDD 306.488

Bibliotecária responsável: Cláudia Luisa Siqueira - CRB 8/10260

AGRADECIMENTOS

Inicialmente gostaria de agradecer à minha família pelo suporte ao longo desses anos de graduação. Em especial, à minha mãe por ter despertado o meu interesse pela leitura e ao meu pai pela força inabalável. Sem vocês, a realização desta monografia e da minha formação na faculdade dos meus sonhos não teriam sido possíveis. Ao meu irmão pelo apoio e momentos de descontração; e também ao meu namorado pelo amor e cuidado incondicionais. Você faz parte da minha família desde o dia um.

Agradeço aos amigos que fiz durante o curso pelas memórias únicas e por compartilharem esses quatro anos junto comigo. Também agradeço às amigadas que perduram desde a época da escola pela lealdade e incentivo constante. Sou muito sortuda por ter amigos como vocês.

Gostaria de agradecer a cada uma das fãs entrevistadas por trazerem luz aos meus dias e me lembrarem o porquê de eu ter escolhido esse tema como pesquisa. Este trabalho também é para vocês.

Também agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha educação, em particular ao meu orientador pela confiança e por ter acreditado não apenas na qualidade deste projeto mas no meu potencial para carreira acadêmica.

E por fim, se possível, gostaria de agradecer aos indispensáveis que me impulsionaram a passar por cada dia - meu cachorro Zeus, livros, playlist de lo-fi no Spotify, dias de sol, bloco de notas, croissant de chocolate do Rockafê, itens de papelaria e, claro, Victoria Aveyard.

Obrigada.

“Go break some thrones.”

— Victoria Aveyard

RESUMO

O objetivo central desta monografia é compreender os impactos culturais e sociais da saga de livros *A Rainha Vermelha* na vida de jovens leitores. Além disso, a pesquisa busca demonstrar como livros populares em comunidades literárias, como o BookTok, possuem um papel fundamental para estimular o hábito da leitura e melhorar este cenário no Brasil. Primordialmente, foi realizada a releitura minuciosa da coletânea completa escrita por Victoria Aveyard, destacando questões relevantes presentes nos cinco livros. Com o material coletado, foram realizadas 22 entrevistas com fãs, analisando suas impressões de leitura, como receberam o conteúdo apresentado e qual foi a influência da trama na vida pessoal e profissional delas. O estudo tomou como base os conceitos de cultura de fãs, comunidades virtuais, cultura da convergência e inteligência coletiva provenientes de livros teóricos, trabalhos acadêmicos, artigos científicos e entrevistas com especialistas no assunto, em destaque a coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (CULTPOP) Adriana Amaral. Também foram promovidos grupos focais e estudos sobre o engajamento e atividades destes leitores nas redes sociais. A partir da investigação da experiência pessoal desses fãs em complemento ao material bibliográfico examinado, a dissertação propõe que o hábito de ler promove mudanças enriquecedoras nos indivíduos, independente do gênero, estilo ou formato utilizados. O consumo de produtos culturais durante a fase de crescimento bem como a vontade inerente dos fãs de se reconectarem e interferirem em histórias nas quais se sentem representados proporciona impacto direto na construção identitária e coletiva dos jovens dentro da sociedade.

Palavras-chave: *A Rainha Vermelha*. Cultura de fãs. *Fandom*. Cultura da convergência. Entretenimento. Política. Leitura. Comunidades virtuais. BookTok. Inteligência Coletiva. Consumo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Comentário de Victoria Aveyard no livro <i>Broken Throne</i>	27
Figura 2 - Livros populares do TikTok na 27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo	33
Figura 3 - Victoria Aveyard respondendo a caixa de perguntas no Instagram	40
Figura 4 - Publicação da página A Rainha Vermelha Brasil no Facebook	64
Figura 5 - AU de <i>A Rainha Vermelha</i> inspirada na música <i>Wildest Dreams</i>	70
Figura 6 - Contas do RPG de <i>A Rainha Vermelha</i>	75
Figura 7 - Interações no grupo de AUs de <i>A Rainha Vermelha</i>	80
Figura 8 - Victoria Aveyard e fãs de <i>A Rainha Vermelha</i> na 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo	83
Figura 9 - Produtos oficiais de <i>A Rainha Vermelha</i>	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características dos fãs de <i>A Rainha Vermelha</i> entrevistados	12
Quadro 2 - Temas dos grupos focais correspondentes a cada fã de <i>A Rainha Vermelha</i>	46

SUMÁRIO

SUMÁRIO.....	8
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1: Qual é a influência do gênero de fantasia na cultura de fãs?.....	16
1.1 Ressignificação dos clássicos e a pluralidade interpretativa entre autor-texto-leitor.....	19
1.2 Entretenimento x Política: a capacidade argumentativa do fã na cultura pop.....	21
CAPÍTULO 2: BookTok como mecanismo para popularizar a leitura entre os jovens...29	
2.1 Cenário de leitura e taxa de alfabetização no Brasil.....	34
2.2 Revolução das comunidades literárias e mudança no hábito de leitura.....	39
CAPÍTULO 3: Real x Imaginário: questões socialmente relevantes que permeiam a saga de livros.....	45
3.1 Luta pela igualdade e o reflexo das desigualdades sociais.....	47
3.2 Jornada do herói e o processo de construção identitária.....	52
3.3 Empoderamento feminino e o papel da mulher na sociedade moderna.....	56
CAPÍTULO 4: Como o <i>fandom</i> molda o comportamento do indivíduo?.....	62
4.1 <i>Fanfics</i> /AUs, <i>fanarts</i> e RPGs: principais atividades dos fãs brasileiros.....	67
4.2 Para além da leitura: dinâmica entre os fãs no ambiente online e offline.....	77
4.3 Práticas de consumo e a necessidade de continuidade da história.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
MEMORIAL.....	103

INTRODUÇÃO

Conforme bem colocado pelo filósofo francês Gaston Bachelard, “é mais o objeto que nos escolhe do que nós o escolhemos a ele” (BACHELARD, 2001, apud BECKO, 2021, p. 5). Portanto, é importante ressaltar que o objeto desta pesquisa me selecionou, não o contrário. Visando compreender o propósito deste Projeto Experimental ou simplesmente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), se faz necessário retomar o período antes mesmo da elaboração do pré-projeto no ano passado. Essa escolha de objeto de estudo remete ao ano de 2016, quando tive o meu primeiro contato com a saga *A Rainha Vermelha*. Embora, na época, eu ainda não tivesse nenhuma percepção de que, anos à frente, estaria me formando na faculdade de jornalismo, tampouco de que teria despertado entusiasmo pela área acadêmica, eu já estava me relacionando com a temática de maneira irreversível.

De todos os livros que eu tinha lido até então, este foi o primeiro que eu tive que aguardar a continuação, já que os livros ainda estavam sendo lançados. Eu normalmente evitava sagas que não tinham sido concluídas, justamente para não ter que ficar esperando o lançamento dos próximos livros, mas *A Rainha Vermelha* me pegou desprevenida. Eu não apenas sabia que a obra que estava lendo não era um volume único como não esperava me deparar com assuntos tão profundos e relevantes em um livro de fantasia – que serão esmiuçados ao longo deste projeto. Em um primeiro momento, o meu interesse principal se voltou para o romance entre os personagens, mesmo que escasso. No entanto, após concluir o volume inicial, passei a perceber o potencial crítico e político-social por trás das palavras escritas.

Como já tinham notado o meu interesse pela leitura, meus pais compraram o restante dos livros conforme foram sendo lançados no Brasil. Iniciei a saga no final do ensino fundamental e a concluí quando estava me formando na escola. Logo, com cada publicação, até a conclusão dela, cresci junto com a história. Adquirit uma visão mais madura e analítica dos conteúdos apresentados ao passo que também comecei a acompanhar a autora Victoria Aveyard e conteúdos relacionados – como *fanarts* e memes – nas redes sociais, em especial no Instagram e X, antigo Twitter. Além disso, comprei e ganhei duas novas edições da saga assim como a ilustre bandana da Guarda Escarlata, grupo revolucionário fictício que luta contra a hegemonia da nobreza prateada. E mesmo depois de cinco anos desde a conclusão definitiva da história, ainda me reconheço como fã de *A Rainha Vermelha*, o que acarreta em

duas novas considerações: que eu sou uma *pesquisadora-insider*, ou seja, usufruo de uma elevada familiaridade com o objeto de estudo e atuo ativamente nos espaços de diálogo e celebração a ele dedicados (AMARAL, 2009, apud NALLE, 2021, p. 125), e que, na mesma linha de raciocínio, eu me encaixo na categoria de aca-fã (termo criado por Henry Jenkins que se refere ao pesquisador cujos estudos envolvem um objeto do qual também é fã).

A princípio, a minha relação com o universo de *A Rainha Vermelha* era individualista já que não conhecia muitos fãs no meu círculo social tampouco interagiu em comunidades virtuais. Contudo, após instalar o X em 2019, pude acessar com maior facilidade as produções de fãs bem como as contas deles, como se eu estivesse seguindo e acompanhando os pensamentos dos próprios personagens. Apesar de interagir constantemente nas postagens, sempre me considerei uma fã observadora, demonstrando o meu afeto pela saga mais pelas curtidas, salvamentos e compartilhamentos do que necessariamente conversando com alguém. As conversas, quando ocorriam, eram predominantemente no espaço offline, seja indicando a saga ou trocando opiniões sobre a leitura. Contudo, este trabalho foi a oportunidade perfeita de conhecer novas pessoas e grupos de fãs bem como retomar o contato com amigas criadas a partir desse apreço pelos livros de Aveyard.

Em virtude do seu ineditismo – tendo em vista que não existem trabalhos acadêmicos sobre *A Rainha Vermelha* –, o estudo busca demonstrar a partir de uma obra específica a importância da literatura fantástica na vida de jovens leitores. Ainda que sejam consideradas obras menos prestigiadas ou, ainda, ilegítimas pelo fato de serem populares entre a audiência jovem e não serem grandes clássicos da literatura (determinação bastante questionável, aliás), elas incidem positivamente no quadro de leitura nacional. Nesse sentido, as redes sociais, principalmente comunidades literárias como o BookTok, se apresentam justamente como ferramentas de incentivo à leitura entre o público juvenil e jovem-adulto. O período de quarentena em decorrência da pandemia de Covid-19 desencadeou em um pico de interações online e eventual aumento nos índices de leitura, visto que o tempo livre possibilitou que os agentes realizassem trocas de fã de forma mais efetiva nos ambientes virtuais.

Com o objetivo de integrar os conhecimentos obtidos nesses últimos oito anos sendo fã com as habilidades jornalísticas desenvolvidas durante a graduação, decidi estudar a comunidade de fãs brasileiros de *A Rainha Vermelha*, analisando, do ponto de vista jornalístico, como os hábitos de consumo, impressões sobre a narrativa e comportamento

individual e coletivo influenciam na construção identitária dessas pessoas. Compreendendo o papel das mídias sociais nesse processo, proponho uma dissertação além da minha experiência individual enquanto fã que, embora seja válida, não é exclusiva para suscitar considerações palpáveis sobre o impacto dessa saga no desenvolvimento cultural, social e até humanístico desses leitores. Desse modo, o trabalho propõe responder questões como: Qual é a importância desse tipo de literatura para o público jovem? Como os livros de *A Rainha Vermelha* trabalham temáticas político-sociais? Como os leitores brasileiros interpretam o conteúdo apresentado? Como os fãs se comportam dentro das redes sociais e fora delas?

A partir dessas indagações iniciais, parti para perguntas mais específicas conforme o andamento da pesquisa: Quais são as principais atividades realizadas pelos fãs brasileiros? Por que eles produzem e consomem conteúdos de fãs? Como o *fandom* molda essas práticas? A partir da observação e conhecimento previamente adquirido com grupos online, percebi como esse engajamento na internet é crucial para que obras como *A Rainha Vermelha* – concluída há mais de cinco anos – não sejam esquecidas mas que, muito pelo contrário, continuem sendo indicadas e debatidas entre jovens leitores. O que, por sua vez, reforça a sua relevância não apenas para melhoria no hábito de leitura nacional, mas para a persistência de pautas voltadas, por exemplo, para a desigualdade social e o empoderamento feminino que, independente da época, não deixam de ser pertinentes.

A fim de percorrer todos esses tópicos, primeiro realizei a releitura completa dos cinco livros da coletânea em paralelo com a edição de colecionador da LitJoy que contém comentários ricos da própria escritora sobre quais foram as suas inspirações – incluindo acontecimentos históricos – na redação de certas passagens; o seu processo de escrita que, a princípio, quase foi abandonado no rascunho mas, graças a insistência de seus pais e melhor amiga, pôde ser concluído, além de breves análises psicológicas dos personagens. Simultaneamente a esse estágio preparatório, fiz marcações de tópicos relevantes que permeiam toda a saga, incluindo: o encontro do “eu” (jornada do herói, questionamentos pessoais, autodescoberta e autoaceitação), desigualdades sociais (autoridade e domínio prateado, conflito de classes e preconceito), revolução (rebelião e resistência vermelha, Guarda Escarlata e luta pela igualdade de direitos), empoderamento feminino (feminismo, liderança feminina e representação da força das mulheres e dos seus poderes), estratégias de comunicação (censura e manipulação da informação e ignorância perante a verdade) e, por fim, relações de confiança (lealdades sendo testadas e desafiadas constantemente, formação

de novas alianças em prol de interesses pessoais e coragem em confiar no próximo) – cada item será estudado no capítulo 3, embora alguns com mais ênfase do que outros. Essa etapa foi importante para contestar a visão prévia que eu possuía sobre a saga e relembrar excertos que poderiam ter passado despercebidos na minha leitura preliminar no ensino fundamental.

Posteriormente, busquei trabalhos acadêmicos relacionados com o meu objeto de estudo para solucionar as minhas dúvidas bem como compreender de que forma os pesquisadores realizavam os seus procedimentos metodológicos. Em conjunto com as minhas anotações e o material bibliográfico, realizei um total de 22 entrevistas com fãs de *A Rainha Vermelha* entre 15 e 25 anos de diferentes regiões do Brasil. Iniciei esse estágio conversando com pessoas próximas e outros fãs indicados por elas ao final de cada entrevista. Mas não obtive muito progresso em um primeiro momento, já que não conhecia tantos fãs e a maioria das *fan pages* pareciam estar inativas. O que alavancou de vez as minhas entrevistas foi eu ter contatado uma conta no X com mais de 12 mil seguidores que não apenas demonstrou interesse em colaborar com a minha pesquisa mas me adicionou em um grupo de fãs – cuja principal atividade é o consumo de *fanfics* – com 80 integrantes. Além disso, uma das *fan pages* que contatei tanto no Instagram quanto no Facebook, chamada A Rainha Vermelha Brasil, me deu um retorno positivo e publicou o meu convite de entrevista nos *stories* para quem tivesse interesse em participar. Consegui agendar um dia com todas as pessoas que me chamaram no Instagram e/ou X, e passei o mês de março inteiro fazendo entrevistas via Zoom, o que deu a motivação necessária para eu dar prosseguimento aos meus estudos.

Quadro 1 - Características dos fãs de *A Rainha Vermelha* entrevistados

Entrevistados	Características
Entrevistado 1	24 anos, feminino, graduação completa em jornalismo, analista de marketing, São Paulo
Entrevistado 2	25 anos, feminino, graduação completa em direito, auxiliar de escritório, São Paulo
Entrevistado 3	22 anos, feminino, graduação completa em jornalismo, analista assistente, São Paulo
Entrevistado 4	20 anos, feminino, formada no curso de teatro, figuração, São Paulo
Entrevistado 5	15 anos, feminino, cursando o ensino médio, São Paulo

Entrevistado 6	20 anos, feminino, cursando o ensino superior em jornalismo, estagiária, São Paulo
Entrevistado 7	19 anos, feminino, cursando o ensino superior em nutrição, estagiária, Pernambuco
Entrevistado 8	18 anos, feminino, cursando o ensino superior em jornalismo, Rio de Janeiro
Entrevistado 9	15 anos, feminino, cursando o ensino médio, Santa Catarina
Entrevistado 10	22 anos, feminino, cursando o ensino superior em estatística, estagiária, São Paulo
Entrevistado 11	22 anos, feminino, graduação completa em geologia, cursando o mestrado, Rio Grande do Sul
Entrevistado 12	19 anos, feminino, cursando o ensino superior em sistemas de informação, fazendo iniciação científica, Minas Gerais
Entrevistado 13	20 anos, feminino, ensino médio completo, São Paulo
Entrevistado 14	20 anos, feminino, cursando o ensino superior em jornalismo, estagiária, São Paulo
Entrevistado 15	21 anos, feminino, graduação completa em jornalismo, redatora, São Paulo
Entrevistado 16	21 anos, feminino, cursando o ensino superior em gestão de recursos humanos, Rio de Janeiro
Entrevistado 17	22 anos, feminino, cursando o ensino superior em engenharia de energia, Minas Gerais
Entrevistado 18	21 anos, feminino, cursando o ensino superior em engenharia de produção, São Paulo
Entrevistado 19	20 anos, feminino, cursando o ensino superior em produção cultural, analista de marketing e social media, Rio de Janeiro

Entrevistado 20	19 anos, feminino, cursando o ensino superior em ciências biológicas, São Paulo
Entrevistado 21	18 anos, feminino, ensino médio completo, realizando o cursinho pré-vestibular, Rio de Janeiro
Entrevistado 22	19 anos, feminino, cursando o ensino superior em direito, estagiária, São Paulo

Fonte: Próprio autor

Consegui entrevistar uma parcela considerável de fãs de diferentes idades, áreas de interesse e partes do Brasil, mas não consegui localizar nenhum homem para contribuir com esta etapa. Embora a variedade de entrevistados seja sempre importante, essa ausência não afetou os dados obtidos tampouco a consolidação do trabalho como um todo. Do mesmo modo, esperava encontrar somente fãs que, assim como eu, se interessassem pelas premissas político-sociais desenvolvidas ao longo dos cinco livros mas, felizmente, encontrei muito mais. Mesmo que inicialmente eu tenha ficado relutante e surpresa com tantas respostas contrárias àquelas que esperava encontrar, passei a compreender que existem diferentes maneiras de ser fã e que a experiência de cada um é única, variando de pessoas para pessoa.

Com o material devidamente decupado, convidei 12 fãs para participar de três grupos focais – portanto, quatro pessoas em cada grupo –, distinguindo-as pela temática que mais enfatizaram durante a leitura e entrevista individual, conforme iremos conferir com mais detalhes no capítulo 3. Devido às barreiras geográficas – haja vista que uma parcela significativa de pessoas mora em outros estados – e à disponibilidade de tempo das entrevistadas, os grupos focais seguiram o modelo online, via Zoom. Apesar do encontro presencial ser um facilitador para que o moderador observe qualquer tipo de interação entre os participantes, novamente, isso não foi um impeditivo de modo que consegui examinar de perto como os tópicos selecionados impactaram e ainda impactam a vida dessas leitoras mesmo anos após a consolidação da leitura.

Em complemento aos livros teóricos, artigos e trabalhos acadêmicos analisados assim como levantamentos estatísticos sobre o quadro de leitura no Brasil, entrevistei duas especialistas em comunicação social e ciências da comunicação, respectivamente, sendo elas a doutora Adriana Amaral, professora do mestrado e doutorado na Universidade Paulista (UNIP) e Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e coordenadora do Laboratório

de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (CULTPOP). Bem como a doutora Giovana Santana Carlos, pesquisadora de comunicação digital, cultura pop, cultura de fãs e romances de amor, também integrante do CULTPOP e do Grupo de Pesquisa em Tecnologia e Ficção (TECFIC). Essas entrevistas direcionaram completamente a minha monografia e pude ter uma nova percepção de como gostaria de iniciar o meu trabalho acadêmico – o primeiro de muitos. Afinal, nos próximos anos pretendo dar continuidade com o que aprendi no bacharelado e me especializar na área de comunicação, produzindo artigos, teses, materiais de estudo e promovendo pesquisas acadêmicas.

O trabalho que se segue apresenta um estudo sobre as comunidades de fãs de *A Rainha Vermelha* no Brasil dentro dos ambientes online e offline, analisando – com base na minha perspectiva enquanto aca-fã – quais são as transformações causadas a partir da leitura desta saga nos jovens. Ademais, o projeto busca demonstrar não somente como a leitura em si mas as interações e debates nas redes são um importante mecanismo de engajamento político, fundamental para o amadurecimento individual e, conseqüentemente, para a preservação e manutenção da cidadania. “Não há como não pensar que a caça por fãs seja, no fundo, uma busca por compreensão de suas próprias paixões, de suas próprias práticas, de sua própria identidade” (REBLIN, 2021, p. 3).

Nesse sentido, o projeto se divide em quatro capítulos, à parte desta introdução e das considerações finais. O primeiro ressalta o valor do gênero de fantasia em contraposição a sua desvalorização histórica quando comparada aos livros clássicos, apresentando pormenorizado o enredo de *A Rainha Vermelha* e introduzindo conceitos base como a cultura de fãs e a cultura da convergência. Já o segundo, levanta dados específicos sobre o consumo de livros e os hábitos de leitura no país, evidenciando as comunidades digitais e o fenômeno do BookTok como meios de melhorar este cenário. Na sequência, o terceiro revela os três tópicos centrais desenvolvidos por toda coletânea que influenciam na vida pessoal das fãs entrevistadas, analisando trechos dos livros paralelamente aos grupos focais. E, por fim, o quarto demonstra quais são as principais práticas do *fandom* brasileiro, especificando o que exatamente são cada uma delas, como funcionam as suas dinâmicas e práticas de consumo. É importante frisar que longe de fazer afirmações definitivas e enxutas sobre o tema, o objetivo desta dissertação é contribuir com novas referências e propor diferentes discussões a respeito do universo da cultura de fãs.

CAPÍTULO 1: Qual é a influência do gênero de fantasia na cultura de fãs?

A consolidação da fantasia como um gênero literário relevante e influente na vida das pessoas ainda é um marco muito recente, haja vista que este espaço era incumbido apenas para a literatura clássica. A variedade de perspectivas, gêneros e estilos literários demorou a ser bem recebida pelos críticos, responsáveis pela perpetuação do preconceito literário ainda presente, embora em menor escala. Esta supervalorização de determinado gênero com relação a outro sempre existiu, principalmente quando os autores buscavam inovar e usar novos formatos, pouco difundidos até então. Apesar de atualmente ser considerado um poeta renomado do gênero dramático, até Shakespeare foi alvo de julgamentos e estereótipos durante a sua época.

Saiba, por exemplo, que um professor de literatura inglesa contemporâneo de Shakespeare (1564-1616) ficaria espantado se lhe dissessem que Shakespeare era literatura.

– *Impossible! Never!* Aquele sujeitinho que escreve peças cheias de bêbados e desordeiros, e que é aplaudido por plateias fedidas e barulhentas?

Alguém hoje duvida que Shakespeare seja literatura com ele maiúsculo e tudo? Aprenda então o vivíssimo leitor que ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões! (LAJOLO, 2001, p. 13).

O ato de produzir e consumir literatura era um prestígio restrito aos intelectuais das camadas mais abastadas da sociedade. Foi a partir dos ideais da Revolução Francesa no século XVIII que esse domínio começou a ser questionado, instigando mudanças profundas no quadro político e social da França – e consequentemente do mundo por intermédio da Primavera dos Povos, onda de movimentos revolucionários de cunho liberal fora do território francês. Influenciado pelos ideais do Iluminismo, o ato de ler passou a ser atrelado a um movimento humanista, racionalista e social, o que desencadeou em maior liberdade artística para os autores e autonomia para novos leitores.

A principal consequência deste movimento, além do progressivo acesso à literatura para todas as camadas da sociedade, foi o livre-arbítrio que os escritores adquiriram para produção de suas próprias obras. Tendo em vista que a literatura é a construção de uma realidade recriada a partir do espírito do artista (COUTINHO, 1975), era esperado maior variedade de traços narrativos dado a quantidade de particularidades humanas existentes. De acordo com H. P. Lovecraft, renomado escritor estadunidense, “o fantástico está ligado à literatura desde que o homem adquiriu o poder da linguagem. Mesmo antes da escrita, as histórias que eram contadas pelos povos primitivos eram carregadas de elementos

sobrenaturais” (LOVECRAFT, 2008, apud CARMO, 2015, p. 1). Apesar da relevância das suas descobertas acerca dos povos originários, Lovecraft não foi o primeiro a reconhecer a importância da fantasia para a sociedade. O filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov foi uma das figuras pioneiras na valorização deste gênero: “A literatura fantástica é como um terreno estreito mas privilegiado a partir do qual podem deduzir-se hipóteses referentes à literatura em geral” (TODOROV, 1980, p. 81).

A segregação entre gêneros categorizados como mais ou menos prestigiados limita a experiência de leitura, além de privar o leitor de usufruir conteúdos valiosos para construção do repertório e até da própria identidade. O intuito em demonstrar o preconceito perante obras de fantasia, especificamente, não é o de desvalorizar a literatura clássica, muito pelo contrário: independentemente do gênero utilizado, qualquer forma de manifestação artística é válida. Afinal, “em literatura, o que se diz é tão importante como a maneira de dizê-lo” (TODOROV, 1980, p.51). Deste modo, a concepção do conteúdo e da forma narrativa, intrinsecamente, são mais indispensáveis para o produto final do que os diferentes modos existentes de fazê-lo.

Um prognóstico para a desvalorização da literatura fantástica em contraponto à literatura clássica pode ser analisado a partir do tempo de conservação da última. Ninguém questiona a importância de obras como *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Dom Quixote* de Miguel de Cervantes ou mesmo *Os miseráveis* de Victor Hugo justamente pelo seu tempo de consolidação como histórias universais e atemporais. Tendo em vista que “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1993, p. 11) entende-se que a sua essência sempre permanecerá atual e relevante, independente de quanto tempo passe desde o momento de publicação até a leitura ser realizada. Em contrapartida, este tipo de classificação dos clássicos como obras primorosas e intocáveis já estaria definida de antemão e de modo inquestionável. Essa investigação abre lacunas a respeito da cultura em que a nossa sociedade vive atualmente. Para que obras escritas em um período histórico recente sejam consideradas clássicas no futuro bastaria que a sua importância perdurasse por bastante tempo?

A questão acima apresenta certa fragilidade por ignorar outra questão fundamental para rotular um livro como clássico: ter servido de inspiração para criar novas obras. Em sua maioria, os autores clássicos se destacam por terem retratado noções inovadoras e que fugiam das suas concepções de espaço e tempo – por mais que, na época, não soubessem disso. Suas

criações foram precursoras da literatura contemporânea, influenciando, mesmo que indiretamente, escritores a refletirem acerca da sociedade em que estão inseridos. Entretanto, torna-se difícil dimensionar precisamente como cada um destes clássicos pautou as narrativas ficcionais mais recentes, uma vez que há muito deixamos de viver em uma cultura essencialmente clássica.

Um ponto que, por sua vez, parece ultrapassar gerações é a função da literatura de se basear em elementos da realidade na construção das suas histórias. Ainda que a fantasia, à primeira vista, não aparente ter nenhuma similaridade com a realidade, é possível estabelecer relações entre as duas, como bem colocado por Todorov em sua obra *Introdução à literatura fantástica*:

Longe de ser um elogio do imaginário, a literatura fantástica apresenta a maior parte do texto como pertencente ao real, ou, com maior exatidão, como provocada por ele, tal como um nome dado às coisas lhes preexistam. A literatura fantástica nos deixa entre as mãos duas noções: a da realidade e a da literatura, tão insatisfatória a uma como a outra (TODOROV, 1980, p. 87).

Não é apenas comum como esperado que autores contemporâneos trabalhem com pautas socioculturais na construção dos seus mundos. A imaginação do escritor pode produzir fantasias originais, mas nunca alheia à realidade que o cerca. Seja de modo intencional ou não, o indivíduo possui a capacidade de interpretar a vida de maneiras distintas e individuais. É justamente essa característica tão humana que permite que a fantasia – ou qualquer forma de literatura e manifestação artística – constantemente aborde questões atuais, mesmo que a sua representação seja feita da forma mais natural e simples possível, quase imperceptível aos olhos pouco atentos. Uma vez que todo e qualquer tipo de obra literária é originária do espaço e tempo em que foi produzida, ela pode ser entendida como um relato de um observador privilegiado sobre um dado contexto histórico-social.

É interessante analisar, porém, que muitos leitores desfrutam da literatura fantástica como mecanismo de “fuga da realidade”. Não é incomum ouvir – especialmente durante o período de isolamento social que foi promulgado em março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), em decorrência da pandemia de Covid-19 – como estas obras são uma alternativa para escapar das preocupações cotidianas e embarcar em mundos fictícios. Prova disso foi uma pesquisa da Nielsen (empresa global de medição de dados e análises de audiência) de 2021, encomendada pelo Grupo Record, que aponta o crescimento do segmento de fantasia no mercado editorial, com um aumento de 61% no número de vendas desde o início da quarentena.

Por mais componentes mágicos que possam existir nos livros de fantasia, eles ainda refletem o contexto histórico e social vivido pelo escritor. Sendo assim, há uma contradição clara entre o objetivo de ler uma história fantástica com o conteúdo ali retratado. O leitor estaria apenas fugindo de uma realidade para adentrar outra cuja interpretação não necessariamente reflete a real intenção ou visão do autor no momento de criação da obra. Se um mesmo texto comporta infinitas interpretações (ECO, 1988), então o leitor é capaz de compreender a própria realidade de maneiras tão variadas quanto as do escritor.

1.1 Resignificação dos clássicos e a pluralidade interpretativa entre autor-texto-leitor

Durante muito tempo os críticos propagaram a ideia de que o texto literário era a única expressão dos pensamentos de seu autor, o que impedia que o leitor participasse ativamente no seu processo de assimilação. Em confronto com essa noção, Umberto Eco propôs um novo conceito acerca do papel colaborativo do texto literário em seu livro *Lector In Fabula: A Cooperação Interpretativa nos Textos Narrativos: o Leitor-Modelo*. Segundo Eco, todo texto é incompleto porque pressupõe a colaboração de um determinado destinatário, ou seja, “todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (ECO, 1988, p. 37). A princípio, existem duas razões para que um texto esteja entremeado de espaços em branco:

Antes de tudo porque um texto é um mecanismo preguiçoso (ou econômico) que vive da valorização de sentido que o destinatário ali introduziu; e somente em casos de extremo formalismo, de extrema preocupação didática ou de extrema repressividade o texto se complica com redundâncias e especificações ulteriores — até o limite em que se violam as regras normais de conversação. Em segundo lugar, porque à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, embora costume ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade (ECO, 1988, p. 37).

Portanto, “um texto é emitido por alguém que o atualize – embora não se espere (ou não se queira) que esse alguém exista concreta e empiricamente” (ECO, 1988, p. 37). Essa atualização se mostra necessária para derrubar as inúmeras barreiras existentes nas obras clássicas que impedem que uma parcela considerável de jovens leitores se interesse por esse tipo de material – dilema recorrente principalmente durante o período de leitura de livros obrigatórios para o vestibular. Em entrevista, Giovana Santana Carlos, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e integrante dos Grupos de Pesquisa CULTPOP (Unisinos) e TECFIC (PUCRS), diz acreditar que o problema não

consiste apenas na linguagem, mas no consumo de mídia no geral. A preferência por publicações mais imediatistas e curtas nas redes sociais, por exemplo, pode afetar diretamente a disposição destes leitores a ler livros literariamente mais densos. A leitura já é uma atividade lenta, longa e que demanda foco por si mesma. Isso se intensifica ainda mais quando o livro escolhido retrata um século passado em um ambiente completamente inabitual, repleto de palavras e conjugações que caíram em desuso com o passar dos anos.

Também é importante frisar a dificuldade na interpretação de textos, realidade ainda muito presente no cotidiano do brasileiro. A doutora Giovana explica: “às vezes não é apenas a questão da palavra rebuscada, mas sim da própria interpretação de texto, que vai um pouco mais além do que entender a palavra em si”. Como o leitor pode atualizar e dar novos sentidos à leitura se o seu processo de captação da mensagem se mostra ineficiente? Não basta que o leitor assimile o significado de vocabulários complexos ao longo do texto se ele não consegue compreendê-lo em sua totalidade. Este impasse dialoga diretamente com os dados de alfabetização no Brasil e o déficit do hábito de leitura entre a população, que não diz respeito somente a uma geração específica, uma vez que tanto jovens quanto adultos podem apresentar o mesmo problema. Ainda assim, para esta pesquisa, o enfoque sobre este assunto será aprofundado exclusivamente entre os jovens, no próximo capítulo.

Apesar das controvérsias, não se deve subestimar o potencial dos jovens de lerem os clássicos – ao menos que ele possua alguma defasagem na aprendizagem, conforme destacado acima. Não apenas há um amplo e facilitado acesso, nesta era digital, para checar expressões antigas como o simples fato desses indivíduos terem acesso a internet já os tornam escritores e leitores ativos, mesmo que de maneira superficial. Além disso, é muito comum observar obras clássicas sendo ressignificadas ou transferidas para outros formatos midiáticos com o objetivo de facilitar essa relação entre leitor e escritor, embora o último não seja o nosso foco. Um bom exemplo dessa readaptação na literatura pode ser verificado no livro *A Odisseia de Homero adaptada para jovens*, escrito por Frederico Lourenço e ilustrado por Richard de Luchi. Sequência da *Iliada*, a *Odisseia* de Homero é um dos livros mais prestigiados na história da literatura ocidental. Por remeter ao gênero épico da Grécia Antiga, a obra tende a ser desafiadora para aqueles que não estão acostumados. Pensando nisso, Lourenço decidiu trazer o texto poético do autor para uma linguagem mais acessível ao público jovem, sem perder a autenticidade do cânone. Este tipo de livro é um caminho para facilitar o processo cooperativo de interpretação entre autor-texto-leitor em conformidade com a teoria de Eco

que foi apresentada anteriormente. Por maior que seja o número de interpretações possíveis, uma ecoa a outra, de modo que não se excluem, mas antes, se reforçam mutuamente (ECO, 1988), o que provoca mudanças construtivas e individuais diretas sobre os leitores.

Além de aumentar o vocabulário e proporcionar novas fontes de conhecimento, o exercício da leitura é fundamental para estimular tanto o senso crítico quanto a prática da empatia. Então mesmo que não estejamos vivendo em uma sociedade cheia de criaturas mágicas ou superpoderes, involuntariamente mergulhamos nas aventuras dos personagens, percebemos as suas dores e conflitos internos e podemos até simpatizar com o modo em que vivem e como lidam com os seus dilemas pessoais. O efeito catártico é a principal consequência dessa identificação, o que propicia ao observador sentimentos de felicidade, reflexão e até purificação interior em casos de extrema sintonia.

Aristóteles não fala (como, durante séculos, se pensou) de critérios de medidas e ordem, ou de equilíbrio orgânico, mas de um outro critério: o elemento fundamental da tragédia é o enredo, e o enredo é a imitação de uma ação cuja finalidade, cujo *télos*, é seu efeito, seu *érgon*. Este *érgon* é a *kátharsis*. Bela – ou bem-sucedida – é a tragédia que sabe provocar a mais completa purificação. Portanto, o efeito catártico é uma espécie de coroamento final do empreendimento trágico, que não reside na tragédia enquanto discurso escrito ou representado, mas enquanto discurso recebido (ECO, 1992, p. 288).

Por vezes, o envolvimento emocional com o universo e personagens da obra é tão intenso que os leitores podem se tornar fãs. E mais: podem até chegar a expor as suas opiniões sobre a narrativa e compartilhar conteúdos derivados dela entre si.

1.2 Entretenimento x Política: a capacidade argumentativa do fã na cultura pop

Antes de adentrar nas especificações que englobam o universo da cultura de fãs, estabelecer uma definição é fundamental (mesmo que a sua designação esteja longe de ser definitiva, já que existem inúmeros jeitos de ser fã). Afinal, o que é um fã? De acordo com entrevista realizada com Adriana Amaral, doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias (CULTPOP), ser fã “é um investimento de tempo, dinheiro, afeto e energia em um determinado produto cultural que a gente se identifique e que traga um nível de satisfação para as nossas vidas”. A partir desta

noção, é possível constatar que há um motivo bem específico para uma pessoa ser fã de algo ou alguém: o produto em questão precisa dizer algo sobre ela mesma, se não, não seria possível tanto engajamento e admiração.

Em termos científicos, o *Nucleus Accumbens* (região do cérebro responsável pela via de recompensa) é ativado quando um fã entra em contato com um conteúdo que ele gosta. Em resposta, o corpo estimula a produção de endorfina e dopamina, o que nos causa um sentimento de prazer. Além disso, também é importante ressaltar a existência dos *Neurônios Espelho*, ligados ao aspecto da imitação. Descoberto pelo neurocientista Giacomo Rizzolatti e colaboradores, na década de 1990, esse grupo de neurônios faz com que nos coloquemos no lugar da outra pessoa e imaginemos o que ela está passando. Esse sentimento de empatia proporciona uma identificação inconsciente, de modo que os fãs passam a se inspirar na pessoa ou objeto midiático, moldando os seus jeitos de falar, pensar e até agir.

Tendo em vista que a fase de crescimento da adolescência para a vida adulta é um momento decisivo para o processo de formação de qualquer pessoa, é normal que essa audiência busque produtos culturais para se inspirar. Especialmente diante do fluxo de informações e praticidades tecnológicas que possibilitam maior contato com a cultura pop, intrínseco no cotidiano desses usuários. Contudo, diferentemente de um consumidor usual, que não prolonga a sua relação com dado objeto para além do seu próprio consumo, um fã inevitavelmente precisa ser alguém engajado e emocionalmente comprometido com uma narrativa ou texto (SANDVOSS, 2013).

Embora os debates e estudos acerca da cultura de fãs tenham se aprofundado com o passar dos anos, nem sempre foi assim. Em meados da década de 1970, o fã ocupava um lugar marginal e estereotipado nas pesquisas pioneiras sobre o universo da cultura de massas (MONTEIRO, 2005), sendo visto como um indivíduo alienado e facilmente manipulável. Apenas na década seguinte, o fã passou a assumir um caráter mais ativo e de consequente destaque no que diz respeito aos estudos culturais. Não obstante, Henry Jenkins (2022) aponta para como a convergência – fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia – dos meios de comunicação impacta substancialmente no modo como nós consumimos esses meios. O autor ainda traça um paralelo entre a indústria midiática e os seus consumidores, sendo que a primeira é diretamente influenciada pela segunda e vice-versa, apontando para

uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação.

Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos (JENKINS, 2022, p. 49).

À vista disso, há uma explicação muito clara para o termo “fã” ter sido associado, durante muito tempo, a uma patologia e conotação pejorativa. “A cultura popular e os prazeres que fãs e espectadores obtêm com ela surgem em oposição à ‘alta cultura’ oficial e burguesa.” (FISKE, 1992, apud SANDVOSS, 2013, p. 10) Por um lado, essas produções eram criticadas por supostamente destruir os valores morais e tradicionais da época, formando pessoas – em especial jovens – rebeldes. Por outro, essa cultura era vista como fruto de um mercado cuja única preocupação era o lucro, provocando uma alienação desmedida no público. Vale ressaltar que o entretenimento nada mais é que fruto da Indústria Cultural, ou seja, mesmo sem trabalhar abertamente com uma pauta específica, ele não é avulso à sociedade em que foi produzido.

O conceito de Indústria Cultural surgiu, em 1947, no livro *Dialética do Esclarecimento* a partir dos trabalhos de Theodor Adorno e Max Horkheimer – autores da primeira geração da Escola de Frankfurt – em oposição ao conceito de Cultura de Massa já que poderia transmitir a ideia errada de uma cultura “do povo”. Neste sentido, ela se refere à maneira de produzir e consumir cultura em grande escala, dentro de um esquema mais interessado no lucro em si do que necessariamente pela qualidade do produto final. Não existe compromisso algum com a criação de uma obra artística neste sistema, haja vista que os produtores visam apenas o valor monetário e a padronização da mercadoria produzida, o que impediria a conscientização dos indivíduos. Esse processo pode suscitar nos seguintes aspectos:

a) a cultura transformada em mercadoria perde o seu valor crítico; b) seduz os indivíduos com produtos que não incitam a crítica e mascaram a realidade sujeitando-os aos interesses do capital; c) a partir do aperfeiçoamento da técnica, a produção e reprodução da cultura deixa o seu caráter genuíno para ser produzida como qualquer outra mercadoria (SANTOS, 2014, p. 27).

Conforme elucidado por Tamires Dias dos Santos (2014), mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), a Indústria Cultural, de fato, possui o poder de privar a criticidade dos indivíduos; não quer dizer, no entanto, que quem a consome está fadado à alienação. É importante prestar atenção em todo produto cultural que consumimos porque é exatamente disso que se trata: um produto que foi altamente elaborado dentro de um sistema industrial com vistas ao lucro (MARTINO; MARQUES, 2022). Todo objeto cultural representa apenas um recorte da realidade, isso não significa que os seus consumidores serão manipulados pelo conteúdo ali retratado, muito pelo contrário. Esses produtos podem desencadear debates cruciais para o funcionamento da cidadania, garantindo direitos sociais e coletivos dentro de uma rede de troca mútua, também conhecida como *fandom* (esse tema será trabalhado com enfoque específico no capítulo 4). Estaremos, portanto, invertendo o papel de consumidores passivos para ativos, compreendendo assertivamente a complexidade que estas produções assumem.

Desta maneira, seria tanto o gênero de fantasia com os clássicos quanto a cultura popular com a chamada “cultura erudita” partes de uma mesma luta contra uma hegemonia permanente e dominante? Ainda que a desinformação, discursos de ódio e teorias conspiratórias tenham tomado as mídias sociais, Jenkins (2022) destaca como este mesmo espaço tem apagado as linhas entre fãs e ativistas que se apropriam de uma linguagem tipicamente popular como forma de resistência sutil, mas eficiente. Essa relação que o fã possui com os produtos da mídia, assumindo um papel de alguém interessado em argumentar, questionar e até mesmo interferir na produção, pode ser desfrutada como ferramenta de engajamento político. Seja por intermédio de uma autorreflexão crítica ou de interação com outros fãs acerca da narrativa, o seu conhecimento aprofundado sobre determinado produto cultural admite um vínculo profundo entre entretenimento e política, principalmente no que diz respeito às políticas de identidade e disputas por representação.

Graças à ampliação dos meios de comunicação, impulsionada pela internet, este vínculo tornou-se mais evidente nos últimos anos. Contudo, por mais incongruente que estes dois conceitos possam parecer, política e entretenimento sempre andaram juntos, assim como o gênero de fantasia e acontecimentos factuais, conforme elucidado no início do capítulo. No período aristotélico, o filósofo já definia o homem como um animal político, ou seja, detentor de uma necessidade inerente ao ser humano de conviver em sociedade e participar da vida política. O ser social invariavelmente irá incorporar concepções e valores para aquilo que cria

e, ao pensar no entretenimento como produto, entende-se que foi criado e instigado pelas vivências de alguém. Logo, incorporado ao fator de recorte da realidade, é impossível lidar com um objeto cultural puro, sem qualquer interferência política-social envolvida.

A cultura pop, desde o início do século XX, com o advento do rádio, cinema e, posteriormente, da televisão, tornou-se um importante espaço de discussão e veiculação política. Desde então, a sua sutileza ao abordar temáticas sociais relevantes inconscientemente instiga o interesse do consumidor, que pode passar a analisar dado produto cultural como mecanismo para tratar de problemas cotidianos. Vale ressaltar que o sentido dado à política nesta pesquisa, primordialmente, se refere às relações de poder e aos modos de viver de uma sociedade, mais especificamente daquela narrada na saga de livros *A Rainha Vermelha*.

As relações de poder não estão apenas na “grande política” das eleições ou do governo: nas microrrelações do cotidiano encontramos todo um jogo de estratégias, posicionamentos e desigualdades entre as pessoas, como lembra o filósofo francês Michel Foucault. A política, aqui, está ligada às diferenças entre os lugares que cada pessoa ocupa na sociedade e sua capacidade de agir com autonomia (MARTINO; MARQUES, 2022, p. 49).

A história criada pela autora norte-americana Victoria Aveyard (2015), 34, retrata uma sociedade estruturada de acordo com a cor do sangue, de modo que prateados e vermelhos vivem separadamente. A participação no governo do país é restrita à elite prateada cujos poderes sobrenaturais a equiparam a deuses. O trono é passado de geração em geração a partir de uma monarquia absolutista onde os nobres das Grandes Casas se reúnem frequentemente com o soberano para participar do conselho real, sendo distinguidos pela força de sua família, território e recursos.

Já a população vermelha é excluída da participação política, sem qualquer representação no governo, sujeita a servir aos prateados através do trabalho escravo nas cidades técnicas ou das leis de recrutamento da guerra que perdura há quase um século entre Norte e Lakeland, principais reinos da saga. A escassez de empregos desencadeia em uma série de problemas nas comunidades vermelhas, dentre elas o alistamento obrigatório das Forças Armadas para maiores de dezoito anos, que pode persistir durante várias décadas com períodos de baixa antes da dispensa ou até o soldado não ter mais condições físicas de servir. Além disso, a educação dos vermelhos costuma ser sofrível, uma vez que se concentram apenas em seu trabalho ou em se preparar para o recrutamento. Há ainda regiões em que os

vermelhos criam e aplicam as suas próprias leis perante o descaso dos prateados na organização estatal.

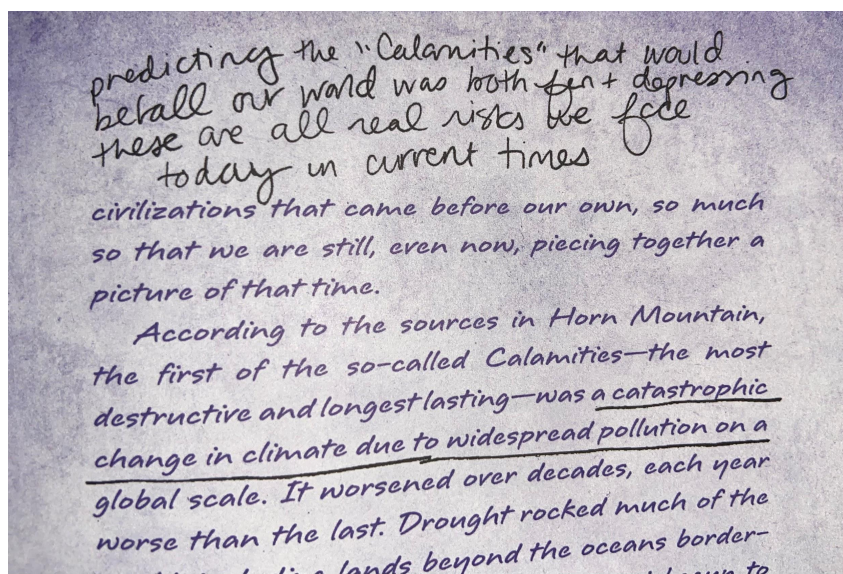
Neste contexto, a trama é narrada a partir da protagonista vermelha Mare Barrow que, sem perspectivas para além do vilarejo humilde em que vive e o recrutamento obrigatório iminente, rouba para ajudar a sua família a sobreviver. Entretanto, para sua própria surpresa, ela consegue um emprego no palácio real onde descobre, diante do rei e toda nobreza prateada, que possui poderes sobrenaturais. Este é o estopim para que uma guerra ideológica seja travada, onde um lado tenta conter a verdade escondida durante centenas de anos através da propaganda e ainda mais repressão enquanto o outro luta contra a conformidade social e o reinado prateado por meio de uma rebelião encabeçada pela Guarda Escarlata, grupo de resistência vermelha que luta pela igualdade de direitos.

Esta forma de representação política no entretenimento já seria suficiente para instigar debates dentro do *fandom* e traçar paralelos a respeito da nossa própria sociedade. Mas vamos além: o que acontece quando a cultura pop se baseia em eventos históricos politicamente relevantes para a construção de suas histórias? O gênero de fantasia seria capaz de trazer o mesmo valor e peso sobre esses episódios quando comparado a formatos hegemonicamente mais aceitos? Como trabalhar tragédias e acontecimentos históricos sensíveis no entretenimento sem cair em estereótipos e concepções unilaterais propagadas durante tanto tempo? Para respondermos a estas questões, tomemos como exemplo a coletânea definitiva de contos redigida por Aveyard (2019) intitulada *Trono Destruido*, que explica ao leitor o contexto histórico por trás da criação deste universo.

Apenas na última obra da saga, descobrimos que a história retrata um mundo distópico após duzentos anos deste que vivemos atualmente. Incorporada pelo personagem Julian Jacos, pesquisador e intelectual, a autora se refere a “Calamidades” como todos os eventos que desencadearam no fim do nosso mundo, pautado antes da Reforma na Era Antiga (EA) – época antes da formação de Norta – quando as civilizações começaram a se assentar e a se reconstruir. A primeira delas – a mais destrutiva e duradoura – é descrita como a “mudança catastrófica no clima devido à poluição em escala global”. As secas se espalharam por boa parte do planeta, suscitando o colapso da agricultura, escassez de alimentos, migrações, revoltas e guerras por recursos. Além disso, a mudança climática também gerou tempestades mortíferas, enchentes, terremotos e a eclosão de vulcões há muito adormecidos. A mudança

de temperatura foi outro agente causador da extinção de diversas espécies de animais e plantas. Outra ação da natureza que marcou esse período foi a aparição de doenças, antes consideradas curáveis, que se espalharam por muitas regiões e provocaram o colapso das civilizações ainda existentes.

Figura 1 - Comentário de Victoria Aveyard no livro *Broken Throne*



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Victoria Aveyard retrata a última Calamidade como um “ato voluntário dos homens” que, em meio a estes desastres, instauraram uma guerra nuclear em escala global. Consequência disso foi o desaparecimento completo de povos, culturas e territórios que se encontram congelados ou cobertos de areia. Doenças causadas pela radiação também se espalharam e países inteiros foram arrasados. A escritora ainda cita as ruínas ficcionais de Wash e Cog que não podem ser povoadas dado o excesso de radiação, permanecendo envenenadas por atos de milhares de anos antes. Alguns desses marcos históricos, como as mudanças climáticas, ainda impactam o mundo distópico trabalhado ao longo dos cinco livros da saga. Na edição de colecionador da LitJoy, a escritora relata como foi divertido e ao mesmo tempo deprimente prever as Calamidades que recairiam sobre o nosso mundo em *Broken Throne*, ressaltando ainda como são riscos reais que enfrentamos atualmente (AVEYARD, 2023, tradução nossa).

Não é difícil pensar que a cultura pop não teria tanto cuidado ao trabalhar com elementos da realidade, principalmente quando pensamos nela como produto da Indústria

Cultural. No entanto, toda relação intertextual que um objeto cultural possui com o passado de uma sociedade não é definitiva, logo ela vai ser atualizada levando em consideração o contexto político-social em que está inserido. O pesquisador britânico John Street sugere que “longe de ser simples diversão associada à alienação ou ao domínio político, o entretenimento pode ser pensado como um instrumento político, seja para manter as formas dominantes de poder, seja como um aspecto de resistência” (MARTINO; MARQUES, 2022, p. 57). No caso da saga de livros *A Rainha Vermelha*, ela se apresenta como um objeto político de resistência. A história não precisa ser explicitamente política o tempo inteiro para ser um mecanismo de questionamento dos fãs e, consequentemente, porta-voz dos sentimentos de mudança.

Seja pelo caráter fantástico, político ou até histórico, é inegável a popularização desta história entre jovens leitores, em especial em comunidades literárias dentro do TikTok – popularmente conhecida como BookTok – ou X, antigo Twitter. Mesmo que a série de Aveyard tenha sido concluída em 2019, as hashtags #rainhavermelha e #arainhavermelha possuem respectivamente 20,6 mil e 13,5 mil publicações no TikTok, conquistando novos fãs e gerando constante engajamento nas redes. Em um âmbito geral, essas mídias são fundamentais para incentivar a leitura entre o público juvenil e jovem-adulto. O modelo prático de publicação, propício para criação de *trends*, debates, recomendações, resenhas e críticas literárias gera um senso de comunidade entre os usuários que, por sua vez, se reconectam com a narrativa e constroem novos vínculos entre si. Em meio ao cenário atual de leitura do Brasil, encontrar fãs ativos de uma saga de livros que retrata pautas políticas tão relevantes não é pouca coisa. Este é justamente o tópico do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2: BookTok como mecanismo para popularizar a leitura entre os jovens

Resultado de diversas transformações digitais e tecnológicas ao redor do mundo, a era da informação ou era digital molda constantemente a forma como vivemos, nos comunicamos e aprendemos no século XXI (MONTEIRO, 2020). Embora alguns estudiosos já apontem para o advento da era pós-digital, é inegável a importância da informação na sociedade em que vivemos atualmente. Especialmente quando pensamos na onipresença da tecnologia em nosso cotidiano, a tal ponto que sequer a notamos. O efeito de imediatismo, aproximação de pessoas e circulação de informações de forma cada vez mais rápida são apenas algumas consequências da modernidade e da reconfiguração dos processos de comunicação.

Se a troca de mensagens instantâneas com uma pessoa do outro lado do globo era uma ideia revolucionária no século passado, hoje a inteligência artificial ocupa esse espaço. Um exemplo mais recente da interferência tecnológica na comunicação pode ser analisado a partir do uso da IA generativa – sistema treinado a partir da linguagem humana para gerar novos conteúdos – na criação e edição de *posts* compartilhados no Instagram ou TikTok. Apesar da origem desta ferramenta remeter à década de 1940, um dos seus maiores picos com o público geral ocorreu no final de 2022 com o surgimento do ChatGPT, desenvolvido pela OpenAI. Mas, afinal, como as tecnologias vigentes incidem nos usuários dentro das esferas comunicacionais? Para responder a esta questão, é necessário voltar um pouco no tempo, quando a internet era novidade e considerado o maior aparato tecnológico do momento.

Para tal, tomemos como base o texto da pesquisadora e advogada brasileira Mariana Valente (2018). Em *Internet e Censura: Quem fala, quem ouve, e quem define a verdade na era digital?*, a autora discorre a respeito das diferenças da internet nos anos 1990 e 2000. Apesar dos potenciais otimistas acerca do seu surgimento, a internet, a princípio, funcionava de maneira excludente não apenas em sua produção – dado a concentração de mão-de-obra barata hispânica no Vale do Silício – bem como no acesso, já que poucas pessoas possuíam a renda e conhecimento técnico necessário para o seu uso. Em vista disso, a participação dentro deste espaço virtual era reservado a uma pequena elite, majoritariamente situada ao norte. É apenas com a criação das redes sociais nos anos 2000 que as pessoas adquiriram a liberdade e

autonomia necessárias para desafiar a própria experiência da internet e os discursos veiculados até então.

Plataformas como o Facebook (fundado em 2004), o Twitter (fundado em 2006), e o YouTube (misto de agregador de mídia com plataforma de difusão de produção própria e expressão por vídeos, fundado em 2005), em que as pessoas podem, em princípio livremente, comunicar a um amplo número de pessoas suas ideias sem qualquer mediação ou *gatekeeping* por atores da imprensa ou da mídia em geral, são sem dúvida uma infraestrutura poderosa de deslocamento de poder. Em um momento em que o acesso à internet já vinha se ampliando, vozes historicamente silenciadas ganharam palanque; no Brasil, claramente, debates sobre questões de gênero, questões raciais e de orientação sexual eram sufocados, encontraram expressão e público nas redes sociais, e passaram a pautar a mídia e a política tradicionais também (VALENTE, 2018, p. 127).

Assim, “a mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder” (CASTELLS, 2013, p. 15). O que nos leva à afirmação inicial do capítulo sobre a informação na era digital: em suma, informação é poder. Principalmente diante da saturação e consumo acelerado de conteúdos que, além de gerar desinformação, pode afetar a capacidade crítica dos usuários. Portanto, a tecnologia é responsável por mediar a comunicação e, conseqüentemente, os indivíduos, uma vez que influencia diretamente nos processos sociais e, em um aspecto mais generalista, transforma as relações humanas.

Embora essas tecnologias estejam progressivamente mais presentes no nosso cotidiano, é importante destacar que ainda há uma parcela de pessoas que não é afetada direta e frequentemente por elas. Mesmo cerca de trinta anos após o surgimento da internet, Henry Jenkins afirma que há diversos obstáculos a serem enfrentados acerca da exclusão digital. Afinal, nem todos os consumidores têm acesso às habilidades e aos recursos necessários para que sejam participantes plenos das práticas culturais trabalhadas ao longo desta monografia (JENKINS, 2022). Já o público que possui está se envolvendo de forma cada vez mais íntima, principalmente no que diz respeito aos novos tipos de interação social e habilidades conceituais da cultura participativa.

Hoje, uma pessoa altamente conectada tem o potencial não apenas de obter como propagar informações – sendo ela apta para execução de tal tarefa ou não. No entanto, isso não significa que esses dados sejam concretos, tampouco verídicos. Resultado disso é a propagação de notícias falsas – também conhecidas como *fake news* – que, em decorrência da quantidade exacerbada de conteúdos circulando na web concomitantemente, pode passar

despercebida e adentrar na agenda pública de um determinado grupo como verdade absoluta. Para atestar a teoria desenvolvida por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970 – que teve como base as ideias de Walter Lippmann no seu livro *Opinião Pública* – devemos considerar as redes sociais como meios de comunicação tão influentes quanto a mídia. Neste sentido, a internet pode se apresentar simplesmente como um conjunto de pluralidade de vozes sem nenhuma legitimidade jornalística. Contudo, ao considerar o caráter ativo dos consumidores discutido no capítulo anterior, é perceptível a sua capacidade de checar e debater informações com embasamento e referências factíveis. Logo, não se deve descartar o potencial da internet – muito menos dos seus usuários – de construir redes de promoção, troca e engajamento grupal.

Todos esses dilemas marcados pelas novas tecnologias digitais fazem parte do que o pesquisador em ciência da informação e comunicação, filósofo e sociólogo francês Pierre Lévy descreve como cibercultura. Efeito da convergência dos meios de comunicação com a informática, a cibercultura é “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, apud MIRANDA, 2021, p. 47). Este ambiente, por sua vez, possibilita uma socialização virtual, ativa, comunitária e livre entre seus usuários que independe da sua localização geográfica.

Como resultado, novas formas de comunidade começaram a surgir. Mesmo que não se limitem exclusivamente ao espaço digital, elas foram potencializadas pelo avanço tecnológico pós-anos 90. As comunidades de fãs foram justamente as primeiras a adotarem e usarem criativamente as mídias emergentes (JENKINS, 2022). A esta subcultura dos fãs é atribuído o termo *fandom*, que é proveniente da junção de *fanatic* (do inglês: fanático) com *kingdom* (do inglês: reino), formando o que seria em tradução literal o “reino dos fãs”. Entende-se, portanto, que é um local que foi criado espontaneamente pelos fãs e para os fãs, onde se pode demonstrar afeição, opiniões, teorias e indignações sobre produtos culturais (SANSEVERINO, 2015). As comunidades são definidas a partir de um interesse em comum entre seus membros e são reafirmadas através de envolvimento emocional e empenhos intelectuais, ambos voluntários. Além disso, os usuários podem tanto mudar de um grupo para outro quanto pertencer a mais de um *fandom* simultaneamente, variando conforme seus próprios gostos.

O conhecimento compartilhado é o maior vínculo que todo grupo possui e ao mesmo foi dado o nome de inteligência coletiva, segundo Pierre Lévy. A sua premissa básica consiste no fato de que é impossível um único ser humano dominar todas as habilidades, ou seja, o conhecimento de um sujeito sempre vai valer para o próximo e vice-versa, alavancando a *expertise* combinada dos membros de uma dada comunidade virtual.

Apenas certas coisas são do conhecimento de todos – coisas de que a comunidade precisa para sustentar sua existência e alcançar seus objetivos. Todo o conhecimento restante é retido por indivíduos que ficam a postos para compartilhar o que sabem quando surge a ocasião. Mas as comunidades devem realizar um atento escrutínio de qualquer informação que fará parte de seu conhecimento compartilhado, já que informações errôneas podem levar a concepções cada vez mais errôneas, pois cada novo entendimento é interpretado à luz do que o grupo acredita ser o conhecimento essencial (JENKINS, 2022, p. 59).

Segundo Jenkins, os fãs foram os primeiros a se adaptar às novas tecnologias, tornando-se participantes plenos no processo de evolução das redes sociais e, conseqüentemente, da construção de sua própria cultura. Diante da variedade de ferramentas disponíveis para extrapolar a criatividade, os fãs deixaram de ser consumidores passivos e passaram a ser produtores culturais ativos. O enfoque deste capítulo, no entanto, não é tratar de quais são os produtos ou atividades desenvolvidos pelos fãs, mas, sim, compreender o espaço em que essas trocas ocorrem.

Denominado anteriormente como Musical.ly, o TikTok é uma rede social de compartilhamento de vídeos que foi lançado na China em 2016 e, posteriormente, no Brasil, em 2018. Nela, é possível encontrar diversos tipos de conteúdos que variam desde humorísticos, gastronômicos e musicais até educativos, informativos e literários. A web pode contribuir positiva ou negativamente com o tempo livre das pessoas, tendo em vista que pode servir tanto como um encorajador de boas práticas quanto causar exatamente o efeito contrário. Por exemplo, um indivíduo com o cotidiano corrido certamente buscaria se distrair por meio de vídeos humorísticos no TikTok. Da mesma forma, que o mesmo usuário poderia estar interessado em se atualizar das últimas notícias que ocorreram naquele dia, procurando conteúdos informativos na rede. Sendo assim, o algoritmo possui um papel crucial na construção da *For You* ou *Para Você*, um feed personalizado que apresenta publicações com base nos interesses e *posts* com os quais o usuário interage (TIKTOK, 2024). Ou seja, quanto mais consumimos determinado tipo de informação, mais chances temos de nos deparar com ela regularmente, fazendo com que fiquemos mais tempo conectados. Logo, é uma escolha

atrair e engajar os seguidores a encontrarem novas leituras (LOH; SON, 2022, apud PEREIRA; MONTEIRO, 2022, p. 163). Como é o caso, por exemplo, dos *sprints* de leitura, que consistem em uma técnica de leitura conjunta no qual os influenciadores digitais criam *lives* para ler durante 30 minutos e depois realizar uma pausa de 15 minutos, relatando as suas impressões pessoais. Qualquer um pode se juntar à *live*, lendo o próprio livro em casa, enquanto acompanha outros usuários simultaneamente pelo celular, como uma espécie de clube do livro virtual. Embora a busca por obras literárias nas livrarias continue sendo uma opção para conhecer novos títulos, a rede de compartilhamento e sociabilidade literária na internet tem se apresentado como alternativa para esta comunidade, uma vez que a troca favorece a escolha mais assertiva da próxima leitura a ser realizada.

Dentre todas as redes sociais de interação grupal e coletiva, o TikTok foi escolhido como tema do capítulo devido ao seu alcance e influência não apenas sobre os jovens, mas também sobre o mercado literário como um todo. Não é incomum encontrar em feiras de livros, eventos literários e em livrarias físicas – especialmente entre 2021 e 2022, durante a flexibilização das medidas de isolamento social – uma seção exclusivamente voltada aos “Sucessos” ou “Fenômenos” do TikTok, onde ficam expostos livros que viralizaram no aplicativo e tiveram um grande número de vendas. *Impostora: Yellowface* de R.F. Kuang, *Mil beijos de garoto* de Tillie Cole e a própria saga de livros *A Rainha Vermelha* de Victoria Aveyard são apenas alguns desses exemplos. Além disso, o BookTok enquanto movimento cultural e participativo iniciado em 2020 – como mecanismo de distração para a crise enfrentada na época – possui implicações pertinentes até hoje no quadro de leitura nacional.

2.1 Cenário de leitura e taxa de alfabetização no Brasil

De acordo com o Decreto-Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018 (BRASIL, 2018), a leitura é um direito social que possibilita a todos as condições necessárias para o exercício pleno da cidadania, para viver uma vida digna e contribuir com a construção de uma sociedade mais justa. Embora a leitura seja considerada uma atividade essencialmente individual, a sua prática traz consequências coletivas, tendo em vista o seu processo posterior de troca entre os leitores mas principalmente o de desenvolvimento humano durante a sua realização. Por meio da literatura, é possível ter acesso a inúmeras realidades de formas e

perspectivas diferentes, o que estimula a empatia, sensibilidade e o senso crítico dos leitores. Além de estimular a cognição humana, esse hábito promove o desenvolvimento da criatividade, aumento do vocabulário, melhor comunicação e ampliação do repertório cultural.

A busca pelo autoconhecimento é impulsionada a partir da leitura, já que passamos a compreender melhor nossos próprios gostos e a maneira como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Por isso a importância da leitura ser incentivada e exercitada desde cedo nas esferas familiares e educacionais. Segundo um dos maiores educadores e pensadores da pedagogia mundial, Paulo Freire (1989), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, antes de iniciarmos a leitura, é necessário compreender o mundo em que vivemos, que engloba tanto as nossas experiências pessoais e subjetivas quanto acontecimentos histórico-sociais mais complexos. Apenas assim, se torna possível traçar um paralelo entre a realidade com aquilo que está sendo lido, visto que foi dado um contexto real à narrativa que, por sua vez, dialoga com o lado mais íntimo e até coletivo do leitor.

Do ponto de vista de uma criança, essa compreensão tem início a partir da linguagem não verbal, já que ela começa a perceber a sua existência por intermédio de imagens, gestos e sons. Visto que a família é a primeira base social que qualquer ser humano necessita para ter uma boa integração na sociedade e fundamentalmente à sua sobrevivência (PICANÇO, 2012), é função dela instruir e encorajar o caminho na educação – e consequentemente na leitura. A escola, enquanto instituição de ensino, tem o papel de dar prosseguimento a formação do indivíduo, corroborando com a alfabetização e integração social dos seus discentes.

É preciso que as instituições escolares, responsáveis pelo ensino da leitura e da escrita, desenvolvam as experiências das crianças e dos adolescentes, de tal sorte que eles possam ler e produzir diversos textos com autonomia. Para que isso aconteça de forma produtiva, é primordial que, desde a educação infantil, a escola tenha a preocupação com o desenvolvimento dos conhecimentos referentes à aprendizagem da escrita alfabética, assim como daqueles ligados ao uso da linguagem escrita (LEMOS, 2011, apud MELO, 2016, p. 22).

Ainda que a educação e o direito à leitura sejam extremamente necessários e previstos em lei, a taxa de alfabetização brasileira expõe cenários preocupantes e que demandam atenção. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (IBGE, 2023), somente no ano passado, haviam 9,3 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade analfabetas no país, o que corresponde a uma taxa de analfabetismo de 5,4%. Em um aspecto mais específico, 9,0 milhões de jovens de 14 a 29 anos não completaram o ensino médio,

tenha sido pela evasão escolar ou por nunca terem frequentado a escola. Dentre eles, 41,7% apontaram a necessidade de trabalhar como fator prioritário.

Até os brasileiros que desfrutaram da leitura durante a sua formação não fogem dos números alarmantes. De acordo com o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2024), 30% da população entre 15 e 64 anos são analfabetos funcionais, ou seja, mesmo sabendo ler, não conseguem compreender e interpretar textos. Ainda que esta taxa tenha diminuído em 10% nas últimas duas décadas, a defasagem neste ramo incide diretamente na dificuldade de encontrar emprego, perspectiva de crescimento profissional e pode acarretar até na exclusão social do sujeito. Então como 9,0 milhões de jovens conseguiriam encontrar um emprego digno, dado a necessidade, se eles não possuem a formação tampouco os conhecimentos técnicos necessários para execução de tal ofício?

A falta de estímulo e investimento nos estudos, o processo de alfabetização tardio e a própria cultura do brasileiro, voltada mais para oralidade do que para a palavra escrita, são apenas alguns fatores que explicam esse déficit educacional. Em termos históricos, a alfabetização se tornou obrigatória no país apenas na década de 1930 com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, que previa um sistema escolar público, gratuito, obrigatório e leigo para todos os cidadãos até os 18 anos (MEC, 2018). Pouco tempo depois, o Brasil entrou na era do audiovisual, com a popularização do cinema e a inauguração da TV Tupi, primeira emissora de televisão do país, na década de 1950. Mesmo com a obrigatoriedade da escolarização, embora atrasada, é perceptível a aderência de conteúdos televisivos sobre os literários. O resultado disso nos dias atuais pode ser verificado na pesquisa Hábitos de *streaming* dos brasileiros (BIANCHI, 2022), feita pelo Instituto FSB Pesquisa e veiculada pela plataforma Roku, que aponta que 74% dos entrevistados preferem assistir a plataformas de *streaming* do que ler um livro. O consumo de ambos materiais é válido e deve ser incentivado. Contudo, a partir do momento que essa preferência afeta a capacidade cognitiva e intelectual dos seus usuários, ela precisa ser repensada.

Segundo o Estudo Internacional de Progresso em Leitura (PIRLS), tradução de *Progress in International Reading Literacy Study*, realizado em 2021 pela *International Association for the Evaluation of Educational Achievement (IEA)* – cooperativa internacional de pesquisa cujo objetivo é avaliar e melhorar a educação ao redor do mundo –, o Brasil está na posição 52ª do ranking internacional de leitura. O levantamento contou com a participação

de 4.941 estudantes do 4º ano do ensino fundamental de 187 escolas, sendo elas públicas e privadas, de todas as regiões do país. O PIRLS é realizado a cada cinco anos, desde 2001, mas esta é a primeira edição que o Brasil participa. Além da pontuação geral, o estudo revela que os países com resultados melhores são aqueles com alta qualidade escolar e equidade na população, como é o caso da Finlândia. É importante frisar que, ao considerar o desempenho médio, há variações consideráveis não apenas entre os países mas dentro deles, de modo que existem leitores muito bons assim como aqueles com dificuldades (PIRLS, 2023).

Em um âmbito mais particular, mesmo os jovens brasileiros que praticam o hábito de leitura possuem o costume de ler uma quantidade anual baixa de livros. De acordo com o relatório Jovens na Ibero-América (FUNDACIÓN SM, 2021), produzido pelo Observatório da Juventude na Ibero-América e promovido pela Fundação SM, 67% dos brasileiros entre 15 e 29 anos afirmam gostar do hábito, mas leem apenas dois livros por ano. Em uma outra pesquisa, intitulada Panorama do Consumo de Livros (NIELSEN BOOKDATA, 2023), encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e realizada pela Nielsen BookData com 16 mil pessoas com 18 anos ou mais, os principais motivos que desmotivam o brasileiro a comprar livros é o fato de serem caros (35%), a ausência de lojas ou livrarias por perto (28%) e a falta de tempo para compra e/ou leitura de um exemplar (26%). Contudo, não é porque uma parcela da população deixou de comprar um livro nos últimos 12 meses que ela necessariamente não o adquiriu de outra forma. Entre aqueles que não compraram estes produtos, 56% encontraram alternativas à compra como o download de PDF e livros digitais gratuitos, empréstimo de amigos, familiares e em bibliotecas ou até terem sido presenteados com um.

Voltando o foco para os compradores de livros desta mesma pesquisa, as suas principais atividades de lazer são usar as redes sociais (50,8%), ler livros em papel ou em formato digital (44,9%) e, logo em seguida, assistir a canais de *streaming* (44,3%). Dedicemos um tempo para análise desta informação. O percentual de brasileiros que compram livros dialoga com os dados apresentados anteriormente a respeito da preferência em consumir *streaming*. A porcentagem das duas últimas atividades de lazer quase se igualam, o que demonstra uma perceptível conformidade em como os entrevistados desfrutam do tempo livre. É importante lembrar que esses números correspondem apenas a indivíduos que compraram livros no último ano, ou seja, quando consideramos quais são as principais

atividades de lazer dos não compradores, usar as redes sociais (44%) e escutar música (35%) aparecem no topo, enquanto ler livros ocupa a 13ª posição, com 9%.

Outro ponto a ser analisado é que os cidadãos que compram livros usam mais redes sociais (51%) do que aqueles que não compram (44%). Este dado é interessante, uma vez que não necessariamente porque as pessoas consomem muito as mídias digitais que elas se sentem desmotivadas a comprar um livro. Não apenas isto, mas é possível levantar hipóteses do porquê usar as redes sociais e ler livros são as principais atividades de lazer dessas pessoas. E por que não considerar que um está relacionado ao outro? A princípio, em um caráter mais lógico, há maior viabilidade para usuários que estão usando as redes sociais consumirem livros digitais uma vez que já estão acessando a web. Indo mais além, estas mesmas redes têm influenciado diretamente nos hábitos de leitura dos jovens e adolescentes.

Segundo a pesquisa Retratos da Leitura em Eventos Literários e do Livro (IPL, 2022) realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) em parceria com o Itaú Cultural e aplicada pelo IPEC – Inteligência em Pesquisa e Consultoria durante a 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, simultaneamente o TikTok, YouTube, Instagram e Facebook influenciaram 28% dos entrevistados nas indicações de leitura em comparação aos 3% no levantamento realizado em 2019. Além disso, uma média de 62% dos indivíduos entre 10 e 29 anos citaram influenciadores digitais como potenciais indicadores de livros, dado que em 2019 também apareceu com um baixo percentual. Essa discrepância nos números é explicada pelo cenário pós-pandêmico, em que não apenas houve um crescimento exponencial de contas literárias nas redes sociais bem como um aumento expressivo no número de leitores que consomem esse tipo de conteúdo.

O advento e a democratização das ferramentas digitais, gratuitas e de uso intuitivo, permitiu que os produtores culturais testassem e compartilhassem *posts* com foco no incentivo à leitura, de forma colaborativa, interativa e atraente para essa nova geração de leitores hiperconectados. Não apenas isso, o BookTok também permitiu a conexão entre usuários com interesses em comum, assim como a criação de laços externos ao ambiente online. O fortalecimento das comunidades virtuais durante a pandemia acarretou em mudanças significativas no modo como nos relacionamos e nos desenvolvemos como indivíduos sociais e políticos.

2.2 Revolução das comunidades literárias e mudança no hábito de leitura

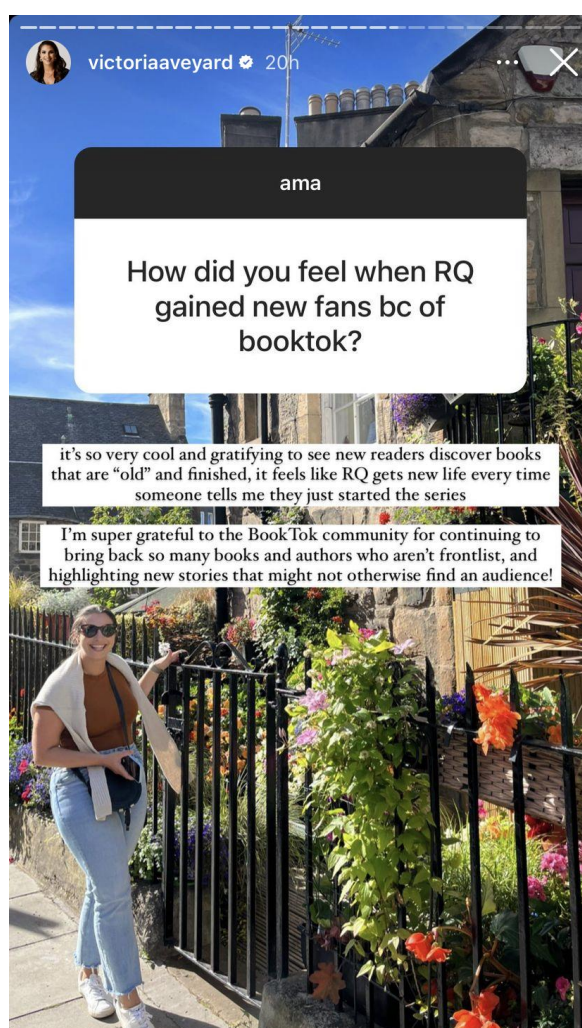
As redes sociais possuem função determinante no que diz respeito a popularização e manutenção da leitura entre os jovens, contribuindo para a melhoria do hábito no Brasil, conforme acabamos de conferir. A convergência improvável entre livros e TikTok demonstrou como é possível estar altamente conectado e, ainda assim, conseguir se dedicar à leitura de exemplares, sejam físicos ou digitais. Os benefícios, no entanto, não se enquadram somente aos leitores: o mercado editorial e os autores também são contemplados neste cenário. De acordo com o 11º Painel do Varejo no Brasil (SNEL, 2021), levantamento realizado pela Nielsen BookScan e divulgado pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), no ano de 2021 foram vendidos 55 milhões de livros, o que corresponde a um aumento de 29,3% no volume em comparação ao ano anterior. Este período foi marcado justamente pela criação e aumento de leitores no BookTok. A pesquisa inclui todo tipo de venda no país – tanto em livrarias quanto em lojas virtuais – e comprova a ascensão do mercado editorial, especialmente após a diminuição no número de casos de Covid-19.

Os autores brasileiros também estão, gradualmente, recebendo maior visibilidade nesta comunidade literária graças à possibilidade de contato direto e proximidade com o público leitor. No dia 24 de agosto ocorreu a segunda edição do Encha seu Kindle, evento literário criado pela Divulga Nacional em parceria com a Amazon, no qual diversos escritores nacionais disponibilizaram eBooks (livros em formato digital) de graça ou por preços extremamente baixos. Neste ano, o catálogo contou com sete mil obras totais com títulos em português, inglês, alemão, espanhol, francês e italiano. Os *booktokers* cobriram o evento, publicando vídeos explicando como participar, dando dicas, mostrando os exemplares que garantiram ou até divulgando os próprios livros. No dia seguinte, os autores compartilharam *posts* em agradecimento aos que participaram, abrindo novamente essa via de troca na plataforma. Logo, não apenas influenciadores digitais como editoras e escritores passaram a utilizar o TikTok para promover o próprio trabalho, o que decerto resulta no aumento do número de vendas.

A rede deu palco não apenas para obras novas, mas para sagas já concluídas, como é o caso de *A Rainha Vermelha*. O último volume foi publicado no início de 2019 e, mesmo assim, a trama foi uma das mais citadas como leitura recente na pesquisa Retratos da Leitura

em Eventos Literários e do Livro (IPL, 2022), já citada anteriormente, realizada na Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 2022. As ferramentas de interação e engajamento grupal aplicadas neste novo modelo digital são fundamentais para que sagas que já tenham tido todos os volumes publicados não caiam no esquecimento. A título de exemplo, *Trono de Vidro* de Sarah J. Maas, finalizado há seis anos, também é outra saga popular na comunidade que foi citada no levantamento. A própria escritora Victoria Aveyard já reconheceu a importância do BookTok como potencializador de leitura entre os usuários, ao responder a uma caixa de perguntas no seu Instagram: “Eu sou muito grata à comunidade do BookTok por continuar trazendo de volta tantos livros e autores que não estão na lista de frente, e destacando novas histórias que de outra forma não encontrariam um público!” (AVEYARD, 2023, tradução nossa).

Figura 3 - Victoria Aveyard respondendo a caixa de perguntas no Instagram



Fonte: Instagram, 2023

Vale destacar que Victoria é muito ativa nas redes sociais, constantemente empregando funcionalidades digitais – como o Reels, a caixa de perguntas e até os vídeos do próprio TikTok –, comumente vinculados a *influencers*, para gerar engajamento entre seus seguidores e fãs. O foco aqui, no entanto, é compreender como exatamente a comunidade do BookTok atrai tantos leitores jovens. A explicação é justamente a praticidade em utilizar estas ferramentas. Segundo infográfico da Infobase (integrador de TI especializado em serviços de mobilidade, digitalização, desenvolvimento de aplicações e gestão de infraestrutura no Brasil e exterior), 41% dos usuários do TikTok possuem entre 16 e 24 anos, ou seja, o principal público desta plataforma é a geração Z. Por conseguinte, o conteúdo criado dialoga diretamente com a comunidade que o consome. No caso do BookTok, os vídeos são publicados e acessados ciclicamente entre os consumidores que podem se tornar criadores a qualquer instante caso se sintam encorajados pelo material que estão acessando. Da mesma forma, os produtores culturais também consomem o aplicativo com bastante frequência, dado a lógica do algoritmo citada anteriormente, sempre considerando os assuntos e *trends* do momento. Logo, os consumidores estão aprendendo a utilizar diferentes ferramentas para ter um controle mais completo sobre o fluxo da mídia e para interagir com outros consumidores (JENKINS, 2022).

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação (JENKINS, 2022, p. 46).

Conteúdos literários já existiam na internet antes do surgimento do BookTok, o que a comunidade trouxe de revolucionário foi a forma como estes conteúdos são produzidos. Os usuários frequentemente desenvolvem jeitos próprios de se comunicar entre si e exploram diferentes formatos, filtros, músicas e especialmente *trends* que são replicados desenfreadamente pelos *booktokers*. Um exemplo que viralizou no TikTok em 2021 foram as fofocas literárias. Este método de divulgação consiste em contar o enredo da história como se fosse uma experiência pessoal, revelando apenas no final que se trata de um livro e que, se a pessoa quiser saber o desfecho, precisa lê-lo para descobrir. O intuito de vídeos desse tipo é prender a atenção do telespectador para gerar mais *views*, e consequentemente trazer mais visibilidade para a obra e até mesmo remuneração pela plataforma – uma vez que a partir de uma determinada quantidade de interações e seguidores, o TikTok começa a pagar o criador de conteúdo. Esta é uma rede em que especificamente a cultura se relaciona com o

entretenimento, então é natural que esse tipo de publicação faça parte do interesse da comunidade. E tendo em vista que o *fandom* é prioritariamente organizado dentro da web, há maior visibilidade para essa cultura e para tudo o que ela cria.

Na concepção de práticas de leitura também estão incluídas as ações anteriores ou posteriores ao ato de ler do leitor jovem, que criam determinadas formas de apropriação dos materiais literários, modos de compartilhamento de informação sobre as obras lidas, buscas de obras semelhantes ou de autores conhecidos, entre outras ações que criam as condições para o ato de ler a obra literária digital (ARAÚJO; FRADE, 2021, p. 3).

Dado o contexto em que essas atividades atingiram o seu maior pico, é possível afirmar que tanto a leitura – e, por vezes, a releitura – quanto as atividades desempenhadas pelos fãs durante a pandemia foram modos criativos de lidar com o cenário enfrentado na época. Em entrevista realizada com uma das 22 fãs de *A Rainha Vermelha*, a Entrevistada 19 destacou a importância de ter relido a saga durante a quarentena: “Eu lembro que quando veio a pandemia, eu fui reler os meus livros favoritos porque eu estava muito ansiosa e pensei: ‘Vou reler os livros porque são coisas que eu já sei o que vão acontecer’”. Já a Entrevistada 2 relata que foi o período em que mais leu livros na vida, conseguindo encontrar na literatura fantástica um refúgio: “Na pandemia, eu estava engolindo um livro atrás do outro. Acho que eu lia justamente porque a gente estava em um período super difícil e quando você lê algo super fantasioso, ele te tira da realidade. Você entra naquilo, se envolve e esquece do que está acontecendo”.

A disponibilidade de tempo livre também foi fundamental para criação de diversos produtos culturais dentro do *fandom* de *A Rainha Vermelha*, tais como *fanfics*, *fanarts*, *edits* e RPGs em especial no X (antigo Twitter), além dos próprios vídeos de resenhas, *trends* e memes no TikTok (tema central do capítulo 4). A constante troca entre os fãs na web reafirma o interesse adquirido pela obra e cria vínculos para além do conteúdo em si, podendo haver interações mais pessoais e voltadas para acontecimentos cotidianos, não necessariamente apenas para o objeto adorado pelo grupo. É por meio desses processos de apropriação cotidiana que esses livros se tornam objetos de *fandom*, à medida que os fãs se apoderam do produto produzido em massa, criando o seu valor emocional particular (SANDVOSS, 2013).

Ainda que o TikTok ofereça benefícios notáveis para os leitores, não podemos encerrar este capítulo sem reforçar os seus aspectos negativos. Embora o limite de duração dos vídeos tenha aumentado em até dez minutos – e mesmo quinze, dependendo da conta –, o

BookTok é conhecido justamente pelos seus vídeos curtos, que não necessariamente conferem complexidade na análise dos livros. A rede pode ser rica para atrair novos leitores, mas falha ao fazer recomendações geralmente pouco desafiadoras e não incentivar debates mais profundos sobre a trama. Além disso, a competitividade para ler números exorbitantes de livros – muitas vezes estimulada por influenciadores digitais – e as discussões dentro do *fandom* por divergência de opiniões – especialmente sobre a avaliação de livros, que costuma ser bastante volátil: um exemplar pode estar em alta em um dia e no outro estar sendo bastante criticado – podem criar um ambiente desencorajador para usuários e potenciais leitores.

A Entrevistada 14, fã de *A Rainha Vermelha*, diz ter se arrependido mais de uma vez de ter lido um livro indicado pela comunidade literária: “Eu sinto que as recomendações do BookTok, pelo menos do que eu já vi porque eu realmente não acompanho muito, são muito rasas. Tipo é o que está famoso, é o que tem a capa bonita. (...) Eu acho ótimo incentivar a leitura, acho essencial, principalmente pela internet que é onde as pessoas estão, mas eu não vejo um conteúdo aprofundado no BookTok”. A Entrevistada 22 compartilha uma opinião parecida, ressaltando a sua preocupação com a capacidade de interpretar textos da nova geração e com o que essas pessoas vão buscar ler no futuro: “Eu tenho algumas questões com o BookTok, eu acho que ele indica sempre os mesmos livros e poderia dar uma variada. (...) E o TikTok mantém as pessoas muito numa zona de conforto tanto na questão dos livros quanto na questão de interpretação, isso me preocupa um pouco. Mas eu acho que é um ótimo início para todo mundo que quer começar a ler, pegar indicações e tudo mais, só não me manteria presa ao TikTok por muito tempo porque eu acho que já viraria um problema”.

Por outro lado, a maioria das entrevistadas citaram o BookTok como um bom caminho para incentivar a leitura entre o público juvenil. De 14 fãs que concordam com essa afirmação, sete começaram, voltaram a ler ou são influenciadas constantemente pelo BookTok; quatro possuem irmãs mais novas que não tinham o hábito da leitura e foram encorajadas pela plataforma e uma conhece uma amiga que é *booktoker*. Estes são apenas alguns casos cotidianos que reforçam o impacto do TikTok no hábito de leitura do brasileiro. “A minha irmã, que tem 16 anos agora, não gostava de ler. Eu lembro que os meus pais sempre me usavam como exemplo e ela ficava super irritada porque não gostava. Então, durante a quarentena em 2020, quando todo mundo baixou o TikTok, ela começou a consumir mais conteúdos literários e a entrar nesse universo. A partir daí ela começou a gostar mais de livros e hoje em dia ela tem uma estante lotada deles, algo que nunca teve antes. Agora ela

ama ler e grande parte disso eu diria, sim, que foi por causa do BookTok, até porque muitos livros que ela lê vêm de lá”, diz a Entrevistada 6.

Então apesar dos desarranjos do TikTok no que diz respeito a falta de profundidade crítica e problemáticas criadas dentro do *fandom*, é inegável o seu impacto na vida de jovens leitores. É importante frisar, no entanto, que a plataforma serve como grande estímulo e deve ser utilizada, mas não deve ser a única fonte de indicação. Apenas descobrindo novos gêneros e se arriscando a adentrar em novos universos que conseguimos enxergar o nosso mundo com a devida assertividade crítica.

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (CANDIDO, 2011, p. 188).

O foco do próximo capítulo é justamente traçar paralelos entre a realidade e a ficção, demonstrando quais foram os impactos socioculturais causados a partir da leitura de *A Rainha Vermelha* na vida das fãs entrevistadas. Já sabemos que toda obra, por mais fantástica que seja, possui embasamentos factíveis na construção do enredo que servem para moldar os valores pessoais e o modo de pensar do leitor. E com a saga de Victoria Aveyard não poderia ser diferente, afinal, a literatura serve não apenas para formular e expressar o que diz, mas influenciar a postura do leitor, persuadi-lo e, por fim, modificá-lo (WELLEK; WARREN, 2003). Esse processo se torna possível pela introspecção, reflexão e humanização possibilitada pela leitura de um livro, mas não apenas isto. Mais adiante também iremos verificar a importância do *fandom* na construção da identidade do leitor.

CAPÍTULO 3: Real x Imaginário: questões socialmente relevantes que permeiam a saga de livros

Com o objetivo de analisar a ligação entre *A Rainha Vermelha* com referências presentes e passadas, foram promovidos grupos focais (GFs) que consistem em um método de pesquisa qualitativa no qual os participantes discutem sobre um tema em particular, ao receberem estímulos apropriados para o debate. Percebeu-se a necessidade desta metodologia para aprofundar pautas relevantes retratadas nos cinco livros e compreender exatamente quais foram os impactos causados na vida dessas jovens. Uma vez que as entrevistas iniciais foram exploratórias e visaram a experiência individual de leitura de cada fã, os GFs focaram propriamente na investigação de tópicos específicos presentes na narrativa e na observação de diferentes pontos de vista sobre um mesmo assunto.

A divisão dos grupos foi feita com base na disponibilidade de tempo e compatibilidade com os temas propostos. Algumas fãs destacaram o romance, as reviravoltas inesperadas e os personagens em si como pontos que mais gostam na saga e, embora sejam respostas válidas, não puderam ser contempladas nesta etapa do projeto. O intuito deste capítulo é observar a interação entre fãs que, ao lerem a saga, conseguiram identificar propostas mais profundas ou críticas político-sociais vinculadas ao universo fantasioso criado por Victoria Aveyard. Ademais, o bloqueio do X no Brasil durante o período de realização dos GFs e a falta de resposta em tempo hábil das outras entrevistadas impossibilitou a contribuição de todas as 22 pessoas que participaram da entrevista inicial. Também é importante destacar que os convites para os grupos focais foram feitos até para as fãs que não leram todos os livros da saga, mas apenas uma delas conseguiu comparecer.

Deste modo, 12 fãs colaboraram com a dinâmica, sendo que elas foram divididas em três grupos distintos – portanto, quatro para cada tema. Essa escolha, por sua vez, consistiu no critério de qual foi o assunto mais ressaltado durante a leitura e entrevista individual, em conformidade com a tabela abaixo. Isso possibilitou a contraposição de relatos pessoais e o complemento das opiniões entre as fãs entrevistadas. Cada roda de conversa durou cerca de uma hora e quinze minutos, via Zoom, tendo sido previamente agendada com as colaboradoras, e teve como respaldo o artigo da Lúcia BR, Carmem LCB, Dulce MRG, Izabel CH, Rosângela MS e Graciela DS, intitulado *O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa*.

Quadro 2 - Temas dos grupos focais correspondentes a cada fã de *A Rainha Vermelha*

Temas	Entrevistadas
Luta pela igualdade e o reflexo das desigualdades sociais	Entrevistada 1 Entrevistada 3 Entrevistada 7 Entrevistada 22
Jornada do herói e o processo de construção identitária	Entrevistada 5 Entrevistada 8 Entrevistada 17 Entrevistada 18
Empoderamento feminino e o papel da mulher na sociedade moderna	Entrevistada 2 Entrevistada 13 Entrevistada 14 Entrevistada 15

Fonte: Próprio autor

Algumas das perguntas-chave inspiradas no texto citado anteriormente foram: Qual é a primeira ideia ou cena que vem à mente de vocês quando falamos na luta pela igualdade e o reflexo das desigualdades sociais em *A Rainha Vermelha* – tema do primeiro GF, por exemplo? Como vocês lidavam com essa pauta antes e depois de lerem a saga? Como vocês carregam essa questão no dia a dia? Como vocês se vêem e se sentem hoje, como mulheres, com relação a este tema? Após estas perguntas introdutórias, foram promovidas questões norteadoras, levando em consideração cada tópico e contextualizando acontecimentos marcantes dos livros. Como parte das integrantes leram os livros há alguns anos, foi dedicado um tempo para introspecção na história e leitura de pequenas citações a partir de cada dúvida formulada.

Na função de moderadora, busquei falar pouco e ouvir mais, realizando pequenas intervenções quando necessário e sempre visando um debate leve e aberto para todas as partes. Este exercício foi importante não apenas para integração entre as fãs de *A Rainha Vermelha* que não participam ativamente do *fandom* ou que não conhecem outras fãs pessoalmente, mas também para enfatizar a necessidade de discutir essas pautas continuamente, sejam motivadas por produtos da cultura pop ou não. “Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e

atuação deles” (CANDIDO, 2011, p. 177). Por isso, a importância de refletir acerca dos temas propostos em diferentes mídias e períodos históricos, dado que são escritos por novas pessoas – portanto, com outros impulsos, crenças, sentimentos e normas – e contextos.

A aproximação entre as colaboradoras ao longo do GF abriu espaço para o compartilhamento de conhecimentos de forma espontânea e receptiva. Tendo em vista que o entretenimento constrói um conjunto de respostas afetivas que passam a incorporar os nossos valores (MARTINO; MARQUES, 2022), a dinâmica teve o propósito de verificar o entendimento e o envolvimento das colaboradoras com a obra, além de compreender como as pautas selecionadas moldaram o comportamento delas enquanto fãs e, em um aspecto mais político, cidadãos. O encontro de ideias a partir de particularidades das fãs envolvidas resultou em uma reflexão individual e grupal, fortalecendo concepções já estabelecidas ou construindo novas que não foram pensadas antes. Ao final de cada encontro, foi solicitado um feedback e impressões gerais que serviram de melhoria para elaboração dos próximos grupos focais.

3.1 Luta pela igualdade e o reflexo das desigualdades sociais

“E nós vamos nos levantar. Vermelhos como a aurora.” Uma das principais frases de *A Rainha Vermelha*, que originou o título desta monografia, se refere a se erguer mesmo quando cair e persistir diante das dificuldades. Ao longo da coletânea, a citação possui interpretações mais óbvias do que outras que variam desde a resistência em meio às desigualdades sociais até a luta perante uma árdua jornada de autodescoberta. Este subcapítulo pretende focar na primeira interpretação, retratando o domínio prateado em contraste com a luta vermelha pela igualdade de direitos – que, por sua vez, recita a frase acima como jargão da revolução. Antes de tudo, se mostra proveitoso interpretar como essa diferença de sangues retratada na obra fantástica delineia paralelos com a nossa própria realidade. “A diferença é constituída por meio de taxonomias e classificações que acentuam certos sentidos de diferença, ao ponto de tomá-los como corriqueiros, ‘dados’ ou ‘naturais’, enquanto outros são subestimados ou circunstancialmente esquecidos” (SAGGESE; MARINI; LORENZO; SIMÕES; CANCELA, 2018, p. 19). Essa naturalização do preconceito a partir da cor de sangue foi interpretada pela Entrevistada 1 como uma nova narrativa para tratar sobre a cor de pele. Desde que leu a obra, passou a refletir sobre a temática e a filtrar as suas próximas leituras.

Em concordância, a Entrevistada 3 relata que depois que essas ligações são feitas se torna impossível esquecer delas e que, depois de ler *A Rainha Vermelha*, começou a buscar livros parecidos, justamente para ter esse “estalo” da realidade. “Nenhuma leitura você sai sem aprender alguma coisa ou sem fazer alguma conexão. Então é o maior choque você ler aquilo e pensar: ‘Ah, é bobinho, eles brigam por causa da cor do sangue’ e perceber que é exatamente a mesma coisa com a nossa realidade. Você realmente fica mais atento a esses temas, muda a sua capacidade analítica e abre mais os olhos para perceber o seu entorno. Então eu acho que é super importante a gente falar desse tema e trazê-lo à tona porque não é à toa que os autores no geral escrevem dessa forma. É tudo um reflexo da nossa sociedade, da nossa realidade”, ela diz.

Essa conexão torna-se ainda mais evidente quando a própria autora confirma os fatos históricos que inspiraram a redação da narrativa. Tomemos como exemplo o abre do primeiro livro, no qual a protagonista Mare Barrow é obrigada a comparecer à Primeira Sexta, ou Efeméride do mês, para assistir a disputa entre dois guerreiros prateados na arena. Antigamente as lutas não passavam de simples execuções e a participação dos vermelhos era um mero ato de benevolência mas, com o tempo, passaram a serem vistas como um espetáculo, exigindo a presença de todos os vermelhos conforme as disputas se espelhavam para outras cidades, arenas e públicos distintos. Logo, toda primeira sexta-feira do mês, mesmo que a contragosto, os vermelhos torcem e gritam para garantirem pequenas regalias como pães para suas famílias ou cotas extras de eletricidade para durar o mês.

Em um novo comentário de Aveyard na edição de colecionador da LitJoy, ela revela que essa cena é uma alegoria clara a política romana de Pão e Circo (AVEYARD, 2023, tradução nossa) que, por sua vez, consistia na distribuição de alimentos e realização de eventos públicos no Coliseu e no Circo Máximo para manipular e apaziguar a população sobre os males do Império naquela época, evitando reivindicações, levantes populares e aumentando a popularidade dos líderes romanos. Apesar do seu amigo de infância Kilorn aproveitar o espetáculo assim como outros vermelhos, Mare parece ser uma das únicas pessoas a assimilar o real significado por trás daquelas lutas: “Ele não entende o que são esses shows. Não se trata de um simples entretenimento, um descanso para o nosso trabalho cansativo. É uma mensagem fria e calculista. Apenas prateados podem lutar na arena porque apenas *eles* podem sobreviver à arena. Lutam para nos mostrar sua força e seu poder. ‘Vocês

não são páreo para nós. Somos melhores. Somos deuses’: é isso que cada golpe dado pelos campeões quer dizer”.

Apesar da política de Pão e Circo ter sido extinta há vários séculos, ela retorna aos dias atuais, por meio da literatura fantástica, como forma de denunciar as desigualdades enfrentadas pelos personagens na trama. Mesmo que não represente a realidade da época em sua totalidade, o tema pode ser vinculado à disciplina de história, mantendo uma relação intertextual com acontecimentos passados. À vista disso, a segregação pela cor do sangue pode ser interpretada com outras lentes históricas, variando de acordo com as passagens do livro e interpretação de cada leitor. Isso pode ser comprovado em outro trecho, quando Mare e a sua irmã Gisa visitam o Grande Jardim, cidade dos prateados distante do vilarejo onde moram. Logo na entrada, um dos agentes faz o procedimento padrão de amarrar uma fita vermelha no pulso de cada uma delas para identificar o que são e o que significa estarem entrando em território prateado: um alerta de que elas não estão seguras e que não deveriam estar ali.

Mais adiante, já no segundo livro, membros da Ronda Vermelha (policiais e agentes vermelhos que mantêm as leis nas grandes comunidades vermelhas, dado o descaso da segurança prateada) são encontrados enforcados em praça pública. Para a Entrevistada 3, esses dois episódios remetem ao regime nazista alemão durante a Segunda Guerra Mundial que tinha como premissa básica o antissemitismo, ou seja, ódio ou preconceito contra a população judaica. As fitas vermelhas podem ser associadas às abraçadeiras com estrelas amarelas, obrigatoriamente usadas pelos judeus para segregá-los do restante da população e ressaltar a sua posição de inferioridade. Além disso, a execução em praça pública, neste sentido, pode ser um reflexo do Holocausto que consistiu na perseguição sistemática e o genocídio de seis milhões de judeus por toda a Europa entre os anos de 1933 a 1945.

Seguindo essa lógica, a Entrevistada 22 se recorda de uma cena do filme *Jojo Rabbit* (2019) – que se passa no mesmo contexto histórico – no qual o protagonista se depara com a própria mãe enforcada em uma praça. A câmera foca apenas nos pés dela, possibilitando a identificação da personagem pelos seus sapatos, e o menino chora abraçado às pernas da mãe. A intertextualidade não precisa estar necessariamente relacionada a eventos históricos, afinal a própria cultura pop evoca inúmeras conexões em suas narrativas que ressaltam como ela está longe de ser pura ou fruto exclusivo da criatividade dos roteiristas. Existem diversos

produtos culturais que expressam os horrores do Holocausto, então a ligação feita pela Entrevistada 22 é apenas um exemplo de relação intertextual que poderia ser feita entre *A Rainha Vermelha* com a cultura pop – que não deixa de explorar elementos factuais na sua composição, sempre atualizando-os ao cenário em que estão inseridos.

Além de serem submetidos ao trabalho escravo e às leis de recrutamento obrigatório, é revelado no terceiro volume que os vermelhos também recebem uma educação precária como outra tática imposta pelos prateados para torná-los ignorantes, passivos, acríticos e facilmente manipuláveis. A Entrevistada 7 relaciona essa temática com a precariedade das escolas públicas no Brasil que pode ser percebida tanto pela falta de estrutura quanto de investimento financeiro. A própria Victoria Aveyard realiza o mesmo paralelo na edição da LitJoy, mas aponta para o sistema educacional americano: “O enfraquecimento do sistema de educação pública ferve o meu sangue” (AVEYARD, 2023, p. 201, tradução nossa).

Como já constatado anteriormente, a autora é constantemente inspirada em acontecimentos históricos para redigir os seus livros, além de possuir uma posição política ativa tanto nas redes sociais quanto na sua escrita. Em entrevista fornecida à Editora Seguinte, Aveyard explica a influência desse engajamento na sua profissão: “É interessante porque o terceiro volume foi o primeiro em que eu comecei a receber críticas de leitores que diziam que eu estava envolvendo muito a política no meu trabalho, que eu estava trazendo demais o clima político americano do momento, mas o livro foi escrito antes das eleições presidenciais de 2016. Então era interessante poder dizer: ‘Se você está enxergando *alguém* nos vilões desse livro, não fui eu, foi você. Foi você que interpretou dessa forma’. Eu me inspirei na história acima de qualquer outra coisa. Infelizmente ditadores e ditaduras seguem os mesmos padrões, então se você está vendo esses padrões na atualidade, existe um motivo, e não sou eu, é assim que as coisas funcionam” (informação verbal, tradução nossa)¹.

Outro tópico levantado no grupo focal foi a reação do oprimido contra a violência do opressor. Após ter sido forçada a se passar por uma prateada quando os seus poderes foram revelados para todo reino, Mare se junta à Guarda Escarlata na luta pela igualdade de direitos. Contudo, alguns dilemas morais são enfrentados em favor da causa, seja na tomada de medidas extremas ou nos sacrifícios feitos para que a revolução continuasse ganhando apoiadores e seguindo em frente. Aveyard descreve este tema como um interessante equilíbrio

¹ Entrevista com Victoria Aveyard fornecida pela Editora Seguinte na Bienal do Livro de São Paulo, em agosto de 2018.

entre as realidades da guerra e o idealismo, ou seja, de tantas coisas terríveis precisarem ser feitas pela vitória, mas a verdadeira questão é: “Será que valem o preço? É a dúvida que cada personagem tem que lidar ao longo da saga” (AVEYARD, 2023, p. 137, tradução nossa). Essa discussão esbarra em conceitos éticos naquilo que é considerado certo ou errado dentro de uma guerra, não podendo ser resumida a uma conclusão simplista mas sim devidamente debatida e analisada. “Eu não acho que um ser humano seja considerado ruim por natureza e nem que todo um grupo ou classe seja inteiramente ruim por si só, mas com certeza a criação dela vai influenciar nisso. Só precisa haver uma forma de mostrar que o outro lado não é o inimigo, que ele existe e também está sofrendo, principalmente por causa da influência dessa classe dominante. Então eu acho que é possível desenvolver algum tipo de consciência de classe e entender que todos nós vivemos em uma sociedade. Ninguém nasce sozinho então não podemos desenvolver nossas vidas sozinhos, temos que pensar de forma mais empática e coletiva”, expressa a Entrevistada 22. Não obstante, políticas democráticas começam a ser instauradas nos últimos livros da saga em virtude justamente dos movimentos revolucionários suscitados pela Guarda.

Ao longo do seu curso, porém, o movimento foi reprimido não apenas pela elite prateada mas pelos próprios vermelhos que, ao serem manipulados pelas transmissões oficiais, acreditavam erroneamente que a Guarda Escarlata se tratava de um grupo de terroristas, anarquistas e sanguinários. A propagação de notícias falsas como artifício de manipulação das massas não é um conceito recente, mas sim uma característica marcante de regimes totalitários tanto na ficção quanto na história mundial. Esse mecanismo está ligado justamente à ignorância e falta de conhecimento do povo, conforme acabamos de conferir, e reflete no silenciamento de manifestações em prol de causas sociais e consequente perpetuação das desigualdades. “A mídia contribui para essa alienação e para a facilidade de espalhar informações. Não à toa temos o serviço de monitoramento do Jornal Nacional chamado FATO OU FAKE para analisarem as notícias e verificarem se elas são verdade ou não, por causa dessa enxurrada de informação que a gente recebe”, diz a Entrevistada 3.

A partir deste GF foi possível perceber que a leitura da saga *A Rainha Vermelha* tornou as fãs mais engajadas politicamente, além de ter despertado o interesse delas em consumir obras culturais com esta temática. Isso é resultado das convicções de Aveyard e da sua vontade em exprimi-las com tonalidade crítica, o que resulta em uma literatura empenhada e que parte de posições éticas, políticas ou simplesmente humanísticas

(CANDIDO, 2011). Esse engajamento, por sua vez, tende a dialogar diretamente com os jovens quando é apresentado implicitamente em livros de fantasia, o que desencadeia no amadurecimento da visão, desenvolvimento de valores pessoais e disposição para promover mudanças na sociedade, como pode ser verificado no depoimento da Entrevistada 1: “O livro despertou a vontade de fazer uma mudança na minha vida e das pessoas ao meu redor. (...) Desde que eu li, até hoje, acredito que mudou o meu ponto de vista, de querer mudar a minha realidade”, afirma. É interessante notar que de quatro entrevistadas, três se formaram ou estão cursando a faculdade em áreas compatíveis às pautas sociais retratadas nos exemplares e eventualmente debatidas no grupo focal – no caso, jornalismo e direito. Assim, elas começam a viabilizar pequenas mudanças no mundo em que vivem.

3.2 Jornada do herói e o processo de construção identitária

Ao longo da sua trajetória, Mare se depara com um personagem capaz de ver o futuro que deixa a seguinte mensagem para ela: “Atenha-se ao seu destino, Mare Barrow. Se levantar. E se levantar sozinha”. O alerta se assemelha ao jargão recitado pela Guarda Escarlata e faz juz aos múltiplos desafios enfrentados pela jovem de 17 anos ao longo da narrativa. Mesmo que a história se passe em um espaço de tempo de um ano, a protagonista embarca em uma jornada repleta de reviravoltas e retorna como uma pessoa completamente diferente. O chamado à aventura; recusa do chamado; encontro com o mentor; provas, aliados e inimigos; provação suprema; recompensa; caminho de volta; ressurreição e retorno com o elixir formam um curso cíclico – que pode ou não recomeçar a partir do desfecho de cada exemplar da coletânea. Estas etapas pelas quais Mare percorre são similares àquelas propostas por Joseph Campbell, criador da Jornada do Herói que se refere à uma metodologia narrativa responsável por originar histórias nas quais o protagonista supera diversos desafios até se tornar um herói (ou heroína). O intuito deste tópico é observar como a trajetória das fãs, enquanto protagonistas das suas próprias histórias, foi influenciada e transformada pela jornada da Mare e de outros personagens do enredo criado por Aveyard. Longe de tratar de pautas sociais, como no tópico anterior, este propõe mostrar a importância da leitura de obras com temas universais tais como relacionamentos, família, amor, identidade, traição e autoconhecimento nesta fase de desenvolvimento pessoal dos jovens.

Logo após descobrir a existência dos seus poderes, Mare precisa fingir ser Mareena Titanos (princesa prateada perdida, de acordo com a história criada pelo rei) para acobertar a sua verdadeira origem do povo, garantindo a sua segurança e a da sua família. Então além de estar confusa sobre o que exatamente é – vermelha ou prateada –, a protagonista é forçada a se passar por outra pessoa em um ambiente completamente desconhecido, sem nenhum rosto familiar e sob a constante vigia dos monarcas. Por essa razão, momentos de introspecção, incerteza e sentimentos de confusão são constantemente encontrados no início da narrativa: “Viraram-me do avesso, trocaram Mare por Mareena, a ladra pela coroa, trapos pela seda, *vermelho por prateado*. Esta manhã, eu era uma criada; à noite, sou princesa. *O que mais mudará? O que mais perderei?*”

Diante disso, mesmo não tendo terminado de ler a saga, a Entrevistada 18 associou a situação da personagem com a sua própria experiência ao entrar no ensino médio. Na época, não tinha os seus amigos por perto e também estava se sentindo sozinha, mas a determinação da Mare inspirou ela a criar a coragem necessária para encarar esta nova fase da sua vida: “Na época que eu li esse livro, por conta da inserção no ensino médio, eu estava com muito medo. Nessa primeira metade do colegial, as minhas duas melhores amigas tinham mudado de escola e uma delas até foi morar nos Estados Unidos, eu estava brigada com outro amigo meu por conta de um mal entendido, estava tudo uma bagunça. Eu estava muito triste e com medo de como ia ser, se eu ia conseguir fazer novos amigos... Eu gosto muito de livros porque eu acho que te inspiram, te dão vontade de continuar. E se for um livro tão bem escrito quanto *A Rainha Vermelha*, você se imagina no lugar da personagem principal e pensa: ‘Nossa, ela teve coragem de fazer tudo isso? Então eu tenho coragem de enfrentar o ensino médio, isso não é nada comparado a uma coisa dessas’”, ela relembra.

Tanto a narrativa da Mare quanto o relato da Entrevistada 18 ressoaram com o que a Entrevistada 17 passou quando teve que deixar a sua cidade natal para cursar a faculdade em outro estado. Ela morou a vida inteira em São Paulo e, de um dia para outro – como ela mesma descreve –, teve que se mudar sozinha para Minas Gerais, sem a família, o namorado ou os amigos por perto: “Foi uma época muito complicada e foi um ano que eu perdi completamente o meu contato com a leitura. Eu não lia mais nada e, para mim, isso é um negócio muito raro porque eu gosto muito de ler. Mas eu me vi construindo uma vida nova, fazendo amigos que hoje são a minha família... E o primeiro livro que me conectou de volta com a leitura foi *A Rainha Vermelha* porque o meu namorado me deu o livro que faltava para

completar a coleção e, como eu não me lembrava de mais nada, eu tive que reler a saga inteira. Então no final daquele ano que eu me mudei eu me vi relendo *A Rainha Vermelha* para conseguir terminar a história e foi a partir daí que eu comecei a ter uma visão diferente das coisas, até sobre a personagem principal. (...) É assustador você estar em um lugar e, do nada, ir para outro em que você não tem ninguém e a sua família está longe, então dá para ter empatia pelo o que ela [Mare] sentiu, mesmo que seja completamente diferente”, ela relata. Embora sejam contextos distintos, as duas fãs encontraram na literatura apoio, motivação e um caminho para se reconectarem consigo mesmas.

Durante o seu tempo no palácio, Mare teve aulas de etiqueta bem como aulas com Julian, seu professor particular, brevemente citado no capítulo inicial. Este personagem pode ser interpretado como o mentor na jornada da heroína porque além de ensiná-la sobre o novo mundo em que passara a viver, ele se torna o seu primeiro aliado. E uma das principais lições que Julian ensina à Mare é que “todo mundo trai todo mundo”, portanto não se deve confiar em ninguém. Essa citação é ressaltada em diversos momentos ao longo da saga, incluindo momentos em que a protagonista é traída por pessoas que ela realmente confiava. Prova disso é que a autora comenta que grande parte do arco de desenvolvimento da Mare é aprender a confiar e a se curar do trauma causado pela traição do príncipe Maven, no final do primeiro livro, mas as coisas pioram antes de melhorar (AVEYARD, 2023, tradução nossa).

A Entrevistada 8, decerto, foi a fã mais impactada por essa frase porque não apenas a frizou na entrevista individual e no exercício em grupo como também passou por uma situação com seu grupo de amigos que a fez entender o real significado desta passagem. “Enquanto eu lia *A Rainha Vermelha* eu vivi algumas situações que me fizeram passar por um processo de amadurecimento como pessoa. Então quanto mais a Mare ouvia essa frase, mais eu fui trazendo isso para mim. Eu me tornei ‘a heroína da minha vida’ por causa disso, eu me senti amadurecendo junto com ela nessa questão da confiança, de estar sempre observando e pensando antes de tomar alguma decisão. Apesar de ela tomar muitas atitudes ali na hora, eu também vejo que ela pensava em muita coisa antes de fazer. Então eu passei a pensar: ‘avalia a situação primeiro, não confia em todo mundo’. Eu senti o amadurecimento dela, enquanto heroína, como se fosse comigo. Sem querer, eu acabei puxando algumas coisas da personalidade dela para mim”, relata.

É somente com a traição de Maven (filho do rei com quem estava designada a casar e que acreditava conhecer), que Mare aprende a lição instruída pelo seu mentor. Mesmo sendo uma figura bastante controversa, no qual os leitores iniciam a saga amando e posteriormente odiando, Maven Calore é um exemplo de personagem bem construído, conseguindo representar temáticas bastante adversas entre si de forma simultânea – como a questão da traição, soberania prateada, manipulação e censura da mídia. Aveyard construiu o personagem com maestria, tornando difícil a tarefa de classificá-lo como um simples vilão. Nesse sentido, a Entrevistada 5 destaca a importância dos diferentes pontos de vista na consolidação da sua narrativa, já que quando Maven começa a narrar os capítulos, compreendemos as suas reais motivações e o que exatamente aconteceu para ele ter se tornado o que é: “Eu acho que não tem como resumir o Maven a uma coisa só porque ele não é uma coisa só. Ele muda dependendo da pessoa que está narrando e do momento em que ele está. (...) Tem momentos que eu sinto pena dele e em outros eu fico com raiva. É muito legal como a gente sente um misto de emoções tão grande com um único personagem em uma única saga”, ela diz.

Os dois primeiros livros são narrados exclusivamente na perspectiva da Mare. É apenas no terceiro volume que temos acesso aos pensamentos de outros personagens, haja vista que a protagonista está separada do restante deles. Essa distinção de pontos de vista é imprescindível tanto para o aprofundamento dos personagens quanto para a trama em si. O POV (abreviação de *point of view*, ou seja, ponto de vista) proporciona uma visão mais humanizada das figuras fictícias que não poderia ser dada pela visão da própria protagonista, por exemplo. Devido a traição, a visão da Mare já está enviesada para enxergar o Maven como um vilão, muitas vezes não dando abertura para compreendê-lo em sua total complexidade. Mas, assim como os seres humanos, as suas características e valores pessoais não podem ser reducionistas a esse ponto, o que justifica os argumentos trocados no debate que, por sua vez, dialogam com os conceitos de bem e mal, conforme discutido no subcapítulo anterior. É importante ressaltar que a intenção aqui não é justificar as atitudes tomadas pelo personagem, mas compreender que ele é muito complexo para ser reduzido ao que outras figuras acham dele. Por isso, a relevância dos POVs: para que os leitores tirem as suas próprias conclusões.

Este grupo focal foi um demonstrativo de como a leitura é capaz de mudar a vida, identidade e comportamento das pessoas. Mesmo que não sejam reais, as fãs – e nós, enquanto leitores – aprendem muito observando o desenvolvimento dos personagens,

especialmente quando os capítulos apresentam diferentes pontos de vista, já que existem inúmeras maneiras de interpretar a mesma situação, e a Victoria Aveyard faz questão de deixar isso bem claro. Além disso, assim como eles, passamos pela nossa própria jornada – com nossos questionamentos e desafios cotidianos – e, ao final de cada ciclo, nos tornamos pessoas completamente diferentes do começo. Logo, foi interessante observar não apenas como as fãs cresceram junto com as figuras fictícias e a escrita da autora, conforme os exemplares foram sendo publicados, mas como elas transportaram os valores e ensinamentos da trama para a própria realidade. Desse modo, a Entrevistada 17 menciona duas obras – frisando novamente essa relação de intertextualidade – que influenciaram diretamente no seu desenvolvimento pessoal: “Eu li *A Rainha Vermelha* e *Trono de Vidro* na mesma época e acho que esses dois livros me ajudaram a ter as perspectivas que eu tenho hoje sobre tudo: sobre o que eu penso em momentos difíceis, sobre determinação e resiliência. Eles, com certeza, me ajudaram a analisar que ser um herói tem as suas complexidades e não necessariamente porque você é um herói que você vai fazer as coisas certas sempre”, afirma. Afinal, ser fã é muito mais do que gostar de uma história ou personagem, mas diz respeito a pensar nos valores que a figura representa para além das páginas e como isso nos molda como seres humanos.

3.3 Empoderamento feminino e o papel da mulher na sociedade moderna

As representações no entretenimento se referem a forma como grupos e pessoas são historicamente representados na mídia. Embora não mudem a realidade de uma hora para outra, certas representações, ao serem repetidas e reforçadas por décadas em diferentes produtos culturais, podem reafirmar estereótipos e noções unilaterais presentes na sociedade como, por exemplo, a submissão da mulher ao homem (MARTINO; MARQUES, 2022). De acordo com um mapeamento realizado pela pesquisadora Regina Dalcastagnè, em quase cinquenta anos a representação de personagens femininas aumentou somente 0,6% nos livros lançados pelas editoras Rocco, Record e Companhia das Letras. As ondas de crítica e contestação deste tipo de representação – suscitadas, inclusive, pelos próprios fãs – demonstram a necessidade de uma representatividade mais justa e igualitária nestes meios.

Essas concepções estereotipadas também envolvem quem são as pessoas que a determinam ao longo da história. Além de muitas obras produzidas por mulheres terem sido esquecidas ou invisibilizadas desde o século XVIII, muitas delas tiveram que usar pseudônimos (nomes fictícios usados como assinatura alternativa ao seu nome real) para publicá-las, devido ao preconceito de gênero instaurado na sociedade naquela época. No entanto, felizmente, isso não as impediu de contarem as suas histórias. Em um ato ousado, a escritora inglesa Jane Austen escreveu na capa de *Orgulho e Preconceito* o seguinte excerto: “Um romance. Em três partes. Escrito por uma dama”. A denúncia crítica e irônica de Austen a respeito da estrutura social da época e sobretudo a sua coragem em publicar histórias sob uma perspectiva feminina naquele contexto abriu o caminho necessário para que autoras como Victoria Aveyard pudessem continuar fazendo o mesmo séculos depois.

Com base nisso, o objetivo deste último grupo focal é debater a relevância dessas novas formas de representação da mulher e como o empoderamento feminino, ou seja, movimento que visa a igualdade de gênero e a participação da mulher em todos os espaços da sociedade é retratado em *A Rainha Vermelha* e ainda: de que forma as fãs se sentem com relação a essa pauta após a leitura da coletânea. Um dos traços centrais das personagens criadas por Victoria que, por sua vez, foram positivamente destacados pelas Entrevistadas 13 e 15, é que elas não são movidas estritamente pelo romance. Elas podem experimentar conexões amorosas, mas quando precisam escolher entre o romance e a causa pela qual estão lutando, o último normalmente ganha mais peso.

Isso pode ser averiguado no final do terceiro volume e início do quarto quando Mare, mais uma vez, é traída por uma pessoa que confiava. A luta da Guarda Escarlata – e, portanto, também a sua luta – destina-se a pôr fim a anos de reinado prateado e instaurar um governo democrático mas quando Cal (o príncipe exilado) tem a primeira oportunidade de voltar a reger nesta monarquia, ele aceita e quebra todas as promessas que fizera à Mare. Mesmo tendo sido oferecida a chance de governar ao lado dele, a protagonista recusa, focando na missão que precisava cumprir: “Recuei diante de sua oferta. Me afastei dele. Fui destroçada por outra traição – de Cal, mas também minha. Dizer ‘eu te amo’ é uma promessa. Nós dois a fizemos e nós dois a quebramos. Deveria significar *escolho você acima de todo o resto. Te quero mais que tudo. Sempre vou precisar de você. Não consigo viver sem você. Farei qualquer coisa para impedir que nossos caminhos se separem*. Mas ele não a manteve. Eu não a mantive. Sou menos que sua coroa, e ele é menos que a minha causa”.

Focando novamente na questão do POV, mas agora trazendo para esta pauta, a Entrevistada 14 conta que se sente representada por *A Rainha Vermelha* justamente por ser uma saga majoritariamente protagonizada por figuras femininas: “Eu senti que eu poderia me conectar mais com aquelas personagens e com a história em si porque era narrado por mulheres. (...) E outra coisa que eu gostei muito também é que não eram todas iguais. A gente tinha uma mulher vilã, uma mulher rebelde, uma mulher que era ladra e depois virou outra coisa completamente diferente, então tinha bastante diversidade ali, não era apenas pela questão de serem mulheres. Cada uma tinha a sua própria personalidade, além de serem todas muito distintas. A minha favorita é a Evangeline porque dificilmente vemos uma mulher que é ‘má’ com tanto protagonismo nos livros. No final, a gente descobre que ela não é uma pessoa ruim de verdade, mas foi uma coisa que eu achei bem diferente na época que eu li e que eu gostei bastante”, ela explica.

À vista disso, a Entrevistada 2 revela que começou a prestar mais atenção nessa representatividade a partir desta leitura, o que pode ser associado, inclusive, ao que foi apresentado no início deste subcapítulo. “*A Rainha Vermelha* foi a primeira fantasia que eu li que as mulheres estavam à frente em diversas posições porque antigamente eu não me importava muito com isso. Acho que eu nunca tinha parado para reparar nesse tipo de coisa porque eu cresci lendo fantasias e eu via muito mais o homem nesse papel, como em *Harry Potter* ou *Percy Jackson*. Você sempre vê o protagonista masculino sendo o símbolo da revolução, sendo a pessoa que vai em frente, que tem coragem e que vai atrás das coisas”, ela diz e continua: “Então como eu não tinha muito esse cenário feminino, eu acabava não me importando tanto, mas depois que eu li *A Rainha Vermelha* eu comecei a me interessar por outros livros como *Jogos Vorazes* e *Divergente* no qual você vê a mulher encarando desafios e indo atrás de revolucionar tudo, o que é sensacional. É muito bom ver mulheres nesse papel porque você percebe que poderia estar fazendo aquilo também, sem precisar de alguém para te conduzir. Tanto é que você vê isso na Mare o tempo inteiro, ela não precisa de ninguém ali. Ela tem pessoas junto com ela mas quando precisa fazer algo sozinha, ela vai e se joga. Isso é maravilhoso de ler. É algo que a gente não via antes, mas agora vê bastante”, finaliza.

Enquanto Mare Barrow enfrentava uma luta contra a autoridade prateada, a princesa Evangeline Samos lidava com a sua própria batalha interna. A princípio, ela era vista como uma antagonista, ou seja, uma oposição à narrativa da protagonista – podendo muitas vezes ser mal interpretada, principalmente no começo, como uma vilã –, mas, novamente, ao ter

acesso ao ponto de vista da personagem, percebemos que ela é mais multifacetada do que aparentava ser. Evangeline estava presa na constante de obedecer os seus pais, rei e rainha do reino de Rift, e seguir as suas verdadeiras vontades que consistiam em viver junto com a sua parceira Elane Haven, como iguais. Apesar de não se importarem com quem a filha se relacionava, o rei e a rainha usavam Evangeline como moeda de troca para negociações geopolíticas, além de exigirem que ela se casasse e se tornasse rainha de Norta para expandir o poder e alcance da família Samos. Por esse motivo, é bastante comum encontrar momentos de dúvidas e incertezas ao longo da narrativa da personagem: “Eu seria capaz de fazer algo assim? Trocar minha lealdade pela minha felicidade? Sinto vergonha só de cogitar isso, mesmo na segurança dos meus pensamentos”.

Evangeline passa por uma árdua jornada para alcançar a autoaceitação, chegando a lutar fisicamente contra seus pais no penúltimo exemplar da saga após constatar que eles nunca a deixariam ser livre à sua própria maneira. Como resultado, ela consegue fugir para um lugar seguro com Elane e abre mão das comodidades da nobreza e da sua coroa em prol do amor e mais: em prol de si mesma. “Poupar Eve da batalha final foi uma escolha difícil, mas ela já venceu uma guerra maior dentro de si mesma, qualquer outra conquista pareceria pequena. Eu queria dar a ela um final feliz” (AVEYARD, 2023, p. 597, tradução nossa). Ao longo da discussão, a Entrevistada 15 delinea um paralelo entre a escolha da Mare com a de Evangeline: “É uma grande quebra de expectativa e, no fim, está tudo bem: a Mare escolheu a causa dela e a Evangeline escolheu a felicidade dela. Ela passou a vida inteira preservando o seu bem-estar social e familiar até que decidiu abrir mão disso pelo amor. Ela quis escolher isso, lutando pelo o que acreditava e escolhendo a Elane”, afirma.

Esse é precisamente um dos princípios básicos do empoderamento feminino: o respeito mútuo sobre as decisões e vontades das mulheres e não apenas ao que esperam delas, valorizando as suas conquistas e reconhecendo entre si o valor que elas possuem. Nesse sentido, a Entrevistada 14 ressalta novamente a pluralidade de vozes presente nos cinco livros de *A Rainha Vermelha*: “Eu acho muito legal essa questão da representatividade porque, nos livros, apesar delas terem poderes e serem pessoas inalcançáveis e distantes da nossa realidade, elas estão lutando por coisas que fazem parte do nosso dia a dia: o amor, o que a gente acredita... E eu acho que você acaba se identificando porque você vê todos ali, lutando por coisas mais ou menos parecidas mas todas estão fazendo isso de jeitos muito diferentes. Então é muito importante para quem está lendo ver que mesmo não tendo a mesma visão de

mundo ou a mesma personalidade, nós mulheres temos questões em comum mas não necessariamente iremos fazer as mesmas escolhas ou agir da mesma maneira”, ela diz.

É interessante analisar como a representatividade feminina esbarra em outras formas de representação ao longo do enredo, como a comunidade LGBTQIAPN+ e a negra, simbolizadas – essencialmente mas não exclusivamente – pela Evangeline e a Mare, respectivamente. “Para mim, a questão da representatividade é muito importante porque eu sou uma mulher negra”, afirma a Entrevistada 13 e complementa: “É muito difícil ver livros cujas mulheres negras estão no papel de protagonistas e não no papel da namorada negra descartável, da filha negra descartável ou da menina negra desequilibrada que quer atrapalhar o casal branco. É muito importante para mim ver que a Victoria Aveyard, enquanto uma pessoa branca, teve cuidado em fazer uma protagonista negra, sem cair em estereótipos”, finaliza.

Outro momento muito marcante referente a pauta discutida no grupo focal, remete ao terceiro livro depois que a Mare tem relações sexuais e a sua amiga e aliada Farley (general da Guarda Escarlata) oferece a ela uma pílula, dizendo: “A escolha é sua. Achei que você deveria ter ao menos isso” e a protagonista toma, sem hesitar. A autora revelou na edição da LitJoy que os editores tinham sugerido para que ela removesse essa cena por ser “controversa”, mas ela ficou feliz em ter insistido que ficasse (AVEYARD, 2023, tradução nossa). Tendo em vista que o público-alvo de *A Rainha Vermelha* é predominantemente feminino e jovem, a cena é uma importante ferramenta de conscientização sobre métodos contraceptivos, além de levantar uma questão que não é abordada corriqueiramente em livros de fantasia com muita leveza e naturalidade. “Isso também mostra a importância da gente ter obras escritas por mulheres porque dificilmente um homem pensaria nisso ou faria questão de manter isso no livro, mesmo que isso significasse causar um desconforto entre os editores. E uma autora mulher, não, ela faz questão de que isso esteja presente”, diz a Entrevistada 14. Por isso a relevância de incentivar a escrita feita por mulheres para outras mulheres.

Considerando que a representatividade é a busca para que pessoas e grupos consigam se ver e se sentir visíveis (MARTINO; MARQUES, 2022), a partir do GF, foi possível comprovar que as fãs de *A Rainha Vermelha* se reconhecem nas narrativas apresentadas. Essa aproximação é justificada pela universalidade de temas que toda mulher passou ou eventualmente poderá passar em algum momento na sua vida, não exatamente promovendo

levantes populares ou se opondo a casamentos arranjados, mas compartilhando sentimentos parecidos. Tanto a leitura da saga quanto o debate reforçaram a autonomia, liberdade de escolha e força que as colaboras possuem, demonstrando o papel que representam enquanto mulheres na sociedade e criando um forte senso de mutualidade entre elas. “Eu me senti empoderada ao ver a coragem de todas as personagens desse livro em lutar pelo o que querem e acreditam a todo momento. Essa representatividade para quem é novo e está embarcando no universo da leitura agora é muito importante. E uma coisa que mudou muito em mim após ler *A Rainha Vermelha* é que hoje em dia eu procuro mais livros que sejam narrados por mulheres. Além de eu conseguir me identificar em vários aspectos, eu acho muito mais interessante. Você consegue se enxergar e entender coisas sobre si mesma que antes não compreendia. Então todo livro que eu vou ler eu sempre busco uma figura feminina e, com certeza, isso teve a ver com *A Rainha Vermelha*. Foi o livro que eu li com o maior número de narradoras mulheres e trouxe um impacto positivo na leitura que eu faço hoje em dia”, relata a Entrevistada 2.

Um aspecto interessante dos grupos focais é que as interações entre as participantes ocorreram de forma similar a uma comunidade de fãs. Apesar de não ter sido uma formação orgânica, parte considerável das entrevistadas relatou que gostou do exercício justamente pela possibilidade de troca sobre um assunto em comum e veiculação de diferentes perspectivas que, em alguns casos, sequer tinham pensado antes. A ideia de *fandom*, nesse sentido, serviu como veículo para grupos subculturais historicamente marginalizados compartilharem as suas impressões e, especialmente no último GF, expressarem as suas preocupações dentro das representações dominantes (JENKINS, 2006, apud CARLOS, 2019, p. 12). No próximo capítulo iremos conferir como as interações e atividades dos fãs são responsáveis por causar impactos tão significativos quanto aqueles instigados pela leitura.

CAPÍTULO 4: Como o *fandom* molda o comportamento do indivíduo?

O envolvimento emocional e afetivo com o universo e os personagens de uma obra gera a descoberta de aspectos particulares e sociais nunca explorados antes. O primeiro porque compreendemos nossos próprios traços pessoais ao enxergá-los em outra pessoa ou, no caso, personagem. E o segundo porque ao compartilhar esse conhecimento dentro de uma comunidade de fãs adquirimos novas interpretações e significados que, por sua vez, são responsáveis pela construção da nossa identidade.

A produção de sentido na recepção da mídia não pode ser separada da interação entre crenças compartilhadas e valores pessoais. Para uma mensagem significar alguma coisa, devem ser considerados vários aspectos ligados à identificação. A identidade é uma narrativa e, como tal, vai-se modificando com o tempo, com as incursões por nós realizadas ao longo de nossas experiências. Afinal, juntar a cultura pop com as experiências vividas por uma pessoa é uma das principais formas, atualmente, de construção de uma identidade pessoal ou de grupo (MARTINO; MARQUES, 2022, p. 71).

É perfeitamente normal que o filme favorito de uma pessoa durante a sua infância, por exemplo, não seja mais o filme favorito dela enquanto adulta. Mas isso não muda o fato de ter sido importante e, por essa razão, ela ainda se lembra do enredo e dos personagens, guardando-os na memória. Mesmo sem perceber, esse filme fez parte da sua história e influenciou na pessoa que ela se tornou. O mesmo ocorre com tantas músicas, livros, quadrinhos e séries que ao longo da nossa vida agregam no repertório cultural e podem motivar discussões com outros fãs. Essa talvez seja uma das faces contemporâneas mais visíveis do entretenimento enquanto prática política: sua capacidade de envolver pessoas em discussões a partir do modo como cada um atribui significados aos produtos de mídia (MARTINO; MARQUES, 2022).

Contudo, antes de explorar a fundo os aspectos do *fandom* responsáveis pela transformação do ser humano, é imprescindível destacar que o comportamento do fã também pode ter traços individuais. Embora o seu caráter passivo e particular esteja em decadência nos últimos anos, não é incomum se deparar com fãs que não interajam diretamente com grupos. A maioria das fãs de *A Rainha Vermelha* entrevistadas relatou que interage ou já interagiu com o *fandom* anteriormente, seja postando as suas impressões de leitura e conversando com usuários – em especial no X, antigo Twitter, ou em grupos do WhatsApp –

até participando de atividades na web, como RPG (abreviação de *Role-Playing Game*, que significa Jogo de Interpretação de Papéis) que será estudado mais adiante.

Já o restante das fãs declarou que divide esse interesse pela saga de Victoria Aveyard apenas com pessoas próximas, como a família ou amigos – com quem normalmente realizavam a leitura em conjunto –, ou que simplesmente guarda esse interesse para si. A Entrevistada 14, por exemplo, interpreta a leitura como uma atividade pessoal: “Eu tenho um caderninho que eu escrevo todas as minhas impressões [de leitura], o que eu achei do livro, o que eu gostei, o que eu odiei. É algo que eu tenho costume de fazer, mas eu normalmente não compartilho isso com as pessoas”, ela diz. Algumas fãs ainda declararam que a timidez e o fato de *A Rainha Vermelha* não ser tão popular tampouco possuir uma base de fãs tão ativa no Brasil quanto nos Estados Unidos – seu país de origem – como fatores para não ter trocas tão diretas com a comunidade. A falta de novidades a respeito da adaptação desde o seu anúncio em 2021 também se apresenta como elemento determinante nesse sentido. Felizmente, o BookTok e o constante engajamento dos fãs que, apesar dos quesitos apresentados, não se sentiram desencorajados a participar do *fandom*, atuam como pilares para a permanência desta saga nas redes.

É interessante analisar que a idade média das fãs entrevistadas que nunca interagiram com o *fandom* é de 22 anos, enquanto as que interagem ou já interagiram é de 19 (com ênfase nas duas únicas jovens de 15 anos que participaram do levantamento e que englobam esse resultado final). Embora o engajamento das comunidades virtuais não seja restrito a uma faixa etária específica – uma vez que pessoas de diferentes idades podem agregar na inteligência coletiva do grupo –, há uma recepção maior entre os mais jovens devido à disposição e disponibilidade de tempo para se dedicar a um determinado objeto cultural. Mesmo que este não seja o foco do capítulo, é importante lembrar que até os fãs mais solitários, observadores e pouco presentes nas comunidades, possuem uma relação de afeto com a saga *A Rainha Vermelha*.

A era da convergência das mídias permite modos de audiência comunitários, em vez de individualistas. Contudo, nem todo consumidor de mídia interage no interior de uma comunidade virtual, ainda; alguns apenas discutem o que veem com amigos, com a família e com colegas de trabalho (JENKINS, 2022, p. 57).

Ademais, todas as entrevistadas que não interagem com o *fandom* leram a saga durante o seu período de lançamento no Brasil. Tendo em vista a sua crescente popularidade

desde o início, era esperado que as fãs de *A Rainha Vermelha* dialogassem com outros fãs não apenas pessoalmente mas virtualmente. Entretanto, é importante considerar a época de lançamento destes exemplares: entre 2015 e 2019. As entrevistadas relataram que tinham um comportamento mais observatório diante das postagens na rede, como é o caso da página A Rainha Vermelha Brasil, que acumula 19 mil seguidores no Facebook e 1,9 mil no Instagram. Quando estavam mais ativos, as interações se restringiam apenas nos *posts* – que se voltavam para novidades sobre a adaptação, veiculação de conteúdos humorísticos, também conhecidos como memes, e divulgação de outros lançamentos de Aveyard, como a sua última saga, *Destruidor de mundos* –, dificilmente desenvolvendo para um vínculo maior fora deste ambiente, o que difere do comportamento das fãs que interagem com o *fandom* atualmente.

Figura 4 - Publicação da página A Rainha Vermelha Brasil no Facebook



Fonte: Facebook, 2021

Raramente uma fã que leu a saga em 2015 terá o mesmo engajamento com comunidades virtuais do que uma fã que leu durante a pandemia, que é alguém que não está apenas acostumada como imersa neste universo. O engajamento na web aumentou consideravelmente durante essa época porque a impossibilidade de contato pessoal foi

parcialmente solucionada com o contato virtual, unindo pessoas de diferentes lugares e fortalecendo os laços do grupo. Então, com base nas entrevistas, não são todas as fãs que leram em 2020 ou 2021 que interagem com o *fandom* de *A Rainha Vermelha*, mas é uma quantidade considerável quando comparada àquelas que leram entre 2015 e 2019.

Não apenas o contato digital entre os fãs era menor como a dinâmica de indicação de leitura não era a mesma. Se hoje as redes sociais e os influenciadores digitais – sucessores das resenhas no YouTube que, por sua vez, foram responsáveis por motivar a leitura da obra em duas fãs – são os principais indicadores de leitura, antigamente as livrarias cumpriam este papel. E não haveria como ser diferente, afinal, até 2018 o TikTok era denominado Musical.ly e era mais voltado para gravação de danças e dublagens, atingindo o seu pico de conteúdos literários somente dois anos depois. Neste sentido, de 22 fãs entrevistadas, nove começaram a ler *A Rainha Vermelha* após se interessarem pela capa e lerem a sinopse. O convívio constante com outros leitores também pode incentivar essa prática, já que não apenas ocorre indicações de leitura como o empréstimo de exemplares neste meio. A Entrevistada 17, por exemplo, iniciou a leitura da saga após ver um colega da escola lendo. Já a Entrevistada 1 despertou o interesse após reparar que muitas pessoas no transporte público estavam lendo ou carregavam o primeiro livro em mãos, o que coincide justamente com o ano de publicação do volume inicial, em 2015: “A partir de *A Rainha Vermelha* eu percebi a importância da leitura do livro físico porque ele incentiva outras pessoas sem falar, apenas pelo visual”, ela afirma. Estes dados demonstram que apesar da adesão dos livros digitais e indicadores de leitura disponíveis na internet, o leitor brasileiro ainda valoriza muito o livro físico. Não obstante, a Bienal Internacional do Livro de São Paulo em 2024 foi a maior edição dos últimos dez anos (CBL, 2024) com a presença de 722 mil visitantes, percentual 9,39% maior que em 2022.

Embora, a princípio, seja considerada um ato individual e silencioso, a leitura está longe de ser resumida somente a isso. Não apenas porque todo leitor sempre faz parte de um grupo social, portanto certamente trará elementos de sua leitura para o grupo (BRITO, 2010) – mesmo que seja para um número reduzido de pessoas –, mas porque, diferentemente do período anterior à internet, o novo leitor que nasceu na era digital encontra nos livros um caminho para participar de coletivos virtuais.

Se o leitor individualizado no mundo real sujeita-se a receber/perceber o cânon institucionalizado respeitando as normas e códigos que presidiram à sua sistematização, o leitor coletivizado do *fandom* apresenta-se muito mais independente, selecionando não só o seu cânon particular como estabelecendo novas

regras para a recepção/percepção da obra literária, incluindo estratégias de leitura produtiva e criativa através dos mais diversos recursos tecnológicos disponíveis no ciberespaço (MIRANDA, 2009, p. 1).

Desse modo, a noção de comunidade se afasta daquela constituída pela sociologia clássica: não é mais necessário um espaço físico para que ela se configure. A estas novas comunidades criadas a partir da Comunicação Mediada por Computador (CMC) foi dado o nome de comunidades virtuais, onde a troca se estabelece dentro do ciberespaço. Essa interatividade é formada segundo um tópico de interesse previamente negociado que, no caso das fãs entrevistadas, se refere à coletânea de *A Rainha Vermelha*. A relação mútua entre esses usuários pode até desencadear em um posterior contato externo ao ambiente virtual, variando de acordo com esforços coletivos dos interessados e fatores logísticos tal qual a localização. No entanto, esses laços continuam a ser mantidos majoritariamente no local onde foram criados: na comunidade virtual. Além disso, essa consequência não é determinante para que mudanças individuais e coletivas sejam notadas por intermédio do *fandom*. Logo, a interação mútua é a única capaz de construir relações sociais e, conseqüentemente, comunidades virtuais dentro do ciberespaço uma vez que ocorre de forma aberta com ações interdependentes, possui fluxo dinâmico e cuja relação é pautada de maneira previamente negociada (RECUERO, 2001).

A existência de grupos online de fãs realça a característica da cultura da convergência de aproximar os indivíduos por afinidades específicas, marcando o estilo de vida dessas pessoas. O caráter comunitário do *fandom* está ligado justamente à necessidade constante de pertencer a algo e ser aceito, o que desencadeia na construção dos valores e credos de um fã, moldando assim a sua subjetividade e o seu posicionamento sobre o mundo. Com essa ideia em mente, se mostra proveitoso abordar a noção de capital social, proposta por Pierre Bourdieu. Os principais elementos que definem o capital social são as relações sociais do indivíduo e os recursos dos membros pertencentes a este grupo. Considerando que o nosso gosto é resultado da trajetória social mediada pela tensão entre o habitus (princípio gerador de práticas, ações, percepções e gostos) e o campo (espaço estruturado de relações no qual agentes em disputa buscam um determinado prêmio simbólico), o indivíduo participa de comunidades não apenas pelo gosto pessoal mas pelo interesse nos ganhos materiais e simbólicos obtidos a partir dessa relação de mutualidade.

Embora o capital social seja estabelecido como um conjunto de recursos coletivos, é apenas de forma individual que ele pode ser efetivamente construído e acessado (RECUERO, 2005). No mundo social não existem regras, mas sim regularidades, ou seja, a tendência em consumir determinados conteúdos baseado no campo e no habitus. Quanto mais uma pessoa usufrui de um dado objeto cultural e compartilha esse interesse com outros atores, mais os laços sociais se aprofundam e consequentemente o sentimento de pertencimento se acentua. No caso das fãs de *A Rainha Vermelha*, o interesse não se restringe somente à saga mas se amplia para atividades motivadas por ela. Portanto, há maior disposição entre essas pessoas para consumir *fanarts*, *edits* e *fanfics* relacionados.

Além das amizades criadas, o reconhecimento é outro exemplo de prêmio simbólico neste meio. O empenho ao escrever *fanfics* (abreviação de *fanfiction* que em tradução livre significa “ficção de fã”), por exemplo, não apenas pode suscitar em certo reconhecimento do autor pelo *fandom* como desencadear no desenvolvimento do repertório cultural e da escrita por si só. Assim sendo, o *fandom* se apresenta como espaço que propicia a expressão artística e literária de milhões de usuários, levando os fãs a um novo entendimento de si mesmos e do mundo em que habitam. Para compreender as mudanças originadas pelas comunidades de fãs, é necessário estudar não apenas as suas relações, mas, na mesma medida, os conteúdos veiculados por elas.

4.1 *Fanfics*/AUs, *fanarts* e RPGs: principais atividades dos fãs brasileiros

Uma característica chave dos fãs que participam ativamente do *fandom* é a criação de produtos culturais derivados do objeto de adoração. Mesmo aqueles que não desenham ou escrevem efetivamente já podem ter criado *headcanons* (união de “cabeça” com “cânone” que significa qualquer informação não canônica que faz sentido para o fã) acerca da história na própria mente. Ele observa a narrativa original e cria a própria narrativa com uma visão diferente daquela proposta pelo autor. Segundo a jornalista Thaís Magalhães Rosa (2018), os principais substantivos utilizados por diversos acadêmicos para descrever o termo *headcanon* são: interpretação (ressignificar aquilo que foi apresentado como *canon*), crença (assumir como verdadeiro o que integra o *headcanon*), ideia (representação mental de outras

possibilidades para a narrativa), informação (analisar o *canon* criado para outros fãs) e, por fim, teoria (adivinhar o futuro da narrativa ou explicar os mistérios acerca dela).

O *headcanon* pode surgir apenas como uma simples ideia ou teoria para preencher as lacunas deixadas pela trama. Assim como também pode desenvolver para uma história completamente nova ou complementar àquela em que foi baseada. Nessas situações, os fãs se tornam os autores, deixando as fronteiras entre produtores e consumidores indefinidas dentro da cultura participativa (JENKINS, 2022). É a partir dessa ideia que as histórias ficcionais, também conhecidas como *fanfics*, tomam forma. Apesar da sua difusão ter sido facilitada pelo avanço tecnológico dos últimos anos, a sua origem é datada antes do advento da internet.

A *fanfiction* é, assim, uma história escrita por um fã, envolvendo os cenários, personagens e tramas previamente desenvolvidos no original, sem que exista nenhum intuito de quebra de direitos autorais e de lucros envolvidos nessa prática. Os autores de *fanfictions* dedicam-se a escrevê-las em virtude de terem desenvolvido laços afetivos tão fortes com o original, que não lhes basta consumir o material que lhes é disponibilizado, passando a haver a necessidade de interagir, interferir naquele universo ficcional, de deixar sua marca de autoria (VARGAS, 2005, p. 21).

As primeiras *fanfics* surgiram na década de 1970, nos Estados Unidos, em publicações chamadas *fanzines* (junção de “fã” com “revista”), no qual os fãs discutiam e trocavam ideias sobre um dado produto cultural. Essas impressões possuíam uma estrutura caseira e circulavam restritamente em pequenos grupos ou convenções de fãs, exclusivamente entre os apreciadores da obra em questão. A popularização das *fanzines*, no entanto, ocorreu somente após o cancelamento da série *Star Trek*, televisionada no Brasil como *Jornada nas Estrelas*. Historicamente, este foi o primeiro seriado a possuir uma comunidade de fãs tão engajada a ponto de escrever novos episódios como um complemento da trama original. A imaginação e escrita da continuação foi uma alternativa criativa encontrada pelos fãs para saciar a necessidade de conclusão da história.

Com o surgimento da internet, o público que engloba o *fandom* se ampliou e, da mesma forma, o alcance das *fanfictions*, já que as pessoas estavam buscando por novas formas de estabelecer relações e formar comunidades (RHEINGOLD, 1996, apud RECUERO, 2005, p. 12). As barreiras geográficas deixaram de ser um impeditivo para essas conexões acontecerem e as atividades de fã se estenderam para grupos e gêneros distintos. “Dessa forma, a internet passou a desempenhar o papel de instrumento de sociabilização e de divulgação da prática, possibilitando a multiplicação não apenas de seus participantes mas dos temas que servem de base para ela” (VARGAS, 2005, p. 24). Em alguns casos, é possível

haver o cruzamento de duas ou mais obras em uma determinada *fic*, misturando narrativas e personagens na composição de uma nova história, que varia conforme a preferência do autor.

Se nos anos 2000 os *blogs* e *websites* eram os principais meios de divulgação no exterior dessas histórias ficcionais, no Brasil esses recursos não funcionaram tanto. As dificuldades financeiras enfrentadas pelos proprietários para manterem os sites nacionais funcionando e a falta de tempo para se dedicar à redação desses conteúdos são alguns dos motivos que explicam essa falta de aderência. Por essa razão, as principais plataformas utilizadas atualmente pelos *fanfiqueiros* (termo brasileiro), além de *websites* internacionalmente conhecidos – como o *Archive of Our Own (AO3)* –, são as mídias sociais, especificamente o X e o Wattpad. De 22 fãs entrevistadas, 16 afirmaram que leem ou já leram *fanfics* de *A Rainha Vermelha* anteriormente. As principais plataformas de leitura citadas foram o X (com onze menções), o Wattpad (quatro menções), Spirit (uma menção) e o AO3 (também com uma menção), sendo que algumas foram utilizadas simultaneamente pela mesma pessoa. A Entrevistada 6 destacou a importância do Wattpad na aprendizagem de um novo idioma: “Meu pai morou uma época nos Estados Unidos e quando eu ia visitá-lo, a configuração do Wattpad mudava automaticamente para a língua local e aparecia muito mais histórias em inglês para mim. Então eu comecei a consumir e ficar muito mais acostumada com essas histórias e esse conteúdo além do português. Eu aprendi inglês por causa disso”, ela diz.

É importante ressaltar o X como meio de divulgação dessas histórias não apenas por ter sido o aplicativo mais citado entre as entrevistadas, mas porque dentro desta rede existe um gênero de *fanfic* à parte. Com a popularização das redes sociais, a *fanfiction* não apenas se tornou o gênero de literatura digital mais difundido no país (ARAÚJO; FRADE, 2021) como houve uma ampliação no jeito em que essas histórias são postadas. Contadas por capturas de tela de interações simuladas nas redes sociais, as AUs (sigla para *Alternative Universe*, que em inglês significa Universo Alternativo) são um estilo de *fanfic* no qual os personagens estão em um mundo diferente do cânone. Os capítulos são publicados em formato de *thread* (sequência de *tweets* que se conectam literalmente como um fio), alternando entre prints das interações das figuras fictícias nas redes sociais, como se fossem pessoas reais, e textos corridos que são responsáveis por dar contexto à história – o último, porém, não é uma obrigatoriedade, podendo haver AUs contadas apenas com prints.

Figura 5 - AU de *A Rainha Vermelha* inspirada na música *Wildest Dreams*



Fonte: X, 2023

Assim sendo, o autor da AU cria um novo universo para os personagens da obra original, que pode ser inspirado na mesma obra, em outra ou até se assemelhar ao cotidiano do público leitor – transportando os protagonistas do mundo fantástico para um cruzeiro no ano novo, por exemplo. A principal diferença entre esses estilos de *fanfic* é que o redator da AU não se dedica somente à escrita propriamente dita, mas à simulação das redes sociais dos personagens, ou seja, o autor cria as interações entre essas figuras – normalmente em contas no próprio X, WhatsApp, Instagram ou apps de edição – e publica as capturas de tela na *thread*, viabilizando um caráter mais próximo dos personagens e até da nossa realidade. Entretanto, o elemento básico de toda *fanfic* continua sendo o mesmo: tanto a narração quanto os prints são inspirados nos *headcanons* da pessoa que está escrevendo a AU, se referindo, portanto, ao comportamento que o fã acredita que o personagem teria mediante determinada situação. Ademais, a escolha do X para postagem das AUs possibilita uma onda de engajamento instantânea entre o autor e o leitor que, por sua vez, segue uma série de regras específicas que não foram necessariamente combinadas mas estão implícitas para o melhor

convívio entre os usuários e desenvolvimento da história – como o fato de ser proibido comentar nas *threads* da AU; se o leitor quiser deixar algum comentário sobre as suas impressões de leitura, é necessário *retweetar* com comentário para não interromper a sequência de *posts*. Embora ainda seja um gênero bastante recente – criado entre 2017 e 2018, portanto menos de dez anos – quando comparado com a origem das primeiras *fanfics* já registradas, as AUs têm apresentado um potencial promissor entre os jovens dentro do *fandom*, o que justifica a sua relevância para a elaboração deste trabalho.

A temática central procurada pelas fãs de *A Rainha Vermelha* nessas *fanfictions* – que também abrangem as AUs – é o romance, em virtude da necessidade de aprofundamento da história. Por mais que retrate este gênero em suas obras, Victoria Aveyard já demonstrou em suas redes sociais que possui um interesse maior em descrever cenas de batalha e guerra do que passagens românticas, optando por não entrar em muitos detalhes sobre os relacionamentos amorosos dos personagens. Então, mais do que nunca, esse *fandom* em particular pode sentir uma carência de material voltado ao romance, o que explica a busca por *fanfics* que complementam esse aspecto. Dessa forma, o destaque e a consequente apropriação da trama gera um senso de coletividade sobre a percepção dos *ships*, abreviação de *relationship* (do inglês: relacionamento).

O termo *ship*, no Brasil e fora dele, foi transformado em um verbo – *shipar*, que significa torcer pelo sucesso de um relacionamento amoroso entre duas pessoas específicas; quem *shipa* é um *shiper* – e este se expressa utilizando a forma “eu *shipo* esse casal” ou “nós *shipamos* aquele casal”. É a partir dessas *fanfics*, *fanarts* e *ships* que existe a interação dos fãs dentro dos *fandoms*. Esse é o conteúdo, em sua maioria gratuito, que eles produzem para si mesmos (de fã para fã), e ficam totalmente engajados no trabalho que realizam (BENETI, 2022, p. 168).

Além disso, o que motiva as entrevistadas a lerem as *fics* é a saudade que sentem dos personagens e da história em si. Nestas novas modalidades narrativas, há a possibilidade de prolongamento do enredo bem como o enfoque mais direcionado aos personagens secundários adorados pelo público. “Eu lia *fanfics* quando terminava de ler todos os livros porque eu sentia falta da saga e, ao invés de ler novamente, eu procurava conteúdos relacionados só para matar a saudade, como se fosse uma continuação da história”, declara a Entrevistada 1. O mesmo ocorre com as AUs no X, em conformidade com o relato da Entrevistada 12: “Eu acho muito legal as AUs do Twitter [atual X] porque você cria novas histórias para personagens que já foram desenvolvidos sem perder o que eles são. Então é uma forma que eu encontrei de

ainda ter contato com todos eles, mesmo já tendo lido os livros. Eu não sou uma pessoa que pega um livro para reler, mas às vezes dá aquela saudade do personagem, e ficar vendo *fanarts* e lendo histórias com eles traz um conforto da época que eu li”, ela diz. Esse empenho dos fãs é uma excelente opção para continuar mantendo contato com o objeto cultural sem necessariamente ter que acessá-lo cotidianamente, ainda mais se o leitor for como a Entrevistada 12 e não possuir o hábito da releitura. Ao consumir algum filme, série ou, no caso, livro que tenha gostado, a Entrevistada 18 revela que tem o costume de pesquisar e seguir inúmeras contas relacionadas àquele produto. De forma similar, a Entrevistada 6 procura *fanfics* e materiais produzidos pelos fãs: “Eu gosto de ter esse senso de comunidade, de poder trocar com alguém, ver que eu não sou a única, de procurar pessoas que pensam igual a mim, que gostam desse personagem ou não gostam”, ela explica.

No mesmo sentido, se existem pessoas que consomem AUs e *fanfics* inevitavelmente existem as que produzem. Das fãs de *A Rainha Vermelha* entrevistadas, somente quatro escrevem ou já escreveram histórias ficcionais e a maioria (três delas) publicou os textos no X, ou seja, em formato de AU. As motivações para a produção desses materiais se assemelham àquelas apresentadas pelas fãs para consumi-las, contudo alguns dos efeitos causados se distinguem. Apesar de ter feito as AUs durante o período de isolamento social, como mecanismo de distração, a Entrevistada 22 ainda consegue perceber os resultados dessa prática nos dias atuais: “Escrever as AUs de *A Rainha Vermelha* me ajuda até hoje na faculdade. Escrever sempre foi algo que eu gostei muito, então ter tido esse pontapé inicial com *A Rainha Vermelha* foi algo muito importante para mim”, ela diz.

O leitor/fã/escritor no *fandom* parece ser, basicamente, o público jovem, não especialista em literatura, mas com suficiente formação escolar para ler e selecionar obras segundo critérios próprios, definidos e partilhados por comunidades que vão se organizando segundo as suas motivações e necessidades. Tais comunidades, que se constituem virtual e espontaneamente, não sofrem a tutela da academia nem da universidade, e não são, em geral, monitoradas pela escola nem por professores. Seus membros raramente são apenas leitores passivos, ou meros fãs de alguma obra. Comunidades de *fandoms* quase sempre incluem leitores que também escrevem e publicam extraoficialmente na internet, a partir de ou sobre as obras de seus *canons*. Nesse espaço, têm as suas produções lidas, criticadas e comentadas pelos seus pares ou por visitantes ocasionais (MIRANDA, 2009, p. 3).

A Entrevistada 19 também publicou AUs em 2021, além de já ter produzido o roteiro de adaptação do primeiro livro da saga em formato de série. Ela conta que, na época, estava no pico da criatividade e pensava em cursar cinema na faculdade, realizando alguns cursos online sobre construção de roteiro. Foi quando decidiu escolher *A Rainha Vermelha* para

adaptar nas telonas, tanto por diversão quanto por aprendizado: “Voltando nessa ideia que eu falei sobre adaptar *A Rainha Vermelha* em uma série, tinha super a ver com o que eu queria fazer naquele momento da minha vida, que hoje em dia já bagunçou para outras áreas da produção cultural, não necessariamente para a produção audiovisual. Mas era um jeito de eu testar coisas novas, até a *fanfic* também serviu para eu testar o que eu conseguia, o que eu não conseguia fazer, o que eu gostava e o que eu não gostava de fazer, então foi um suporte para eu ir entendendo e indiretamente tomar a decisão do que eu queria fazer profissionalmente”, explica. Hoje, ela cursa produção cultural e trabalha como analista de marketing e social media.

Os benefícios provocados pela realização dessas atividades não apaga os malefícios causados pela mesma. A Entrevistada 4 conta já ter passado por uma experiência negativa com o *fandom* de *A Rainha Vermelha* no X. Ela se recorda de ainda estar lendo *Espada de vidro*, o segundo livro da saga, quando começou a escrever as AUs na rede. Encorajada pela falta de conteúdo sobre o seu casal favorito, a fã redigiu uma *fanfic* com base nos seus *headcanons* e no que tinha lido até então. Ao postar o seu *headcanon* a respeito da sexualidade de dois personagens, ela passou a receber diversos comentários negativos, além de *spoilers* (revelações sobre conteúdos importantes da trama antes que o expectador os tenha consumido) que frisavam qual era, de fato, a verdadeira sexualidade deles. Como não havia terminado de ler a saga, a Entrevistada 4 não sabia, o que não impediu a onda de ofensas que recebeu na época. “É, o Twitter não perdoa”, reconta. O ocorrido, porém, não impediu que ela continuasse criando *fanfics* na internet, acumulando hoje um total de 13 AUs, sendo que dez são apenas de *A Rainha Vermelha*.

Além da escrita e leitura de AUs e *fanfics*, outra prática comum entre as fãs brasileiras entrevistadas é o consumo de *fanarts*, normalmente pelo app Pinterest. Como o próprio nome indica, a *fanart* é uma arte baseada em uma determinada produção cultural desenvolvida por um fã. Conforme mencionado anteriormente pela Entrevistada 12, o acesso a estas artes permite que os fãs apreciem a obra original – sem precisar relê-la – por uma nova perspectiva. “Eu consumia *fanarts* de *A Rainha Vermelha* para conseguir visualizar melhor os personagens”, diz a Entrevistada 10 que é somente um caso de fã que realiza essa prática. As *fanarts* também são responsáveis por construir o imaginário coletivo, ou seja, conjunto de símbolos e representações em comum a todos os membros da comunidade sobre como é, no caso, a aparência física dos personagens – enquanto ainda não há novidades sobre o elenco da

adaptação. Se tratando de *A Rainha Vermelha*, esse senso é reafirmado no *fandom* quando os fãs enxergam a protagonista Mare Barrow como uma mulher negra e aplicam esse fato na descrição das *fanfics* ou na seleção de fotos para as AUs, por exemplo, bem como na construção da própria identidade, conforme verificamos com a Entrevistada 13 no capítulo anterior. Ademais, a própria autora Victoria Aveyard constantemente reafirma essa representação ao curtir, postar e republicar as *fanarts* dos seus fãs nas redes sociais, o que apenas reforça o sentido de comunidade do grupo.

A última prática mais realizada pelas fãs de *A Rainha Vermelha* é o RPG no X. Diferentemente do tradicional RPG de mesa no qual os jogadores assumem o papel dos personagens imaginários em um mundo fictício, neste os usuários interpretam os personagens em contas online criadas especificamente para eles, como se estivessem vivendo no mundo real, o que se assemelha um pouco com a premissa das AUs. Os fãs participam do RPG espontaneamente, sendo necessário preencher previamente uma ficha com as informações do personagem escolhido e criar um perfil para ele, contendo *icon* (foto de perfil), *header* (papel de parede), bio e, quando mencionado na obra original, data de aniversário. Essa atividade também contém regras de funcionamento, embora não sejam tão implícitas quanto às da AU, sendo necessário a publicação delas geralmente na conta base do RPG. Apesar de variar de *fandom* para *fandom*, as regras básicas de todo RPG consistem na interação de todos os usuários entre si, realização de turnos (cenas escritas por dois ou mais jogadores em um momento de “encontro” entre os personagens) e o respeito ao próximo. Deste modo, os administradores das contas passam a fazer *posts* ativamente, interpretando a figura fictícia escolhida – o não cumprimento de alguma regra e inatividade podem significar a perda da vaga do personagem.

Além da postagem ativa, os usuários também têm a possibilidade de participar de gincanas e competições contra outros RPGs promovidas pela conta base de cada um, que não são atividades obrigatórias mas são bastante encorajadas. A escolha do X para execução dos RPGs se deve pela facilidade no contato com os personagens e consequentemente pelo desenvolvimento do relacionamento criado entre eles, demonstrando de forma acessível a personalidade – portanto, *headcanons* – que o administrador da conta criou para o personagem escolhido. De 22 fãs de *A Rainha Vermelha* entrevistadas, três delas já participaram de algum *Role-Playing Game* online, sendo que uma delas conheceu a saga justamente por conta desta prática. A Entrevistada 5 fazia parte do RPG do livro *A Seleção* de

Kiera Cass, interpretando um personagem que se “casou” com outro que fazia parte do RPG de *A Rainha Vermelha*. Esta conexão entre dois *fandoms* distintos despertou a curiosidade da leitora que, por sua vez, leu a saga completa e acabou se tornando fã dela.

Figura 6 - Contas do RPG de *A Rainha Vermelha*



Fonte: X, 2020

Já as Entrevistadas 20 e 21 participaram propriamente do RPG de *A Rainha Vermelha*, sendo que a primeira se tornou a responsável pela conta base – que não têm mais *tweets* desde 2022 – e de um dos personagens principais no qual mantém a interatividade até hoje, não mais como jogadora mas sim como conta de fã. O pico de participações no RPG foi durante a quarentena – dado a disponibilidade de tempo dos participantes –, mais especificamente na época em que Aveyard anunciou a adaptação da saga pela Peacock, há três anos atrás. A Entrevistada 20 se recorda do alcance que o RPG teve e relata que, junto com outros jogadores, utilizou a rede para atrair mais fãs e divulgar os livros para novos leitores, já que, segundo ela, as pessoas que não tem o costume de ler prestam mais atenção nos livros que possuem adaptação: “A gente conseguiu atrair gente demais, foi uma loucura. As mensagens da conta base não paravam de chegar. Teve uma época que a gente conseguiu colocar [no RPG] o nome de todos os personagens de todos os livros, até de personagens que só apareciam com o nome citado e nunca tiveram nenhuma fala. Todo mundo teve vaga, inclusive, quando elas acabaram, começou a entrar *OC* (*original character*, personagem original desenvolvido pelo escritor-fã) que a pessoa criava, porque não existiam mais vagas para personagens do livro. (...) Havia muita gente interagindo e quem não estava dentro do

RPG, interagia por fora nas contas normais mesmo. Então era gigante, foi um marco”, ela relembra.

Alguns dos desafios enfrentados na condução do RPG consistiam nas discussões entre os participantes – por divergência de opiniões envolvendo a trama original ou a formação das chamadas “panelinhas”, ou seja, grupo fechado de pessoas que se unem entre si e excluem as outras – e o não cumprimento das regras estabelecidas, como mudar completamente a personalidade do personagem administrado. A Entrevistada 20, como base, exigia que os jogadores fossem fiéis aos livros, recomendando a releitura da saga quando necessário, como ela mesma fazia, mas não eram todos que seguiam o modelo. Apesar das desavenças, o real motivo que levou a dispersão e o encerramento do RPG foi o pós-pandemia e o retorno às atividades presenciais. Contudo, ainda existem algumas exceções, como ela, que mantém o engajamento nas contas até hoje, mesmo que em menor escala: “A gente viveu várias brigas e nada disso quebrou o RPG. As pessoas continuavam entrando, continuavam querendo participar. (...) Eu continuo lá porque, para mim, não acaba nunca. As pessoas não viveram o que a gente viveu, o que a base viveu que foi recriar um RPG do zero. Então eu tenho muita memória afetiva por isso continuo por lá, claro, bem menos do que antes [por conta da faculdade]. Mas as pessoas foram saindo porque realmente não tinham mais tempo ou só acabou essa fase de RPG”, ela afirma.

Não se pode, por exemplo, deduzir que não exista conflito em uma comunidade virtual. No entanto, é preciso que se compreenda que, para que a própria estrutura da comunidade exista, a maioria das interações precisa ser cooperativa (RECUERO, 2005, p. 9).

Embora tenham aparecido em menor quantidade quando comparado às *fanfics*, AUs, *fanarts* e RPGs, outras atividades de fã registradas pelas entrevistadas foram o consumo e/ou produção de *edits* (vídeos curtos dos personagens com transições e músicas em alta, populares em redes como o TikTok e Instagram); criação de playlists com músicas que remetem à saga ou aos personagens presentes nela; as *asks* (publicação de frases aleatórias sobre a história no X, escrevendo #askrq, para formar frases completas e cômicas ao unir os *tweets* de outros usuários disponíveis nesta hashtag) e a criação de contas literárias no Instagram, contendo resenhas literárias, indicações de leitura e memes sobre livros, incluindo *A Rainha Vermelha* (semelhante à dinâmica do BookTok). A partir de todas essas atividades e as diferentes possibilidades de interação nas redes sociais, podemos considerar que as redes online são muito maiores e mais amplas do que as redes offline, com um potencial de informação que

está presente nessas conexões (RECUERO, 2009). No entanto, os efeitos causados nos fãs – por mais distintos que sejam – são derivados de ambos ambientes e, portanto, merecem ser analisados.

4.2 Para além da leitura: dinâmica entre os fãs no ambiente *online* e *offline*

Toda narrativa é identitária, ou seja, o “eu” possui uma trama de narrativas de outras histórias, relações e vivências que o ajudam a formar quem é. Como conferimos anteriormente, não existe ficção totalmente desvinculada da realidade, portanto a identificação com histórias – mesmo àquelas que não poderiam estar mais distantes do nosso cotidiano – auxiliam o indivíduo a se relacionar com a narrativa do outro, desenvolver a empatia e lidar com o assunto ou experiência descrita pelo autor. Segundo a doutora em Comunicação Social Adriana Amaral, conseguimos ser fãs de produtos culturais adversos ao nosso espaço e tempo porque eles contêm elementos que são universais a todos os seres humanos, como as relações de amor, de subjetividade, questões pessoais e até coletivas: “Todo processo de ser fã está relacionado à identificação”, ela afirma. Logo, devemos considerar que a construção de qualquer narrativa é importante, haja vista que ela é fundamental para criar o vínculo de uma comunidade. Afinal, essas histórias não falam somente sobre si mas sobre o próximo também.

Embora a criação de produtos de fã seja importante para delimitar a existência de um determinado indivíduo no campo, ela não é obrigatória para a criação de relações emocionais entre as partes envolvidas. Quando um grupo de pessoas se une, subentende-se que há um interesse mútuo – e previamente negociado – entre elas. Nesse sentido, a narrativa é o elemento primordial para se estabelecer conexões em uma comunidade de fãs, já que primeiro ela precisou acessar o campo dos afetos de seus membros para, em seguida, promover significado para a existência da formação. Logo, quanto mais essas trocas de narrativas ocorrem, mais o sentimento de pertencimento do *fandom* se fortalece. Por esse motivo é bastante comum encontrar diferentes grupos de fãs de um mesmo objeto em múltiplos ambientes, seja online ou offline.

As dinâmicas de relação entre fã, objeto de apreciação e *fandom* são complexas, estão vinculadas de perto ao afeto e à emoção. Ser parte de um *fandom* é se sentir reconhecido e valorizado por características que, fora desse espaço, talvez sequer sejam compreendidas; é também um trabalho de *identificação* com o artista ou a

obra, uma relação marcada por um tom próximo, pessoal (MARTINO; MARQUES, 2022, p. 79).

Mesmo que o sentimento das nossas próprias emoções seja um ato individual, nós temos a capacidade de sentir coletivamente. Isso nos permite processar as emoções não como indivíduos, mas como parte de um grupo, da cultura na qual todas e todos estamos inseridos (MARTINO; MARQUES, 2022). Tomemos como exemplo a notícia da adaptação de *A Rainha Vermelha*, já citada previamente. As emoções mais listadas entre as 22 fãs entrevistadas com relação à adaptação foram: ansiedade, empolgação, esperança, alegria, curiosidade e, principalmente, medo. Isso ocorre pelo receio na escolha do elenco, da falta de tempo para desenvolver toda a história caso seja adaptado em filme, de não ser fiel à saga, do orçamento disponível para produção dos efeitos visuais e até de ser cancelada, como já aconteceu com outras mídias culturais – no caso, *A Seleção*. Essa relação afetiva de apego ao texto original explica a apreensão de tantos fãs com uma notícia como esta, ressaltando a importância da presença do autor na fase de roteiro. Mas a perspectiva de dividir essas mesmas emoções com outros fãs cria um imenso laço de identificação e, na mesma medida, de pertencimento.

Tendo em vista que a cultura pop e o entretenimento fazem parte do cotidiano dos jovens, esse tipo de vínculo emocional pela saga dialoga com as temáticas e linguagens adotadas por estes agentes. Mas, diferentemente, da época de criação das primeiras *fan pages* no Facebook, em que os fãs só iniciavam uma interação a partir de um *post* motivador – e não iam muito além disso –, hoje em dia basta publicar a sua percepção sobre um livro no X, por exemplo, que os usuários passam a comentar, debater e eventualmente esse contato pode evoluir para uma amizade. Logo, as publicações em páginas de fãs deixaram de ser necessárias para que haja engajamento entre os fãs nas redes sociais: atualmente, as trocas são mais diretas assim como as relações mais recíprocas – sempre variando conforme a disposição dos agentes. A Entrevistada 2 começou a ler *A Rainha Vermelha* junto com uma amiga, mas quando estavam em tempos de leitura diferentes, ela recorria ao X para compartilhar as suas impressões e conversar com outros fãs a respeito: “Algo positivo do *fandom* é você conseguir ter essa troca, essa relação com pessoas que gostam da mesma coisa que você, porque eu não tenho muitas pessoas no meu convívio social que gostam das coisas que eu leio. (...) Então é maravilhoso ter alguém que curte a mesma coisa que você para debater sobre, se envolver em

uma conversa. Você vê que a pessoa realmente gosta daquilo e consegue puxar um papo legal”, ela diz.

A dispensabilidade de uma publicação feita por uma página de fã – por meio de um caráter mais impessoal e, de certo modo, informativo acerca das notícias recentes envolvendo a pessoa ou obra apreciada – possibilitou que os usuários deixassem de seguir somente *fan pages* para também seguir diretamente as contas pessoais dos fãs. Quando o utilizador segue um perfil de volta, essa relação se torna mútua, ou seja, as pessoas se tornam “*mutuals*” ou, de forma abasileirada, “*moots*” (gírias frequentemente empregadas nas redes sociais para se referir a pessoas que se seguem mutuamente). Agora, temos acesso a interpretações mais íntimas e subjetivas sobre uma série ou música que acabou de lançar e vice-versa. Pelas páginas, sabemos o que ocorreu; já pelos fãs, sabemos os impactos causados na própria fonte. À parte das consequências individuais relatadas pelas fãs no subtítulo anterior sobre as atividades no *fandom*, neste estamos considerando as consequências coletivas de interação dentro da comunidade online como um todo. O principal benefício registrado pelas entrevistadas foi a oportunidade de conhecer pessoas novas, construir amizades e compartilhar opiniões sobre o objeto cultural em comum, dado a falta de fãs para realizar essa troca pessoalmente. A título de exemplo, a Entrevistada 22 compartilha o interesse pela saga de Victoria Aveyard com vários fãs no X: “Quando eu entrei no Twitter, eu conheci muitas pessoas do *fandom* de *A Rainha Vermelha* e por causa disso eu conheci grande parte das amigas virtuais que eu tenho hoje, a gente ainda fala muito sobre isso [o livro]. (...) Com essas amigas que surgiram a partir do *fandom* a gente fala sobre tudo porque nos tornamos muito mais próximas. A gente fala sobre a vida mesmo, faculdade, família, outros amigos. Então já é uma proximidade muito maior, não falamos só sobre os livros”, diz.

Nesses casos, é bastante comum que a interação iniciada em uma publicação se desenvolva para um diálogo no chat e, em maior proporção, para um grupo de conversa. À princípio, a temática central gira em torno do objeto cultural, mas eventualmente os assuntos cotidianos passam a integrar os tópicos de conversa. Análogo ao que aconteceu com a Entrevistada 22 ao entrar no X, a Entrevistada 12 passou por algo bastante parecido. Ela tinha uma conta na plataforma que estava provisoriamente desativada e decidiu voltar a usá-la porque estava se sentindo afastada dos colegas na faculdade. Ter retornado para o *fandom* trouxe o apoio que ela precisava para enfrentar esse momento da vida dela: “Para mim, isso foi uma coisa muito boa porque eu converso com outras meninas por mensagem, a gente

comenta sobre a história e até o meu namorado começou a ler outro dia. Então foi algo que me trouxe conforto em meio a uma situação que estava me deixando muito estressada, muito triste. Foi uma das coisas boas que *A Rainha Vermelha* me trouxe”, ela explica. O grupo que a Entrevistada 12 faz parte não é propriamente voltado para a coletânea de Aveyard, mas para as pessoas que leem as AUs da Entrevistada 4 produzidas a partir desses livros.

Figura 7 - Interações no grupo de AUs de *A Rainha Vermelha*



Fonte: X, 2024

Criado em 2021, o grupo com 80 integrantes se reuniu no X inicialmente para conversar sobre as AUs de *A Rainha Vermelha* e acompanhar a atualização dos capítulos, em tempo real, escritos pela administradora. Contudo, como elucidado pela Entrevistada 12, os assuntos das mensagens também variam para outras obras literárias – geralmente do BookTok – e culturais, além de se desdobrar para assuntos cotidianos. Com o objetivo de estudar a dinâmica entre esses fãs, ingressei no coletivo no início de março deste ano. Ao longo dos meses, pude analisar quais foram os assuntos e tipos de interatividades predominantes entre estes usuários, além de acompanhar como ocorreu o processo de transição para outras redes quando o X foi bloqueado no Brasil no dia 30 de agosto. Em sua maioria, os diálogos iniciavam quando a Entrevistada 4 publicava alguma att (abreviação de atualização, usada

com bastante frequência para se referir a um novo capítulo) da AU e compartilhava no grupo, fazendo um trocadilho com a palavra “atualização” e o seu próprio nome. A partir disso, os membros expressavam as suas impressões de leitura, debatiam teorias e pediam a continuação.

Além das AUs, outros tópicos centrais de conversa consistiam em falar sobre o dia a dia na faculdade ou emprego; aniversários – que consequentemente se desenrolavam para signos –; experiências com relacionamentos amorosos, normalmente em paralelo com as *fanfictions*; shows – como o de Louis Tomlinson, ex-integrante da banda One Direction, conforme apresentado acima –; diferenças regionais, mais especificamente sobre o funcionamento do transporte público em cada estado; temas relacionados a outros *fandoms*, não necessariamente sobre conteúdos literários mas também musicais ou televisivos e, por fim, a queda do X no Brasil em razão do descumprimento das determinações exigidas pelo Supremo Tribunal Federal. Se mostra indispensável realizar um adendo sobre essa questão não apenas pela sua relevância mas pelo impacto causado nessas pessoas. As atividades no grupo do WhatsApp da AU, também criado em 2021, retornaram à ativa no mesmo dia que o X saiu do ar. Durante o período um pouco superior a um mês, as atualizações das AUs cessaram temporariamente ao passo que os membros migraram para outros aplicativos além do WhatsApp, tais como o Threads e/ou o Bluesky. Essa transição repentina para outras plataformas demonstra como os sistemas sociais e as redes sociais estão em constante mudança, o que implica no aparecimento de novos padrões estruturais das comunidades de fãs. “Redes sociais, portanto, precisam ter capacidade de adaptação, pois têm um equilíbrio dinâmico, constantemente redirecionado entre caos e ordem” (RECUERO, 2005, p. 10).

Por serem voluntárias, as pessoas não permanecem em comunidades que não mais satisfazem suas necessidades emocionais e intelectuais. Por serem temporárias, as comunidades se formam e se dispersam com relativa flexibilidade. Por serem táticas, tendem a não durar além das tarefas que as impulsionaram. Às vezes, tais comunidades podem redefinir seu propósito. Na medida em que ser fã é um estilo de vida, fãs podem se deslocar de uma série a outra muitas vezes na história da sua afiliação. Contudo, quando uma comunidade se dispersa, seus membros podem se deslocar para muitas direções diferentes, buscando novos espaços para aplicar suas habilidades e novas aberturas para suas especulações, e, no processo, as habilidades espalham-se para novas comunidades e aplicam-se a novas tarefas (JENKINS, 2022, p. 93).

Desde o dia nove de outubro, com o retorno do X, os membros voltaram a interagir no grupo principal e atualizações da AU foram publicadas, revelando a habilidade dos atores de se adaptar e readaptar a novos ambientes digitais em uma velocidade impressionante. Essa

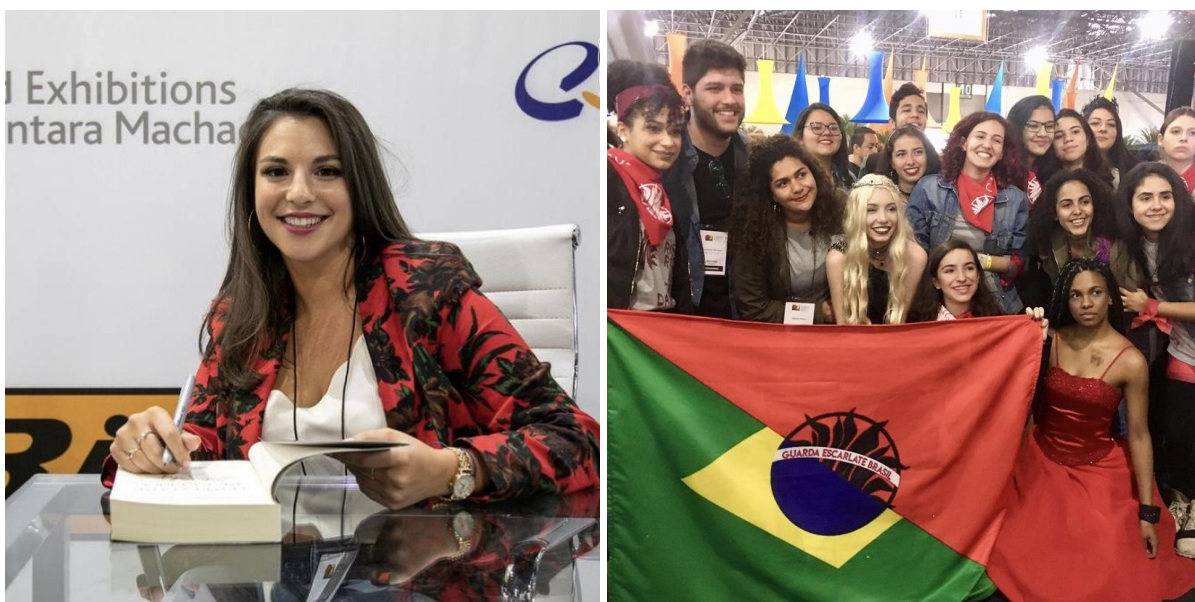
desenvoltura com a tecnologia e o comportamento imediatista são características cruciais da geração Z, que nasceu completamente imersa neste ecossistema hiperconectado. As relações estabelecidas persistiram mesmo com a ausência da rede que as originou, revelando que as necessidades emocionais e intelectuais foram supridas em outros espaços. No entanto, isso já pôde ser observado antes mesmo deste episódio com o X.

Embora esses laços tenham sido formados e sejam majoritariamente pautados nas redes sociais, o contato presencial é crucial para o desenvolvimento das habilidades sociais do fã, melhorando a sua capacidade de se relacionar com outras pessoas. Como apontado anteriormente, a Entrevistada 4 e outras duas integrantes do grupo foram ao show do cantor Louis Tomlinson juntas, em maio deste ano. Ainda sobre a mesma fã entrevistada, ela também encontrou outras amigas virtuais pessoalmente: “Eu conheci muitas pessoas legais graças ao *fandom* de *A Rainha Vermelha*. Inclusive, duas eu até conheci fora do Twitter: uma eu encontrei na Bienal e a outra eu comecei a sair esse ano. Foi maravilhoso, são meninas legais. E, claro, que a gente não saiu imediatamente depois de se conhecer no Twitter, não, levou alguns meses. Eu tinha o Instagram delas e fomos com calma, eu sou cuidadosa. (...) [O encontro com a amiga na Bienal] foi muito lindo, muito fofo, de verdade. Tem até um vídeo da gente se encontrando. Eu lembro que a gente rodou vários estandes porque lá é um labirinto”, explica. Na Bienal Internacional do Livro de São Paulo deste ano, algumas das integrantes voltaram a se encontrar.

Embora os ambientes virtuais sejam amplos e possuam um potencial de sociabilidade promissor para que essas conexões se estabeleçam, os encontros presenciais também são tão importantes quanto. Nesse sentido, a Bienal do Livro não apenas é o melhor momento para que fãs conheçam os seus autores favoritos pessoalmente, mas parece ser o espaço ideal para que esses encontros entre fãs aconteçam. A 25ª edição do evento, em 2018, contou com a presença de alguns autores internacionais ilustres, incluindo a própria Victoria Aveyard durante a sua turnê em território brasileiro – no qual participou de eventos em São Paulo, Fortaleza, Curitiba e Rio de Janeiro, marcando a sua única passagem pelo país. A autora esteve presente nos últimos dois dias de Bienal na capital paulista, no estande da Editora Seguinte, realizando sessões de autógrafos – com 200 senhas para cada dia – e reunindo os fãs presentes para um bate-papo sobre os livros, a finalização da saga – que teria seu último volume publicado no ano seguinte – e perspectivas de lançamentos futuros.

Apesar da barreira linguística enfrentada, a recepção do público foi bastante positiva. Em um novo exemplo, as sensações experienciadas ao colher o autógrafo e conversar diretamente com a autora evidenciam mais uma vez a capacidade que temos de sentir junto com outras pessoas. Durante algumas horas na fila, todos os fãs presentes ali compartilharam a mesma ansiedade, frio na barriga e empolgação em conhecer a Victoria, reafirmando o sentimento de comunidade e a ligação entre eles. Por mais que essas pessoas não se encontrem novamente nas mesmas circunstâncias, naquele final de semana elas dividiram percepções muito parecidas.

Figura 8 - Victoria Aveyard e fãs de *A Rainha Vermelha* na 25ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo



Fonte: Editora Seguinte, 2018

Três fãs de *A Rainha Vermelha* entrevistadas compareceram ao bate-papo com a escritora, mas nenhuma delas conseguiu se encontrar pessoalmente com ela. Somente a Entrevistada 19 conseguiu o autógrafo, já que uma fã recolheu alguns livros e deu para Aveyard assinar. “Eu lembro que eu fiquei muito feliz porque primeiro: eu vi ela ali, de pertinho enquanto os livros estavam bem no *hype* (termo que se refere àquilo que está em alta); e depois eu recebi o meu livro autografado por ela, eu fiquei tipo: ‘Caraca, que doideira’. Eu já li esse livro umas três vezes. (...) Foi divertido, tinha bastante gente até. Foi a minha primeira Bienal e eu fui dois dias em 2018, na sexta e no sábado. Foi uma experiência bem legal estar conectada com outras pessoas que gostam de livros do jeito que o público que

vai à Bienal gosta. Também foi bem legal estar com a galera que gosta de *A Rainha Vermelha* porque é fácil de fazer amizade”, ela lembra.

No evento, alguns fãs estavam à caráter, seja amarrando uma fita vermelha ou a própria bandana da Guarda Escarlata no pescoço e/ou no braço até fazendo cosplays (atividade artística em que o cosplayer, ou seja, o participante se caracteriza e se comporta como um personagem fictício). Além disso, eles se identificavam como membros da Guarda Escarlata, assumindo uma posição política favorável acerca dos temas trabalhados na coletânea e reforçando a existência dos sujeitos na comunidade – neste caso, ser um membro do grupo revolucionário quer dizer fazer parte do *fandom*. Naquele espaço e tempo, os fãs compartilharam a mesma imersão na história, revelando os traços de quem são e de quem gostariam de ser.

Ademais, os fãs relataram que o tempo que passaram na fila e todos os percalços enfrentados, valeram a pena para conhecer a autora. Como demonstração de afeto dos fãs brasileiros, ela recebeu uma bandeira assinada com os nomes dos usuários do *fandom* de *A Rainha Vermelha* no X bem como um porta-retrato com fotos dos fãs segurando os livros, formando a bandeira do Brasil. Em entrevista cedida à equipe da Editora Seguinte, Victoria Aveyard diz nunca ter recebido tanto amor e apoio de uma comunidade de leitores quanto recebeu no Brasil e aproveitou para mandar um recado para os fãs: “Pessoal, muito obrigada pelo apoio constante de vocês. Não só aqui, mas toda vez que eu posto qualquer coisa na internet, eu sempre recebo essa quantidade enorme de amor dos fãs brasileiros. Vocês são tão incríveis e eu amo que estejam do nosso lado o tempo todo. É ótimo” (informação verbal, tradução nossa)². Assim sendo, a ação coletiva oriunda do ambiente virtual tornou-se um método não restritivo à web, mas sim um canal que pode gerar manifestações fora dela, servindo de núcleo engajador (RHEINGOLD, 2007, apud NALLE, 2021, p. 128). Este engajamento on/off pode ser percebido justamente na socialização dos fãs – de diferentes localidades – organizados nas redes e concretizados presencialmente, conforme acabamos de conferir.

O estilo de vida e os modos de pensar de um indivíduo permitem estabelecer uma relação de identidade entre a pessoa e os espaços sociais aos quais está ligada. A identidade se constrói e se reconstrói nas práticas, é tecida nos atos e atitudes do cotidiano, que estabelecem não apenas o vínculo do indivíduo com suas relações

² Entrevista com Victoria Aveyard fornecida pela Editora Seguinte na Bienal do Livro de São Paulo, em agosto de 2018.

sociais, mas consigo mesmo, garantindo um senso de identificação com algo que lhe é familiar (MARTINO; MARQUES, 2022, p. 93).

As narrativas provenientes de livros, músicas, quadrinhos, animes e qualquer produto cultural criam ressonâncias com quem somos e quem gostaríamos de ser. Ao nos identificarmos com o autor e, por consequência, com os personagens do enredo, percebemos que dividimos os mesmos sonhos, dilemas e problemas, fazendo-nos sentir não apenas que existimos no mundo mas que não estamos sozinhos. Esse laço inicial cria movimentos profundos de identificação com o próximo já que, enquanto fãs, nos sentimos representados pelos mesmos personagens, pensamentos e trajetórias narradas pelo criador da obra original. Consumir um produto midiático é se tornar parte de um grupo maior, rompendo simbolicamente as fronteiras de uma recepção individualizada e se tornando parte de uma comunidade – invisível, em alguns casos, mas nem por isso menos importante (MARTINO; MARQUES, 2022). Ao sentir que pertencemos a um grupo, ganhamos significado e, por consequência, identidade.

4.3 Práticas de consumo e a necessidade de continuidade da história

As contribuições dos fãs a partir de comentários online, debates sobre livros, resenhas, criação de *fanfictions*, *fanarts*, RPGs e grupos de fã, conforme conferimos acima, servem como uma extensão do universo principal, sem repetir o conteúdo já formado. Essa noção de universo vasto com muito a ser explorado dialoga diretamente com a economia afetiva que, por sua vez, se refere a uma configuração da teoria de marketing, ainda incipiente, que busca entender os fundamentos emocionais da tomada de decisão do consumidor como uma força motriz por trás das decisões de audiência e compra, visando o retorno financeiro (JENKINS, 2022). Em suma, os novos modelos de marketing estão buscando ampliar os investimentos emocionais, sociais e intelectuais do consumidor com o objetivo de ditar os padrões de consumo.

Eis o paradoxo: ser desejado pelas redes é ter seus desejos transformados em mercadoria. Por um lado, tornar-se uma mercadoria expande a visibilidade cultural do grupo. Grupos que não possuem valor econômico reconhecido são ignorados. Por outro lado, é também uma forma de exploração. Os grupos transformados em mercadorias perderam o controle sobre sua própria cultura, já que ela é produzida e comercializada em massa. Esses grupos não conseguem evitar sentimentos conflituosos, pois querem ser representados, mas não querem ser explorados (JENKINS, 2022, p. 99).

Os consumidores mais valiosos são reconhecidos nesta lógica da economia afetiva como “fiéis”, ou seja, os fãs. A indústria aproveita do envolvimento emocional que eles possuem com a obra para impulsionar as vendas, já que os fiéis são os que tendem a prestar mais atenção nos anúncios e, por consequência, comprar mais produtos. Pela primeira vez, desde o seu lançamento, Victoria Aveyard anunciou no ano passado, em parceria com a LitJoy, a venda de produtos oficiais limitados de *A Rainha Vermelha*. Para quem se interessasse, não teria somente acesso aos livros de capa dura com comentários e ilustrações exclusivas, mas os próprios brincos da protagonista Mare Barrow.

Figura 9 - Produtos oficiais de *A Rainha Vermelha*



Fonte: Instagram, 2023

A simbologia dos brincos iniciou quando o irmão mais velho da Mare foi mandado para guerra e deu um par de brincos para que ela dividisse com a sua irmã mais nova. Os outros dois irmãos mantiveram a tradição quando atingiram a idade do alistamento obrigatório e elas passaram a carregar as três pequenas jóias em uma orelha para lembrar dos irmãos que estavam lutando em algum lugar. Ao longo da saga, a protagonista ganha mais duas pedras: uma do seu amigo de infância e outra do seu parceiro romântico – com novos significados – e constantemente encontra nelas um conforto das suas raízes e da sua família, servindo como uma âncora para se reconectar consigo mesma. Qualquer pessoa que não conhece a coletânea

poderia dizer que é um simples par de brincos, mas os consumidores fiéis entendem o seu real significado.

Vivemos boa parte do tempo no mundo simbólico, isto é, compartilhamos significados por meio de símbolos, e as produções da cultura pop se articulam com esse espaço (MARTINO; MARQUES, 2022). Uma pessoa não precisa dizer que é fã de um artista ou banda para identificarmos isso. Basta olhar os seus trajes e perceber que ela escolheu usar uma camiseta do One Direction, por exemplo, para sabermos que ela é fã da banda. Essas representações são usadas como um meio de se comunicar e, indo mais além, se posicionar em termos sociais e políticos – como verificamos anteriormente com os cosplays de *A Rainha Vermelha*. Nesse sentido, o consumo tornou-se um processo coletivo baseado na inteligência coletiva que, por sua vez, é responsável pela compreensão dos símbolos e consequentemente pelo reconhecimento das pessoas como integrantes de uma comunidade com ideias e valores em comum.

De 22 fãs entrevistadas, 14 já compraram algum produto de *A Rainha Vermelha*, sendo oficial ou não. A maioria possui edições de colecionador, mas as aquisições também variam de chaveiros, bótons, pôsteres e marca-páginas até velas aromáticas, acrílicos, roupas feitas sob medida e bonecos colecionáveis. Essa variedade revela a necessidade dos fãs de consumirem produtos relacionados ao objeto de adoração. Aqui, a palavra “consumo” apresenta um duplo sentido já que não se refere somente ao consumo de produtos culturais físicos mas às atividades de fãs, em conformidade com o que conferimos no início do capítulo. À vista disso, todas as fãs que compraram algum dos produtos listados acima também consomem ou já consumiram *fanfics*, *AUs*, *fanarts* ou qualquer prática derivada do *fandom*. Ambos dão a sensação de continuidade da história e de que os fãs não precisam se despedir da narrativa tão cedo.

Uma pesquisa realizada pela Monks (marca operacional da S4 Capital) em parceria com o instituto de estudos culturais e comportamentais floatvibes revela que 53% dos entrevistados acreditam que o consumo é imprescindível para manter a sua dedicação como fã enquanto 37% acham que a dedicação pode ser medida por quanto dinheiro gasta no objeto ou ídolo. Esse consumo, decerto, não é a única maneira de ser fã, uma vez que existem indivíduos que não necessariamente participam destas convenções e se consideram como parte do grupo. Mas o fato é que diferentemente dos consumidores comuns, a grande maioria

dos fãs – com o intuito de aprofundar a sua experiência – volta ao texto original, com novas interpretações e significados, e se apropria da história, carregando-a para a vida cotidiana. A sua identidade cultural é construída justamente a partir dessa apropriação (GRECO, 2015, apud CARLOS, 2019, p. 4).

Sendo assim, os fãs utilizam do consumo para dizer algo sobre si mesmos e, portanto, construir as suas próprias identidades. Mesmo que “vestir a camisa” ou escrever ficções de uma determinada narrativa aparentemente não provocar impactos claros no desenvolvimento dos jovens, esse consumo atua de maneira indireta na vida deles. A Entrevistada 5, estudante do ensino médio, conta que tanto ler *A Rainha Vermelha* quanto participar do RPG a ajudou a escrever melhor e adquirir parte do conhecimento necessário para o vestibular: “Eu vou precisar fazer vestibular e eu só vou me dar bem se eu ler, independente de ser um clássico ou um livro de fantasia, porque ajuda muito na pontuação. E ver como outras pessoas escrevem me ajuda a escrever também. Quando eu era mais nova, na época que eu li *A Rainha Vermelha*, eu escrevia muito mal. Foi quando eu comecei a ler mais que eu comecei a ter uma noção maior. E quando eu fazia o meu personagem no RPG, eu tinha que escrever turnos, ou seja, eu tinha que descrever as ações do meu personagem, colocar falas e essas coisas. Eram textos razoavelmente grandes, então eu também praticava a minha escrita. Não que eu escreva perfeitamente bem agora, mas foi algo que me ajudou e, conforme eu continuar lendo, vai continuar me ajudando a ter o repertório para escrever uma redação futuramente e a desenvolver o que eu escrevo de uma maneira mais correta”, explica.

Semelhantemente, a Entrevistada 20, responsável pela conta base do RPG de *A Rainha Vermelha*, também expressa o impacto que esta atividade – e a saga como um todo – teve na sua vida: “Eu sei que parece bobo mas administrar um RPG é complicado. Então eu ganhei muita responsabilidade, aprendi a lidar com muita briguinha, a ser responsável comigo mesma e com as pessoas que estavam ao meu redor também. (...) Ler esse livro me ajudou muito. Têm muitas pautas importantes, é um verdadeiro tapa na cara e é uma história incrível, então com certeza mudou a minha vida de várias formas.” Esses relatos são alguns exemplos de como o leitor participativo está redefinindo o sistema de consumo e produção na atualidade. Não apenas isso, mas também demonstra o papel do *fandom* e das práticas subsequentes para o desenvolvimento da identidade individual e coletiva dos seus membros. Longe de ser uma simples mercadoria, a identidade é uma construção feita de todas as nossas experiências

significativas (MARTINO; MARQUES, 2022) que incluem, portanto, a nossa trajetória enquanto fãs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação buscou demonstrar que a leitura da saga *A Rainha Vermelha* bem como o consequente engajamento dos fãs dentro do *fandom* impactou na construção identitária destes agentes. Tende-se a crer que obras ficcionais e, principalmente, da cultura pop possam pouco expressar pautas político-sociais no desenvolvimento do seu enredo. Contudo, o projeto propôs esmiuçar as temáticas centrais trabalhadas nos cinco livros da coletânea, apresentando passagens e analisando como as fãs as interpretam e carregam o conhecimento adquirido para o seu cotidiano. Além disso, também foi possível verificar como obras populares entre o público juvenil em comunidades como o BookTok são cruciais para a melhoria do hábito de leitura no Brasil.

O estudo revela que o envolvimento com a narrativa instiga os fãs a interagirem entre si e a participarem de atividades promovidas dentro de comunidades virtuais, proporcionando um espaço de troca de experiências – seja sobre a leitura ou acontecimentos cotidianos – e criando um senso de pertencimento. O consumo de produtos criados pela indústria do entretenimento faz parte do cotidiano dos jovens, então não é de se surpreender que eles sintam a necessidade de participar do universo ficcional de forma mais ativa (VARGAS, 2005). Esse engajamento, porém, não se restringe ao ambiente digital, podendo ser ampliado para espaços offline responsáveis, inclusive, por aprofundar o vínculo com novos produtos culturais como a ida para shows ou eventos literários, conforme elucidado acima.

Logo, o projeto ressalta que a literatura fantástica tem um potencial tão transformador quanto a literatura clássica, atuando como catalisadora de mudanças comportamentais e de sociabilidade entre os leitores. Para além da concretização da leitura, a obra criada por Victoria Aveyard contribui para a formação de uma nova geração de leitores mais ativa na discussão de pautas socialmente relevantes, bem como interessada em procurar conteúdos a respeito. “Utopia à parte, é certo que quanto mais igualitária for a sociedade, e quanto mais lazer proporcionar, maior deverá ser a difusão humanizadora das obras literárias e, portanto, a possibilidade de contribuírem para o amadurecimento de cada um (CANDIDO, 2011, p. 189).

Em perspectivas futuras, o estudo de fãs de *A Rainha Vermelha* poderia investigar outras questões igualmente relevantes que permeiam a saga de livros que não foram tão destacadas nesta monografia – como as estratégias de comunicação utilizadas pelos

personagens e as relações de confiança – e ainda: fazer uma análise sobre o *fandom* dos Estados Unidos. Este novo enfoque seria interessante porque apesar do fã ser uma concepção universal, se trata de diferentes realidades, culturas, grupos e consequentemente pessoas, o que resultaria em novos dados a serem examinados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Daniele Alves; ARRUDA, Maria Izabel Moreira. ***Fanfiction: uma escrita criativa na web***. Perspectivas em Ciência da Informação: Pará, v. 22, n. 2, p. 88-103, 2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pci/a/bfprW4R7gL9JL7swCZ7hWxs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 out. 2024.

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. **Duas palavras sobre literatura**. Bahia: Rios Eletrônica – Revista Científica da FASETE – Ano 1 – Nº 01, 2007. 4 p. Disponível em:
https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2007/1/duas_palavras_sobre_literatura.pdf. Acesso em: 01 abr. 2024.

AMARAL, Adriana. Entrevista cedida a Marcela Abreu de Souza. **Vermelhos como a Aurora: O impacto de A Rainha Vermelha na vida de jovens leitores**. São Paulo, TCC Graduação (Projeto Experimental de Jornalismo) – Faculdade Cásper Líbero, p. 1-105, nov. 2024.

AMARAL, Adriana; BECKO, Larissa; ESTIVALET, Felipe; GOVARI, Caroline. **Perspectivas de pesquisa em cultura pop: comunicação, fãs, estéticas e narrativas ficcionais**. 1. ed. Rio Grande do Sul: Editora Fi, 2022. 326 p.

ARAÚJO, Mônica Daisy Vieira; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Experiências de leitura literária digital por leitores jovens**. Pro-Posições: Campinas, v. 32, p. 1-21, 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pp/a/NZ5hKn5MN8b7gWJK638vhJq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 ago. 2024.

AVEYARD, Victoria. **A Prisão do Rei**. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2017. 544 p.
_____. **A Rainha Vermelha**. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2015. 424 p.
_____. **Broken Throne**. 1. ed. New York: LitJoy Crate, 2023. 471 p.
_____. **Espada de Vidro**. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2016. 496 p.
_____. **Glass Sword**. 1. ed. New York: LitJoy Crate, 2023. 477 p.

- _____. **King's Cage**. 1. ed. New York: LitJoy Crate, 2023. 518 p.
- _____. **Red Queen**. 1. ed. New York: LitJoy Crate, 2023. 396 p.
- _____. **Tempestade de Guerra**. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2018. 632 p.
- _____. **Trono Destruido**. 1. ed. São Paulo: Editora Seguinte, 2019. 504 p.
- _____. **War Storm**. 1. ed. New York: LitJoy Crate, 2023. 668 p.

AVEYARD, Victoria. Entrevista cedida à equipe da Editora Seguinte. **Entrevista: Victoria Aveyard (A Rainha Vermelha) | Editora Seguinte**. São Paulo, ago. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LAZMcxhhl3M>. Acesso em: 01 mar. 2024.

BECKO, Larissa Tamborindeguy. **Caçadora de fãs: uma aventura acadêmica**. 1. ed. Rio Grande do Sul: Editora AVEC, 2021. 74 p.

BIANCHI, Luis. Brasileiros e streaming, um caso de amor. **Roku Blog**. San Jose: 02 fev. 2022. Disponível em: <https://www.roku.com/blog/pt-br/brasileiros-streaming>. Acesso em: 04 set. 2024.

BIOLCHINI, Jorge Calmon de Almeida; MAIA, Mariangela Rebelo. **Hiperinformação na Era Digital: validação das informações sobre saúde**. P2P & INOVAÇÃO, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, Ed. Especial, p. 285-300, 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5014/4282>. Acesso em: 11 jul. 2024.

BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Dispõe sobre a Política Nacional de Leitura e Escrita bem como o direito ao seu acesso. Brasília: Código civil brasileiro, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: 12 ago. 2024.

BRITO, Danielle Santos de. **A importância da leitura na formação social do indivíduo**. REVELA - Periódico de Divulgação Científica da FALS, São Paulo, v. 4, n. 8, p. 1-35, 2010. Disponível em: http://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf. Acesso em: 23 set. 2024.

BRITTO, Luiz Percival Leme; GIORGI, Cristiano Amaral Garboggini Di. **“Leitura do mundo” e educação em Paulo Freire**. Educ. Soc., Campinas, v. 43, p. 1-18, 2022.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/QZBhvBTZYjsjJTpgm3Tbgzs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. 278 p.

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO. 27ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo recebe 722 mil visitantes e se consagra como a maior edição dos últimos 10 anos. **CBL**. São Paulo, 16 set. 2024. Disponível em:

<https://www.cbl.org.br/2024/09/27a-bienal-internacional-do-livro-de-sao-paulo-recebe-722-mil-visitantes-e-se-consagra-como-a-maior-edicao-dos-ultimos-10-anos/>. Acesso em: 26 set. 2024.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. 272 p.

CARLOS, Giovanna Santana. Entrevista cedida a Marcela Abreu de Souza. **Vermelhos como a Aurora: O impacto de A Rainha Vermelha na vida de jovens leitores**. São Paulo, TCC Graduação (Projeto Experimental de Jornalismo) - Faculdade Cásper Líbero, 1-105, nov. 2024.

CARLOS, Giovanna Santana. **Apontamentos sobre a relação entre cultura pop, fandom e cidadania**. Rio Grande do Sul: XX Congresso da Comunicação na Região Sul – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2019. 15 p. Disponível em:

<https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-1804-1.pdf>. Acesso em: 11 maio 2024.

CARMO, Aguinaldo Adolfo do. **Considerações sobre o fantástico na literatura**. Minas Gerais: Revista do Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso, vol. 6, n. 1, p. 1-17, 2015. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5106115.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2024.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013. 296 p.

CAZELLI, Sibele. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** Rio de Janeiro: Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas) - PUC-Rio, 2005. 260 p.

CHOQUE DA UVA. **#14: Como funciona o cérebro de um fã**. São Paulo: Spotify, 2019. Episódio de podcast (36 min). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/3sHRFI8f07ADQwIobtjMkz>. Acesso em: 19 fev. 2024.

CORSINI, Iuri. Consumo de livros em 2021 foi cerca de 30% maior do que em 2020, diz pesquisa. **CNN Brasil**. Rio de Janeiro, 23 jan. 2022. Cultura, Livros. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/consumo-de-livros-em-2021-foi-cerca-de-30-maior-do-que-em-2020-diz-pesquisa/>. Acesso em: 10 set. 2024.

COSTA, Camilla. As escritoras que tiveram de usar pseudônimos masculinos – e agora serão lidas com seus nomes verdadeiros. **BBC Brasil**. São Paulo, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43592400>. Acesso em: 28 out. 2024.

ECO, Umberto. **Lector In Fabula: A Cooperação Interpretativa nos Textos Narrativos**. São Paulo: Perspectiva, 1988. 240 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7832198/mod_resource/content/2/Eco%20capitulo%20O%20leitor%20modelo.pdf. Acesso em: 15 abr. 2024.

EDITORIA SEGUINTE. **O que rolou na Bienal do Livro de São Paulo 2018**. São Paulo: YouTube, 2018. Vídeo (7 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=1h5IwZ1shPs>. Acesso em: 16 out. 2024.

FARIAS, Gisele. Fã brasileiro gasta R\$ 200 por mês com ídolos e marcas, diz pesquisa. **CNN Brasil**. São Paulo, 24 out. 2024. Consumo, Fãs, Gastos, Shows. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/financas/fa-brasileiro-gasta-r-200-por-mes-com-idolos-e-marcas-diz-pesquisa/>. Acesso em: 27 out. 2024.

FREIRE, Paulo. **A Importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 52. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2021. 176 p.

FUNDACIÓN SM. **Jóvenes en Iberoamérica 2021**. Madrid: Observatorio de la Juventud en Iberoamérica, 2021. Disponível em:

<https://redgesm.sharepoint.com/sites/WebsFundacinSM/Shared%20Documents/Forms/AllItems.aspx?id=%2Fsites%2FWebsFundacinSM%2FShared%20Documents%2FGeneral%2FInformes%20J%C3%B3venes%20OJI%2FJ%C3%B3venes%20Iberoam%C3%A9rica%5FDossier%20%281%29%2Epdf&parent=%2Fsites%2FWebsFundacinSM%2FShared%20Documents%2FGeneral%2FInformes%20J%C3%B3venes%20OJI&p=true&ga=1>. Acesso em: 16 set. 2023.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) - Educação 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em:

https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102068_informativo.pdf. Acesso em: 13 ago. 2024.

INAF. **Em 20 anos, índice de analfabetos funcionais caiu de 40% para 30%**. São Paulo: INAF, 2024. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

INFOBASE. **TikTok: a rede social da geração Z**. Rio de Janeiro: Infobase. Disponível em: <https://infobase.com.br/infografico-tik-tok-rede-social-da-geracao/>. Acesso em: 11 set. 2024.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura em Eventos Literários e do Livro**. São Paulo: IPEC – Inteligência em Pesquisa e Consultoria, 2022. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2022/08/PesquisaItau%CC%81Cultural_IPL_PerfilLeitoresdaBienaldoLivroSP22-2-1.pdf. Acesso em: 02 out. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 3. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2022. 432 p.

JUNIOR, Gilberto Ferreira Sena. **Realidade *versus* ficção: a literatura como fonte para a escrita da história**. Bahia: Mestrando em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2021. 12 p. Disponível em:
<https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2024.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores & leitura**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2001. 128 p.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. **Política, Cultura Pop e Entretenimento: O improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea**. 1. ed. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2022. 290 p.

MASCARENHAS, Alan; TAVARES, Olga. **A inteligência coletiva do fandom na rede**. Paraíba: XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande, 2010. 10 p. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/r23-1409-1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MELO, Fernanda de. **A leitura infantil como recurso no processo de ensino aprendizagem na leitura**. Rondônia: TCC Graduação (Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia) - Universidade Federal de Rondônia, 2016. 72 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conheça a história da educação brasileira**. Brasília: Institucional, 2018. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/pet/33771-institucional/83591-conheca-a-evolucao-da-educacao-brasileira>. Acesso em: 04 set. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Estudo Internacional de Progresso em Leitura (PIRLS)**. Brasília: Avaliações e Exames Educacionais. Disponível em:
<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/pirls>. Acesso em: 04 set. 2024.

MIRANDA, Angela Luzia. **Cibercultura e educação: pontos e contrapontos entre a visão de Pierre Lévy e David Lyon.** Trans/Form/Ação: São Paulo, v. 44, n. 1, p. 45-68, jan.-mar. 2021. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/trans/a/wYJBZNYSRCCBSRBjrdkW8jw/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2024.

MIRANDA, Fabiana Móes. **Fandom: um novo sistema literário digital.** Hipertextus Revista Digital: Pernambuco, n. 3, 2009, p. 1-21, 2009. Disponível em:
<http://arquivohipertextus.epizy.com/volume3/Fabiana-Moes-MIRANDA.pdf?i=2>. Acesso em: 09 out. 2024.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. **TikTok como suporte midiático para a aprendizagem criativa.** Revista Latino-Americana de Estudos Científicos - RELAEC. Maranhão, v. 1, n. 2, p. 5-20, jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/30795>. Acesso em: 09 jul. 2024.

MONTEIRO, Jean Carlos da Silva; PEREIRA, Alexandre André Santos. **BookTok e o incentivo à leitura no TikTok.** Portal de Periódicos UFPB. Paraíba, ano XVIII, n. 9, p. 158-173, set. 2022. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/64157/36038>. Acesso em: 07 ago. 2024.

MONTEIRO, Tiago José Lemos. **Entre a Patologia e a Celebração: a Questão do Fã em uma Perspectiva Histórica.** Rio de Janeiro: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UERJ, 2005. 15 p. Disponível em:
<https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/46584785951011176058128765588485771320.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MORAES, Daniella; FRAGA, Thaína. **Coreia do Sul na Mídia: Como a Hallyu é retratada na Folha de S. Paulo (2012-2020).** São Paulo: TCC Graduação (Projeto Experimental de Jornalismo) - Faculdade Cásper Líbero, 2022. 93 p.

MUTA, Juliano. Mulheres buscam maior representatividade na literatura. **Folha de Pernambuco**. Pernambuco, 19 fev. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/mulheres-buscam-maior-representatividade-na-literatura/216267/>. Acesso em: 28 out. 2024.

NEVES, Marina Rappa. **Fãs em Ambiente Digital: As Articulações Comunicacionais dos fãs da banda One Direction**. São Paulo: TCC Graduação (Projeto Experimental de Jornalismo) - Faculdade Cásper Líbero, 2016. 69 p.

NIELSEN BOOKDATA. **Panorama do Consumo de Livros: Um estudo sobre o perfil e hábitos de compradores de livros no Brasil**. Hertfordshire: Câmara Brasileira do Livro (CBL), 2023. Disponível em: <https://conteudo.cblservicos.org.br/lp-pesquisas-2023-panorama-do-consumo-de-livros>. Acesso em: 05 set. 2024.

NÓBREGA, Beatriz Henriques de. **Além de uma Direção: As Transformações e Ramificações de Um *Fandom Pop***. São Paulo: TCC Graduação (Projeto Experimental de Jornalismo) - Faculdade Cásper Líbero, 2019. 83 p.

O GLOBO. 'Encha seu Kindle': saiba sobre a promoção para ter mais de 7 mil ebooks de graça ou com desconto. **O Globo**. Rio de Janeiro, 24 ago. 2024. Amazon. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2024/08/24/encha-seu-kindle-saiba-sobre-a-promocao-para-ter-mais-de-7-mil-ebooks-de-graca-ou-com-desconto.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2024.

PICANÇO, Ana Luísa Bibe. **A relação entre escola e família - as suas implicações no processo de Ensino-Aprendizagem**. Lisboa: Mestrado (Relatório de Mestrado apresentado para a obtenção do Título de Mestre em Supervisão Pedagógica) - Escola Superior de Educação João de Deus, 2012. 152 p.

PILLE, Letícia. Brasil fica em 52º lugar em ranking internacional de leitura. **Poder360**. Brasília, 16 maio 2023. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/educacao/brasil-fica-em-52o-lugar-em-ranking-internacional-d-e-leitura/>. Acesso em: 04 set. 2024.

PIRLS. **Countries' Reading Achievement**. Massachusetts: PIRLS, 2023. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2023/05/PIRLS-paises-2021.pdf>. Acesso em: 04 set. 2024.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais em Redes Sociais na Internet: Uma proposta de estudo**. Rio Grande do Sul: Ecompos, vol. 4, p. 1-17, 2005. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/seminario2005.pdf>. Acesso em: 02 out. 2024.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Comunidades virtuais - Uma abordagem teórica**. Rio Grande do Sul: Ecos Revista, vol. 5, n. 2, p. 109-126, 2001. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/teorica.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. Rio Grande do Sul: Metamorfozes jornalísticas 2: a reconfiguração da forma, p. 1-269, 2009. Disponível em: <http://www.pontomidia.com.br/raquel/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em: 27 set. 2024.

RESSEL, Lúcia Beatriz; BECK, Carmen Lúcia Colomé; GUALDA, Dulce Maria Rosa; HOFFMANN, Izabel Cristina; SILVA, Rosângela Marion da; SEHNEM, Graciela Dutra. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI**, Universidade de São Paulo, 2008.

ROSA, Thaís Magalhães. **Headcanon: uma revisão conceitual à luz do caso Harry Potter no Tumblr**. Distrito Federal: TCC Graduação (Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo) - Universidade de Brasília, 2018. 118 p.

SAGGESE, Gustavo Santa Roza; MARINI, Marisol; LORENZO, Rocío Alonso; SIMÕES, Júlio Assis; CANCELA, Cristina Donza. **Marcadores sociais da diferença: gênero, sexualidade, raça e classe em perspectiva antropológica**. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2018. 351 p.

SANDVOSS, Cornel. Quando estrutura e agência se encontram: os fãs e o poder. **Ciberlegenda**. Rio de Janeiro, n. 28, p. 8-41, 2013.

SANSEVERINO, Gabriela Gruszynski. **As representações do jornalismo na ficção de Harry Potter transmídia: a função social e o *ethos* profissional**. Rio Grande do Sul: Dissertação (Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. 212 p.

SANTOS, Gerson Tenório dos. **O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação**. Kaliope, São Paulo, ano 3, n. 2, p. 94-111, jul./dez. 2007.

SANTOS, Tamires Dias dos. **Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural**. Rio de Janeiro: Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência, vol. 7, n. 2, p. 25-36, 2014.

Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/tragica/article/download/26142/14883/68279>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SNEL. **Painel do Varejo: Vendas de livros em 2021 já superam performance de todo o ano de 2020**. Rio de Janeiro: Nielsen BookScan, 2021. Disponível em: <https://snel.org.br/painel-do-varejo-vendas-de-livros-em-2021-ja-superam-performance-de-todo-o-ano-de-2020/>. Acesso em: 10 set. 2024.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. México: Versão brasileira DIGITAL SOURCE, 1980. 96 p. Disponível em: https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan_Todorov_Introducao_a_literatura_Fantastica. Acesso em: 26 mar. 2024.

TORRES, Bolívar. Por que a procura por livros de fantasia disparou durante a pandemia. **O Globo**. Rio de Janeiro, 03 abr. 2021. Cultura. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/por-que-procura-por-livros-de-fantasia-disparou-durante-pandemia-24953754>. Acesso em: 22 abr. 2024.

VALENTE, Mariana. **Internet e Censura: Quem fala, quem ouve, e quem define a verdade na era digital?** Concinnitas, n.33, p. 123-133, 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/39852/27926>. Acesso em: 09 jul. 2024.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico.** 1. ed. Rio Grande do Sul: UPF Editora, 2005. 127 p.

VIEIRA, José Geraldo. **Guia para normalização de trabalhos acadêmicos.** São Paulo: Biblioteca Faculdade Cásper Líbero, 2021. 86 p.

WARREN, Austin; WELLEK, René. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 446 p.

MEMORIAL

Para mim, a graduação em jornalismo nunca foi uma opção óbvia, mas algo que eu tinha certeza desde as aulas de língua portuguesa e redação na escola era que eu queria trabalhar com a escrita. Então quando eu ingressei na Cásper – após muita pesquisa e um ano de cursinho –, não foi novidade para ninguém eu ter escolhido fazer um projeto inteiramente em texto para o TCC. No entanto, a monografia não estava no meu plano inicial. Desde que eu descobri que era possível escrever um livro-reportagem como trabalho de conclusão, eu passei a me interessar pela ideia, embora não soubesse exatamente qual seria o tema. Porém, devido ao desencontro de ideias sobre o formato do trabalho com meu grupo, já na etapa de elaboração do pré-projeto, decidi seguir para outro caminho.

Eu sabia que pela regulamentação do projeto experimental eu não poderia fazer um livro-reportagem sozinha, então logo desconsidere a ideia. Para mim, importava mais que o trabalho fosse feito em texto do que necessariamente no modelo que eu havia imaginado inicialmente. Desse modo, a monografia se apresentou como opção principal - e única. Felizmente, não demorou muito para que eu me envolvesse e me animasse com o novo plano. Com o meu primeiro estágio e atual trabalho pude desenvolver habilidades voltadas para o jornalismo de dados e, por consequência, passei a me interessar pelas análises que poderiam ser feitas a partir de pesquisas tanto qualitativas quanto quantitativas. Além disso, ao longo dos quatro anos de curso, consegui escrever matérias e aprofundar o meu conhecimento nas minhas áreas favoritas do jornalismo: cultural e de entretenimento, nas quais pretendo atuar no futuro. Foi com um trabalho realizado na disciplina Mídia e Sociedade Contemporânea, no segundo ano, que o entusiasmo pela cultura de fãs cresceu em mim.

Foi assim que eu resolvi sair da minha zona de conforto e me arriscar. Escrevi o meu pré-projeto do zero e comecei a realizar a releitura de *A Rainha Vermelha* naquele mesmo ano. Senti como se estivesse me reconectando com a Marcela de 2016, que estava começando a entrar no mundo dos livros e não fazia a menor ideia da onde aquilo iria levar. Ter a oportunidade de não apenas reler a minha saga de livros favorita como conversar a respeito com outras fãs foi muito especial. Ao final de cada entrevista ou grupo focal eu percebia o potencial dessa narrativa de transformar as pessoas tanto quanto me transformou e, consequentemente, me sentia mais motivada a continuar escrevendo. E isso me impactou não apenas no quesito pessoal mas profissional também. Como jornalista, eu sempre tive vontade

de conhecer pessoas novas e as suas histórias únicas, então ter experienciado isso durante a consolidação do TCC fez com que eu tivesse ainda mais certeza da profissão que eu escolhi.

Embora não tenha sido a primeira vez que eu entrei em contato com um texto acadêmico, foi a primeira vez que eu escrevi um. Foi bastante desafiador, principalmente no começo, mas ter conseguido entrevistar a Adriana Amaral e a Giovanna Santana me deu uma ideia mais clara de como iniciar a minha escrita e me possibilitou ter um embasamento maior sobre a cultura de fãs e os princípios que englobam esse campo de estudo. Além disso, a leitura dos livros teóricos e artigos acadêmicos também me ajudou a encontrar novas referências e aplicá-las não apenas nos exercícios com as fãs mas no texto como um todo. Destaco aqui os livros *Perspectivas de pesquisa em cultura pop: comunicação, fãs, estéticas e narrativas ficcionais* e *Política, Cultura Pop e Entretenimento: O improvável encontro que está transformando a democracia contemporânea* por explorarem produtos culturais dos quais também sou fã e evidenciarem a liberdade que a comunicação tem de tratar sobre assuntos tão diversos.

Um dos maiores desafios enfrentados no desenvolvimento do TCC foi a organização com o tempo, considerando que desde julho passei a trabalhar oito horas por dia. Apesar de ter desenvolvido a monografia em casa, em diversos momentos me encontrei decupando entrevistas ou escrevendo passagens no transporte público ou mesmo na faculdade para aproveitar os intervalos que eu tinha. À vista disso, tive que reformular o meu cronograma algumas vezes, recalcular a rota e passar algumas noites escrevendo mas que, no fim, valeram cada segundo dedicado. Eu sei que a realidade do pesquisador acadêmico no Brasil não é fácil e é marcada por diversos desafios – incluindo este –, mas ainda assim consigo me ver ingressando na área futuramente. O apoio do meu professor orientador Danilo Teixeira foi fundamental nesse sentido, tanto para me instruir e tranquilizar nesse processo quanto para me incentivar e dar dicas de como fazer uma especialização em áreas do meu interesse.

Assim sendo, encerro a minha jornada universitária com vistas para a pós-graduação e consequentemente mestrado – e, quem sabe, até doutorado – na área da comunicação. Sinto que a minha escrita amadureceu com cada capítulo entregue para o meu orientador, o que apenas aprofundou o meu interesse pela área. Mesmo com os contratempos, consegui aproveitar cada etapa da elaboração da minha monografia e hoje me sinto realizada, especialmente por ter escolhido algo que eu genuinamente queria fazer, por mais desafiador que pudesse ser.

Posso não ter poderes tampouco estar vivendo em uma sociedade dividida entre os sangues vermelho e prateado mas, da mesma forma que a Mare, tive a chance de cair e me levantar diversas vezes ao longo deste ano. Carrego essa premissa desde que li *A Rainha Vermelha* pela primeira vez em 2016 e pretendo carregá-la para a minha próxima jornada para depois daqui.